



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Elisabete Maria Batista Rodrigues
112216018

ESPERANÇA, o dom de ver para além do visível.

Uma proposta à luz da Unidade Letiva 2 do 5 ano.

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
Sob a orientação de:
Professora Dr.^a Cristina Sá Carvalho
Professor Doutor João Norton

Lisboa
novembro de 2019

«A esperança é sempre uma espera vivida e desperta a atenção de todos os sentidos [...] Deixamos de reconhecer apenas as coisas pelo que são ou pelo que se tornaram, mas passamos a reconhecer o que elas podem vir a ser[...] A esperança acorda também o nosso sentido do possível.»

Jurgen Moltmann¹

«[...] Esperar não é algo de passivo, pelo contrário, é uma resposta de fé e de amor que implica todo o ser do cristão e que requer dele uma permanente purificação e renúncia, um caminho de santidade.»

Tiago de Quadros Esteves²

¹ José Tolentino Mendonça, *Esperar contra toda a esperança* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2016), 19.

² Tiago de Quadros Esteves, *Uma esperança para além de qualquer esperança* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2019), 139.

Agradecimentos

«Louvai o SENHOR, porque Ele é bom, porque o seu amor é eterno! (...) Só Ele faz grandes maravilhas.» (Salmo 136, 1, 4)

A Deus, o meu maior Louvor por sempre me ter amparado no seu colo durante esta caminhada, o que me encheu de esperança para nunca desistir da minha missão.

Um agradecimento muito especial à minha família que sempre me acompanhou nesta caminhada com dedicação. Em especial, ao meu marido Ricardo Costa que cuidou dos nossos filhos durante as minhas ausências da ilha para a realização deste sonho. Aos nossos filhos Beatriz e Henrique por serem a minha fonte de inspiração.

Recordo todos os amigos, colegas de profissão e os deste curso, com os quais fiz este percurso, agradeço todo o apoio concedido. A todos os professores pelos seus ricos ensinamentos. Destaco de modo especial os orientadores deste relatório a Dr.^a Cristina Sá Carvalho e o Doutor João Norton, pela sua disponibilidade, incentivo, mas acima de tudo pela grande sabedoria que em muito auxiliou esta reflexão.

Manifesto o meu profundo apreço e agradecimento ao Colégio Amor de Deus onde realizei a Prática de Ensino Supervisionada, especialmente ao Professor Cooperante Bento Oliveira, à turma D do quinto ano e às colegas do núcleo de estágio.

Por fim, agradeço o apoio concedido pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã e pelo Serviço da Pastoral Escolar da Diocese de Angra.

A todos e todas o meu muito obrigada e deixo-vos esta mensagem:

Sejam sempre capazes de ver na esperança a porta que nos conduz a Deus!

Resumo

O presente Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada pretende refletir se num mundo pautado pela superficialidade, estarão os alunos despertados para a espera e para a confiança? Estarão conscientes de que a proposta do Advento como caminho de espera é importante para cultivar o dom da esperança?

Em primeiro lugar, é fundamental observar que, para os cristãos o Advento e o Natal nos trazem a maior dádiva de Deus, o Seu filho Jesus Cristo, que é a concretização da esperança cristã que advém do Antigo Testamento, isto é, da Aliança de Deus com o Seu Povo. Logo se pode afirmar que a esperança é um dom, algo que nos é dado por Deus como instrumento para que, num mundo marcado pela inquietude, possamos viver em Graça.

Promover o encontro com o outro nas gerações mais jovens, especialmente com os que se sentem excluídos é a missão da Educação Moral e Religiosa Católica [EMRC]. A pedagogia do serviço, a partir da lecionação da Unidade Letiva número dois do quinto ano – “Advento e Natal” parte da fé em Jesus, que Se faz presente no próximo, um menino pobre e indefeso, mas que trouxe uma grande luz e riqueza ao mundo: a demonstração de que a felicidade e a salvação passam pela entrega ao outro.

Pretende-se demonstrar que, partindo do estudo do significado dos vários sinais e símbolos referenciados nesta unidade letiva, os alunos serão capazes de reconhecer a importância de se ser esperança no mundo, na sua forma de ser e de estar em sociedade e, de modo mais concreto, no contexto escolar. O recurso à simbologia representa uma forma de inculturação da fé no mundo atual desligado do espiritual e submerso na superficialidade.

Para as crianças de dez anos é difícil saber esperar, quando o mundo à sua volta apela ao imediato. Modificar este pensamento usando o exemplo do Advento como tempo de espera, pelo recurso ao simbolismo, possibilitou aos alunos uma outra visão, e uma maior consciência de que tudo se obtém se soubermos esperar com esperança.

Através da pedagogia do serviço, os alunos tornam-se mais conscientes de que a esperança não é um sentimento só deles, mas que implica a sua atuação no mundo, ser-se esperança para o outro, para a comunidade: «...a esperança em sentido cristão é sempre esperança também para os outros. E é a esperança activa que nos faz lutar para que as coisas não caminhem para o “fim perverso”...»³ Afinal «como seria possível viver neste mundo sem confiar que haverá à nossa espera um mundo melhor?»⁴

Palavras chave: Esperança, Símbolo, Advento, Natal, Invisível, Simbologia, Pedagogia do Serviço, Educar.

³ Papa Bento XVI, *Salvos na Esperança* (São Paulo: PAULUS Editora, 2007), nº 34.

⁴ Helena Sacadura Cabral, *Tempo de esperança* (Lisboa: Editora Clube do Editor, 2019), 44.

Abstract

This Final Report on Supervised Teaching Practice aims to reflect if in a world punctuated by superficiality, the students will be or are awake to the expectation and the confidence? Will be/Are they aware that the Advent proposal as a path of waiting is important to cultivate the gift of hope?

First of all, it is essential to notice that for Christians, the Advent and Christmas bring us the greatest gift of God, His son Jesus Christ, who is the fulfillment of the Christian hope that comes from the Old Testament, that is from the Covenant of God with His People. It can then be said that hope is a gift, something that is given to us by God as an instrument so that, in a world marked by the restlessness, we can live in Grace.

Promoting the encounter with the other in younger generations, especially with those who feel excluded is EMRC's mission. The pedagogy of the service, based on the teaching of the fifth-year unit number “Advent and Christmas”, starts from the faith in Jesus, who is present in the other, a poor and defenseless child, but who brought a great light and richness to the world: the demonstration that happiness and salvation pass through surrender to the other.

It is intended to demonstrate that, starting from the study of the meaning of the various signs and symbols of the Teaching Unit mentioned above, the students recognize the importance of being hope in the world, in its way of being in society and in a more specific way in the school context. The use of symbology represents a form of inculturation of faith in today's world disconnected from the spiritual and submerged in superficiality.

For ten-year-olds it is hard to know how to wait when the world around them appeals to the immediate. Modifying this thinking using the example of the Advent as a waiting time

through the use of symbolism has given students another insight and a greater awareness that everything is achieved if we know to wait with hope.

Through service pedagogy, the students become more aware that hope is not our own feeling, but that it implies acting in the world, being hope to the others, to the community: «...hope in the Christian sense is also always hope to the others. And it is the active hope that makes us fight so that things do not go to the “evil end”». ⁵ «After all how would it be possible to live in this world without trusting that there will be a better world waiting for us?» ⁶

Key words: Hope, Symbol, Advent, Christmas, Invisible, Symbology, Pedagogy of Service, Educate.

⁵ Papa Bento XVI, *Salvos na Esperança*, nº 34.

⁶ Cabral, *Tempo de Esperança*, 44.

Abreviaturas

GS	Gaudium et Spes
EG	Evangelium Gaudium
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
PES	Prática de Ensino Supervisionada
CAD	Colégio Amor de Deus
CEP	Conferência Episcopal Portuguesa
SNEC	Secretariado Nacional da Educação Cristã
TPC	Trabalhos de casa

Índice de Ilustrações

Quadro 1 - Plano da Aula número um da unidade letiva 2.....	54
Quadro 2 - Plano da Aula número um da Unidade Letiva 2	62
Quadro 3 - Plano da Aula número três da Unidade Letiva 2	66
Quadro 4 -Plano da Aula número quatro da Unidade Letiva 2.....	71
Quadro 5- Plano de Aula número cinco da Unidade Letiva 2.....	74
Quadro 6- Plano da aula número seis da Unidade Letiva 2	78
Quadro 7- Plano da Aula número seis da Unidade Letiva 2	83
Quadro 8- Plano da Aula número oito da Unidade Letiva 2	88
Quadro 9 -Proposta de planificação e lecionação da aula um, unidade letiva 2	148
Quadro 10 - Proposta Plano de Aula número dois da unidade letiva 2	152
Quadro 11 - Proposta de Planificação e Lecionação da aula número três da unidade letiva 2 .	158
Quadro 12- Proposta de Planificação e de Lecionação da aula número quatro da unidade letiva 2	163
Quadro 13- Proposta de Planificação e Lecionação da aula número cinco da unidade 2.....	168
Quadro 14- Proposta de Planificação e Lecionação da aula número 6 da Unidade Letiva 2 ...	173
Quadro 15- Proposta de Planificação e Lecionação da aula número oito da unidade letiva 2 .	186

Índice

Introdução	15
Capítulo 1 - Educação, Arte e compromisso	19
1.1. Educar porquê e para quê?	19
1.2. O lugar da EMRC na escola	22
1.3. Educadores para uma esperança ativa.....	26
1.4. Contributo da Prática de Ensino Supervisionada.....	30
1.4.1 Contextualização da PES	33
1.4.2. Caraterização do Colégio Amor de Deus.....	34
1.4.3. Caraterização da turma D do 5ºano de escolaridade.....	41
1.5. Abordagem da Prática de Ensino Supervisionada	46
1.5.1. Análise da Unidade Letiva “Advento e Natal”	46
1.5.2. Planificação e Lecionação da Unidade Letiva 2	50
1.5.3. Reflexão da Prática	91
1.5.4. Para ir mais longe ou onde me leva a esperança.....	94
Capítulo 2. A ESPERANÇA, dom de ver para além do visível.....	99
2.1. O que é a esperança?.....	99
2.2. O sentido antropológico da esperança	100
2.2.1. Aproximação linguística entre espera e esperança.....	100
2.2.2. A esperança numa dimensão antropológica.....	102
2.3. A Esperança na literatura	104
2.3.1. A simbologia da obra do Príncipezinho e da Bíblia como caminho de esperança.....	105
2.3.2. Aliança entre a mensagem do Príncipezinho e a de Jesus Cristo.....	111
2.4. Hermenêuticas da Esperança Cristã.....	113
2.4.1. A Esperança na Bíblia.....	113
2.4.1.1. No Antigo Testamento.....	114
2.5. A Esperança sob o ponto de vista da teologia	122
2.6. A Esperança cristã, numa perspetiva eclesial	125
2.7. A Esperança na unidade letiva “Advento e Natal”	127
2.8. Para problematizar a lecionação do conceito e da experiência da esperança a crianças de 10 anos	128
Capítulo 3. O simbólico como caminho até ao invisível.....	133
3.1. Símbolo, um sinal	133
3.2. Símbolo e simbolismo bíblico	136
3.3. Símbolo, linguagem simbólica	138

3.4. Simbologia na unidade letiva “Advento e Natal”	139
3.5. Como e para quê educar com recurso ao simbólico	141
Capítulo 4. Uma nova proposta pedagógica para a lecionação da unidade letiva “Advento e Natal”	145
4.1. Para introduzir as consequências de uma reflexão pedagógica	145
4.2. Descrição e aplicabilidade	147
4.3. Reflexão sobre a proposta pedagógica.....	190
Conclusão	191
Bibliografia.....	195

Introdução

«A esperança começa por ser precisamente desafio a transcender [...]

A esperança desinstala-nos...A esperança quer-nos assim.»

José Tolentino Mendonça⁷

Numa sociedade largamente marcada pelo consumismo, pelo individualismo e pelo uso desenfreado e desregulado da tecnologia é cada vez mais urgente direcionar os corações humanos para o amor e para a fraternidade: «Porque será que quanto mais evoluímos, menos humanidade e até capacidade de empatia revelamos?»⁸

Ao olhar o mundo com fé, o Homem deve ser capaz de ler os sinais de Deus à luz dos tempos. Para tal, é essencial reconhecer o sentimento que atravessa esta perspetiva: a ESPERANÇA. Tal como afirma Bento XVI, na sua encíclica *Spe Salvi*, «A fé é substância da esperança.»⁹ Porque «É na esperança que fomos salvos: diz São Paulo aos Romanos e também a nós [Rm 8,24].»¹⁰

Hoje é comum que a busca pelo sentido esteja sujeita à supremacia da razão. Por isso torna-se fundamental incutir às novas gerações a capacidade de leitura e de descoberta do Transcendente, num mundo que se limita ao visível, sem dar uma resposta concreta às interrogações do eu interior. Mudam-se os tempos, mas a necessidade do ser humano de uma reconversão permanece. Na verdade, a humanidade atual onde reside o egoísmo, a injustiça, a guerra, a desconfiança [...] continua sedenta das atitudes que sustentam o Advento e o Natal: parar, pensar, mudar e [re]nascer.

Na contemporaneidade vivem «Marcados por circunstâncias tão complexas, muitos dos nossos contemporâneos são incapazes de discernir os valores verdadeiramente permanentes e

⁷ Mendonça, *Esperar contra toda a esperança*, 33.

⁸ Mendonça, *Esperar contra toda a esperança*, 64.

⁹ Papa Bento XVI, *Salvos na esperança*, nº 20.

¹⁰ Papa Bento XVI, *Salvos na esperança*, nº 1.

de os harmonizar com os novamente descobertos. Daí que, agitados entre a esperança e a angústia, sentem-se oprimidos pela inquietação, quando se interrogam acerca da evolução actual dos acontecimentos. Mas esta desafia o homem, força-o até a uma resposta.»¹¹

Nesse âmbito, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) possui uma relevância ímpar: ela fomenta a exploração da existência humana na perspectiva do Transcendente, conduzindo o aluno à descoberta do fenómeno religioso e da dimensão religiosa da pessoa, com base na visão cristã. «A disciplina de EMRC também concorre para esse fim [ajudar a reinventar o sentido da vida dos alunos]. A riqueza dos seus conteúdos e a variedade de ações que propõe marcam profundamente e possibilitam um olhar próprio e sempre renovado da Vida e do Mundo que nos cercam.»¹²

A essência da fé cristã envolve a valorização do verdadeiro sentido das principais celebrações cristãs, como é o caso do Natal, enquanto lugar de encontro com Cristo no outro, no irmão. Infelizmente, na atualidade, cada vez mais se sente que esta festa está reduzida a uma celebração de âmbito familiar, uma época do ano marcada pelo excessivo consumismo: «[...] O Natal, como o preparamos? No meio da azáfama das luzes e das prendas, das renas e do peru, teremos tempo para meditar.»¹³ Por essa razão, é urgente contrariar esta tendência e é nesse sentido, que surge o papel da disciplina, nomeadamente da Unidade Letiva “Advento e Natal”:

Considerando que a escola é responsável por promover ações concretas de valorização da cultura, não deve ficar indiferente a celebrações que cultural ou religiosamente marcam o calendário. Em contexto escolar e, de acordo com a matriz curricular, pode a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica potencializar os diversos elementos que o Natal contém, desafiando os alunos na procura de um novo modelo de leitura do Natal: a dádiva.¹⁴

¹¹ *Gaudium et Spes (GS)*, nº 4.

¹² Agência Ecclesia, «A disciplina de EMRC pode ajudar a reinventar o sentido da vida dos alunos», entrevista a António Madureira, *Semanário Voz Portugalense*, 2006, acedido a 18 de fevereiro de 2019, <https://www.agencia.ecclesia.pt/portal/a-disciplina-de-emrc-pode-ajudar-a-reinventar-o-sentido-da-vida-dos-alunos/>.

¹³ Teresa Power, *Via Stellae* (Lisboa: PAULUS Editora, 2018), 4.

¹⁴ Ana Silva, «Natal, a Celebração da dádiva», (tese de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Teologia da Universidade Católica, 2017), 4.

Este é o desafio auxiliar o aluno na saída de si em direção ao irmão, possibilidade de encontro com o Outro: «Ser cristão é tentar que todos tenham uma vida digna e que ninguém se deixe derrotar pelo desalento.»¹⁵

Assim, nas páginas que se seguem, será abordada a problemática relativa à pertinência da lecionação da Esperança, – a partir da unidade letiva dois, do quinto ano de escolaridade, “Advento e Natal”. Isto porque, quando foi feita a planificação e a lecionação desta unidade letiva se verificou que poderia ser enriquecida através da introdução da temática da esperança, já que Natal é renascimento da pessoa humana, a partir do nascimento do Menino Jesus. Uma esperança que seja desestabilizadora, apontando no sentido de os alunos se transformarem em seres de esperança ativa no mundo, favorecendo a sua formação para uma vida em comunidade, onde não sejam egoístas e se entreguem às necessidades dos outros e da “casa comum”.

No primeiro capítulo, será discutida a importância da educação e de esta estar ao serviço de uma esperança ativa, nomeadamente através da disciplina de EMRC, apresentando o contributo da Prática de Ensino Supervisionada na descoberta de quão importante é e, acima de tudo, de como é possível falar de esperança a crianças de dez anos.

No segundo capítulo, será feita a análise ao conceito da esperança numa dimensão axiológica, antropológica, bíblica, eclesial e literária. Dessa forma, pretende-se focar a relevância da atitude de espera e do valor da esperança na ação humana tal como nos transmite a Palavra de Deus, com a expressão «Esperar contra toda a esperança.»¹⁶

No presente capítulo, desta monografia, pretende-se também interpretar a Esperança como um sentimento presente não só na Igreja como na sociedade em geral, através da literatura, partindo da interligação da obra do Príncipezinho com a Palavra de Deus, expressa na Bíblia.

De seguida, no terceiro capítulo, refletir-se-á, a partir de uma leitura do simbólico, se é possível entender a esperança como dom. É pela metáfora que somos chamados a fazer um

¹⁵ Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC), «Conta Comigo - Manual do 5º ano», (Lisboa: SNEC, 2018), 63.

¹⁶ Cf. Rm 4, 18. A Bíblia Sagrada citada é a versão da Difusora Bíblica, e assumimos a nomenclatura e abreviatura da mesma.

caminho de descoberta de conceitos e sentimentos mais profundos, e, assim somos conduzidos ao invisível, ao Transcendente. Discutir-se-á a relação entre símbolo e sinal, símbolo e a sua presença na bíblia bem como a importância da linguagem simbólica.

O capítulo termina com a problematização de como lecionar o conceito e a experiência da Esperança a crianças de dez anos atendendo à caracterização psicológica e espiritual desta faixa etária. E ponderando a pedagogia do serviço como uma resposta ao problema em causa.

O quarto capítulo centrar-se-á na apresentação e reflexão da docente acerca das estratégias aplicadas para a leção do conceito da Esperança, se foram inovadoras e adequadas atendendo aos alunos. Avaliar se foram capazes de estabelecer pontes entre os símbolos do seu quotidiano e a mensagem que a unidade letiva “Advento e Natal” evidencia.

O quarto e último capítulo terminará com a apresentação de uma nova proposta de leção da unidade letiva “Advento e Natal” tendo por base a esperança como Dom de Deus e a simbologia. Aqui incluir-se-á a apresentação de novos recursos, que, na sua maioria foram aplicados na Prática de Ensino Supervisionada.

«Para um mundo melhor é urgente que se eduquem crianças para serem evangelizadoras da esperança com o seu modo de acolher, de sorrir, de amar.»¹⁷ Nesse sentido, procurar-se-á chegar a uma conclusão relativamente à possibilidade de abordagem do tema da esperança com alunos de dez anos, tendo como estratégia o recurso à simbologia e à pedagogia do serviço, tendo em conta a prática letiva da docente [embora só tenha havido oportunidade de aplicar esta pedagogia na parte final da leção].

Pretende-se, igualmente, avaliar de que maneira a disciplina de EMRC desperta para a importância de se ter uma atitude de espera. Por fim, ambiciona-se descobrir se os alunos se tornaram mais capazes de caminhar para uma vivência aprofundada do Dom da Esperança: sendo esperança para os outros, através de pequenos gestos, que representarão muito para o próximo, o mais necessitado.

¹⁷ Papa Francisco, *Alegres na Esperança- Catequeses sobre a Esperança Cristã*, (Lisboa: PAULUS Editora, 2019), 123.

Capítulo 1 - Educação, Arte e compromisso

**«A educação é um ato de amor, é dar a vida.
E o amor é exigente, pede o empenho dos melhores recursos,
despertar a paixão e colocar-se a caminho junto com os
jovens, com paciência.»**

Papa Francisco¹⁸

1.1. Educar porquê e para quê?

**«A educação deve favorecer a
compreensão, a tolerância e a amizade entre
todas as nações e todos os grupos raciais ou
religiosos, assim como o desenvolvimento das
atividades das Nações Unidas em prol da
manutenção da paz.»**

Jean Piaget¹⁹

A razão de ser da educação está na promoção do pleno desenvolvimento da personalidade humana e o potenciar do respeito para com todos pelos direitos humanos e pela liberdade. Ela é um direito de todos, «uma condição formadora necessária ao próprio desenvolvimento natural.»²⁰ Educar, para além de conduzir o aluno a adquirir conhecimentos, é garantir a toda a criança o desenvolvimento das suas funções mentais e, a aquisição dos valores morais, para que, como salienta Jean Piaget²¹, possa utilizar estes instrumentos de forma equilibrada no sentido de se adaptar à vida social atual.

¹⁸ Jorge Mario Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa* (Lisboa: Paulinas Editora, 2015), 217.

¹⁹ Jean Piaget, *Para onde Vai a Educação?* (Lisboa: Coleção Biblioteca do Educador, Livros Horizonte, 1990), 45.

²⁰ Piaget, *Para onde Vai...*, 46.

²¹ Piaget, *Para onde Vai...*, 53.

Ao centrar-se na temática da educação, nos tempos atuais, importa questionar: se ainda é possível educar hoje, quando vivemos num mundo marcado pelas dificuldades de comunicação entre gerações resultantes do mediatismo onde as novas gerações vivem? «Há que ter presente que na sociedade contemporânea, a família, a escola, a paróquia (que noutros tempos tinham quase o monopólio da educação) estão hoje, em grande parte, desautorizadas, pelo grande rio mediático em que todos, jovens e adultos, estão mergulhados.»²²

Por tudo isto, educar implica aceitar que a realidade atual está diferente. Por essa razão, se é verdade que o significado original de educar vem do latim *e-ducere*, “trazer para fora”, o educador deve potenciar no aluno a procura da sua própria identidade, partindo das novas realidades que o rodeiam e delas tirando o que é mais positivo.

É sabido que o mundo de hoje coloca aos educandos novos problemas de identidade, mas também lhes oferece importantes «pontos de apoio para a recuperação do eu, da sua originalidade, da sua liberdade.»²³ Assim, é muito importante que, para a construção da identidade das crianças e jovens de hoje, o educador tenha em consciência que é urgente, a educação para a autenticidade, dos futuros homens e mulheres. «A identidade não pode e não deve ser construída do exterior. Mas também não pode ser deixada ao jogo cego das pulsões. [...] O processo educativo deve assumir como meta fundamental ajudar as pessoas a trazer à luz o seu próprio rosto[...].»²⁴

É fundamental uma adequada e consciente ação educativa que englobe todas as componentes da pessoa: «corporal, emocional, volitiva, intelectual.»²⁵ Educa-se a unidade pessoal, partindo da aceitação do próprio eu com limites, mas acima de tudo com muitas capacidades. Neste contexto, é fundamental incluir tanto a dimensão psíquica com a espiritual, tendo a consciência de que educar significa ensinar a valorizar as origens «a cuidar delas, a

²² Giuseppe Belotti & Salvatore Palazzo. *A Coragem de educar* (Porto: Edições Salesianas, 2012), 10.

²³ Belotti & Palazzo. *A Coragem de educar*, 23.

²⁴ Belotti & Palazzo. *A Coragem de educar*, 24.

²⁵ Belotti & Palazzo. *A Coragem de educar*, 120.

extrair toda a riqueza que contêm. Não para nos imobilizarmos no passado, mas para encontrar aí a chave de leitura do presente e o impulso para o futuro.»²⁶

Isso também implica educar ao cuidado do outro, ou seja, ensinar a se deixar entusiasmar pela diversidade. «Ensinar a cooperar e a procurar o bem comum. Hoje, mais do que nunca, precisamos de uma educação assim.»²⁷ Necessitamos de uma educação que procure o verdadeiro entendimento com o outro, numa era em que a comunicação é tão difusa, provocando o desencontro. Assim, educar ao cuidado do outro «significa fazer compreender que não há “coisas” minhas que não sejam também, quer eu queira ou não, também “coisas nossas”.»²⁸

O educar, partindo da base histórica de cada um, adaptando-se às novas realidades do presente e tendo em atenção o outro, só estará completo se estiver projetado para algo, isto é, para uma meta «o processo educativo deve assumir como meta fundamental ajudar as pessoas a trazer à luz o seu próprio rosto, sem fugas ilusórias nem desistências resignadas.»²⁹ Na verdade, atualmente um dos maiores problemas da educação é não se educar para um fim, algo que valha a pena, em função de todo o esforço aplicado, pois “falta a coragem de educar” tal como afirma Bento XVI³⁰.

«A alternativa a isto não é a transmissão de um rígido elenco de conteúdos, numa forma e segundo códigos que hoje não são já compreensíveis pelos jovens. É antes um diálogo entre gerações fundado na sua capacidade de se colocar em causa, para individualizar aquilo que conta realmente.»³¹ Nesse sentido, surge o educar para Deus, ao cuidado de Deus. O educar para Deus assumirá posições muito diferentes, na família, na escola ou na Igreja. No entanto, «sempre implicará a superação da lógica consumista e eficientista dominante na nossa sociedade.»³²

²⁶ Belotti & Palazzo. *A Coragem de educar*, 120.

²⁷ Belotti & Palazzo. *A Coragem de educar*, 121.

²⁸ Belotti & Palazzo. *A Coragem de educar*, 122.

²⁹ Belotti & Palazzo. *A Coragem de educar*, 24.

³⁰ Belotti & Palazzo. *A Coragem de educar*, 9.

³¹ Belotti & Palazzo. *A Coragem de educar*, 9.

³² Belotti & Palazzo. *A Coragem de educar*, 123.

Por isso, o professor é chamado a construir com os alunos um caminho de aprendizagens. Ele «não se limita a ensinar os alunos, mas também a aprender com eles numa relação que tem muito de complementaridade e de busca da razão, do saber e até de um sentido ético para a vida.»³³ A pessoa humana nasce para florescer, aliás tudo nasce para florescer. «Recordo aquele diálogo, quando o carvalho pediu à amendoeira: “Fala-me de Deus.” E a amendoeira floresceu.»³⁴

A educação é um ato de amor, um ato de esperança. Tal como é citado no início do presente capítulo «o amor é exigente, pede o empenho dos melhores recursos, despertar a paixão e colocar-se a caminho junto com os jovens, com paciência.»³⁵ Os alunos precisam de uma educação de qualidade, com coerência para que possam crescer integralmente, do intelectual ao espiritual.

1.2. O lugar da EMRC na escola

«A EMRC (...) é um lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na integridade das dimensões corporal e espiritual, e da abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir.»

Juan Ambrosio³⁶

O direito à educação no mundo atual, tal como foi mencionado no ponto anterior traz imensos desafios. A Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), com o apoio de um número expressivo de educadores, concluiu que o ensino das religiões na escola é fundamental à construção de uma sociedade plural onde se viva em harmonia e diálogo, com tolerância, respeito e liberdade. O desconhecimento religioso tem fomentado estereótipos

³³ Jorge Rio Cardoso, *O Professor do Futuro* (Lisboa: Guerra e Paz, Editores, S.A., 2013), 37.

³⁴ Papa Francisco, *Alegres na Esperança- Catequeses sobre a Esperança Cristã*, 114.

³⁵ Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 217.

³⁶ Juan Ambrosio, «Finalidades, domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares», *Pastoral Catequética* 31-32 (2015): 71.

negativos que, por vezes, conduzem a conflitos. «Devemos duplicar os esforços, começando pela educação das jovens gerações e pelo contraste à ignorância e ao preconceito, para que o antissemitismo seja banido.»³⁷

Com o intuito de eliminar o preconceito, o Papa aponta a educação escolar como um importante recurso, especialmente através do ensino religioso escolar que, em Portugal, se expressa na disciplina de EMRC. O conhecimento da cultura e crenças dos outros facilita a convivência, e por isso, a EMRC deve assumir a responsabilidade de formar para o saber ser, o saber estar e o saber fazer na sociedade plural em que vivem.

O professor de EMRC tem um papel muito importante: partir da dimensão afetiva e relacional com os alunos atingir as metas da disciplina. O programa de EMRC pressupõe «uma metodologia organizada em torno de três dimensões[...] Experiência Humana, Reflexão Religiosa, Interpretação Ético-moral.»³⁸ A experiência humana convida o educador a olhar «as necessidades, interesses e motivações dos alunos.»³⁹ Esta atitude de disponibilidade do professor é amplamente defendida por *Arends*: «[...] é importante que os professores tenham disposições afetuosas em relação às crianças e aos jovens, e que acreditem nas capacidades de aprendizagem de todas as crianças.»⁴⁰

O espaço da EMRC terá de ser um verdadeiro lugar para a difusão de uma linguagem de amor e de amizade, a partir da escuta e do discernimento. «Assim, a EMRC constituirá uma espécie de “palco” de escuta e de discernimento, capaz de constituir em ambiente escolar uma voz interpelante que desafia os comodismos e situacionismos tão característicos do período em que vivemos.»⁴¹

Deste modo, a disciplina de EMRC suporta-se num currículo e num programa nos quais se explicita a sua missão: a formação dos educandos e a edificação da sociedade a partir do

³⁷ Vaticano News, «Santa Sé: ignorância e preconceitos favorecem o antissemitismo», 2019, acedido a 19 de outubro de 2019, <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-02/santa-se-osce-antissemitismo-bratislava.html>.

³⁸ Carvalho et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, (Lisboa: SNEC, 2014), 154.

³⁹ Carvalho et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 154.

⁴⁰ Richard Arends, *Aprender a Ensinar* (Madrid: McGraw-Hill, 2008), 20.

⁴¹ João Lourenço, «Dimensão profética da EMRC-A Escola, o Docente, o Educando-Sinais proféticos da EMRC», *Pastoral Catequética* nº 31/32 (2015), 131.

coração do Evangelho. «A diferença entre a educação cristã e a educação secular em termos de objetivo, poderíamos dizer que uma está preocupada em transmitir informações e a outra em mudar as nossas vidas.»⁴² Sendo que o seu principal contributo é: «responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho.»⁴³

Ao professor de EMRC pede-se que seja reflexivo perante a quantidade de desafios que vai encontrar na escola. Assim, «o docente deve promover a autonomia, treinar a autodisciplina, desenvolver no aluno a consciência de si, garantir que é capaz de autoavaliação e de espírito crítico.»⁴⁴

A pedagogia do serviço é um ótimo modelo de ensino a aplicar pelo professor pois permite à disciplina poder ocupar um lugar importante na escola, atendendo aquilo que são os seus três contributos essenciais:

1. A proposta de uma chave de leitura da realidade: «o objeto da EMRC é a totalidade da realidade como campo do agir humano.»⁴⁵
2. A afirmação da totalidade da pessoa: «uma conceção da pessoa [...] de modo integrado.»⁴⁶
3. O desenvolvimento de competências religiosas: «sensibilidade religiosa [...] e comportamentos religiosos.»⁴⁷

Numa sociedade cada vez mais egocêntrica, a pedagogia do serviço permite ao educando, através do “trabalho voluntário” e partindo das “motivações iniciais” da disciplina, tais como «a educação para a cidadania, a educação religiosa e os seus valores, a educação para

⁴² Carvalho et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 1.

⁴³ Carvalho et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 3.

⁴⁴ Cristina Sá Carvalho, «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, edição 2014», *Pastoral Catequética*, 31-32, (2015), 39.

⁴⁵ Carvalho, «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos ...», 52.

⁴⁶ Juan Ambrosio, «As religiões na escola», *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*, (2014), 61-62.

⁴⁷ Ambrosio, «As religiões na escola», 61-62.

o desenvolvimento e para a solidariedade [...]»⁴⁸, participar de forma mais ativa na sociedade, sendo esperança para o próximo. «É preciso recordar-se sempre de que somos irmãos; por isso, é necessário educar e educar-se para não considerar o próximo como um inimigo nem um adversário a eliminar.»⁴⁹ É importante alargar o campo de ação da EMRC na escola e ir ao encontro da restante comunidade educativa e até da sociedade em geral, aplicando o programa da disciplina e influenciando a forma como os alunos aprendem e o modo como os professores ensinam.

Em conclusão, a EMRC tem um importante lugar na escola pois coloca-se ao serviço de uma educação integral do discente, direcionando-o para a realidade e para o seu papel na sociedade. A pedagogia do serviço constitui um novo estímulo, uma boa resposta a como ultrapassar os desafios do ensino para os professores do século XXI, que Arends nos apresenta:

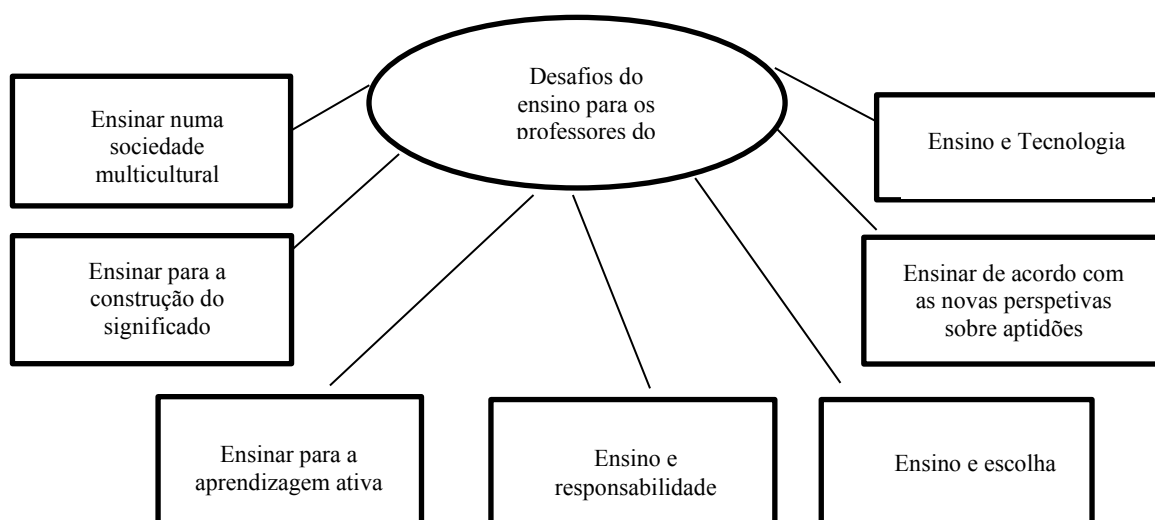


Figura 0-1 Desafios do ensino para século XX, Arends R. “Aprender a ensinar”, pg.8

⁴⁸ Carvalho, «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos ...», 57.

⁴⁹ Papa Francisco, «Mensagem para a Jornada Mundial da Paz de 2014: fraternidade, fundamento e caminho para a paz», acedido a 29 de novembro de 2019, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xlviii-giornata-mondiale-pace-2014.html.

1.3. Educadores para uma esperança ativa

«Queridos educadores, sabemos que educar é apostar no futuro.

E o futuro é regido pela esperança.»

Jorge Mario Bergoglio⁵⁰

Manuel Belgrano descrito pelo Papa Francisco como um criativo na história da Argentina afirmou que «Fundar escolas é semear nas almas»⁵¹, ou seja, o que pode mudar a realidade é a educação. Para isso temos de ser criativos, pois não há um só caminho possível e «a criatividade que brota da esperança afirma que “o que vês...não é tudo o que existe”».⁵²

Na sociedade atual, incluindo na escola, toda a gente sabe criticar o que se fez, apontar o que se deveria ter feito, mas poucos são os que se põem a fazer. E neste campo, a EMRC tem de ser um exemplo, através dos seus professores. É essencial que estes pertençam ao grupo dos que se põem a caminho, em viagem até às “periferias existenciais”. No número quarenta e seis da sua Exortação Apostólica, o Papa Francisco fala da «Igreja em saída»⁵³, isto é, o educador terá de sair do seu eu, «sair da carapaça do nosso egoísmo»⁵⁴, deixar de criticar e pôr-se ao serviço. Aos jovens, na homilia da missa final das Jornadas Mundiais da Juventude, no Rio de Janeiro, em 2013, interpelou-os a: «Vão, sem medo, para servir»⁵⁵. Na verdade, com professores e alunos juntos conseguir-se-á chegar mais longe. É urgente chegar a todos - aos mais atentos, aos mais afastados, aos mais necessitados - e a escola, por ser um meio tão diversificado, se torna numa importante “periferia existencial”.

Para a educação para uma esperança ativa, segundo o Papa Francisco, temos de ter em conta alguns princípios. O primeiro é dizer sempre a verdade em contexto escolar quer com os

⁵⁰ Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 225.

⁵¹ Bergoglio, *Educar para a Esperança Ativa*, 15-17. Nestas páginas refere-se a Manuel Belgrano, o primeiro Secretário Perpétuo do Real Consulado da Indústria e Comércio do Vice-Reinado do Rio de la Plata, nomeado em 1974.

⁵² Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 21.

⁵³ D. Manuel Linda, «O docente de Educação Moral e Religiosa Católica e o “novo discurso sobre a credibilidade do Evangelho” (EG 132)», *Pastoral Catequética* nº 31-32, (2015), 117.

⁵⁴ Linda, «O docente de Educação Moral e Religiosa Católica e o “novo discurso...», 117.

⁵⁵ Linda, «O docente de Educação Moral e Religiosa Católica e o “novo discurso...», 117.

alunos quer com a restante comunidade educativa. «Garanto-vos que a mudança será notória: algo novo se tornará presente no meio da vossa comunidade.»⁵⁶

Depois, é preciso «voltar a olhar»⁵⁷, ver se incluiu todos os alunos. Há que apostar na inclusão, pois cada um tem o seu lugar imprescindível na escola. Somos nós, os professores, que transmitimos mentalidades, e a mais importante de todas, diz o Papa Francisco, é a da fraternidade solidária. O nosso trabalho é, então, «um serviço às pessoas, aos mais pequenos, pessoas que se põem nas vossas mãos para que vós os ajudeis a chegar a ser o que podem ser.»⁵⁸

Na disciplina de EMRC, que deve ter em conta a experiência humana daqueles com que nos encontramos, precisamos de nos deixar interpelar pela capacidade de «construir a partir do lado são»⁵⁹, a partir da história e da realidade dos alunos, do seu passado e do presente, para, com eles, construir um futuro de esperança. Para tal, o educador precisa estar disposto a deixar-se envolver, aprender, acreditar «nos nossos alunos, nas famílias do nosso bairro, na nossa gente [...]»⁶⁰, é preciso resgatar os valores e as realizações positivas da nossa comunidade.

É fundamental que o professor acredite não só na Palavra que transporta, estruturada num programa, mas essencialmente que seja capaz de propor modelos de vida. E, para os docentes do ensino religioso cristão, o maior modelo é Cristo. Se Ele, no milagre da multiplicação dos pães e dos peixes conseguiu alimentar uma multidão, nós, professores de EMRC, precisamos de ter a esperança de que os nossos pães e peixes também se multiplicarão. Por essa razão, somos chamados a ser os «protagonistas de uma mudança que não pode tardar.»⁶¹

Este desafio de reconstrução da comunidade é grande e é nosso, pois, na verdade, «a educação é um dos pilares principais para esta reconstrução do sentido da comunidade.»⁶² Compreender, interpretar e discernir a sabedoria cristã a partir do Mestre são os instrumentos

⁵⁶ Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 23.

⁵⁷ Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 25.

⁵⁸ Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 26.

⁵⁹ Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 34.

⁶⁰ Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 34.

⁶¹ Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 44.

⁶² Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 45.

para ofício educativo e que nos conduzirá a uma esperança ativa, tanto para o docente, que faz caminho, como para o aluno que com ele caminha, tal como Jesus e os Seus Apóstolos.

Neste âmbito é importante refletir porque é que a Igreja investe numa tarefa que não é diretamente religiosa como a educação? «Para que é que educamos? O único motivo pelo qual temos algo a fazer no campo da educação é a esperança numa humanidade nova, noutra mundo possível.»⁶³

No entanto, é sabido que as adversidades são muitas, nem sempre se encontra uma comunidade educativa que crê e espera. Para muitas, o que importa é educar para a competitividade, fazer dos alunos “máquinas” e deixar para segundo plano a ética e os valores. O educador «deve ter consciência de que o objetivo do ensino não é que os alunos saibam o conteúdo do ensino, mas antes que saibam de forma consolidada, aplicar o que aprenderam.»⁶⁴

Sendo assim, o professor de EMRC tem de fazer um «compromisso real, decidido e responsável para superar alguns clichés»⁶⁵, e com a finalidade de conduzir os seus alunos à mudança, «produzir resultados e dar frutos.»⁶⁶

Na verdade, frutificar é gerar uma nova vida a partir de outra, tal como a mãe que gera um filho. O professor de EMRC irá à procura de «dar vida a um novo ser»⁶⁷ a partir da sua identidade, do seu exemplo e do modelo de sabedoria [cristã] que apresenta, e o fruto forma-se, isto é, nasce a ESPERANÇA.

No entanto, é preciso não esquecer que não há dois frutos iguais, tal como não há dois filhos iguais gerados pela mesma mãe, pois este processo não depende só daquele que gera a vida, mas também do fruto, de como este recebe, aceita e assimila a verdade. É um longo e, por vezes, árduo caminho pois a primeira tendência é pensar primeiro nos resultados e não na unicidade de cada fruto [aluno]:

⁶³ Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 61.

⁶⁴ Cardoso, *O Professor do Futuro*, 57.

⁶⁵ Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 63.

⁶⁶ Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 64.

⁶⁷ Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 64.

Muitas vezes nós, os cristãos temos dissociado os <<frutos>> dos <<resultados>>. Desse modo, descuidamos a nossa formação, afrouxamos o nível, quando seria melhor para os alunos que encontrássemos a forma de motivar e defender o esforço; conformamo-nos em conseguir um bom clima e em estabelecer boas relações, em vez de construir sobre esse entramado uma dinâmica de criatividade e produtividade.⁶⁸

Formar alunos para uma esperança ativa não é educá-los para serem úteis à sociedade, mas sim dar-lhes ferramentas para que sejam ativos ao ponto de a conseguirem transformar. «É preciso criar uma nova mentalidade, que pense em termos de comunidade»⁶⁹ - não podemos ficar pela palavra, mas a partir dela mover os alunos para a ação solidária com o próximo.

É sabido que as fragilidades existem, começando pelos educadores, que não são de todo perfeitos. No entanto, estes, não se devem deixar vencer pelos obstáculos, mas antes transformá-los em desafios, construindo em cima da rocha. Se não conseguirem contribuir para que, na escola, se crie uma outra forma de sermos pessoas, outra cultura e outra sociedade, o ensino de nada vale. O desafio é:

Primeiro, propormo-nos provocar, nas nossas crianças e jovens, uma transformação que dê frutos de liberdade, autodeterminação e criatividade e – ao mesmo tempo – se visualize nos resultados em termos de habilidades e conhecimentos realmente operativos. O nosso objetivo não é formar ilhas de paz no meio de uma sociedade desintegrada, mas sim educar pessoas com capacidade de transformar essa sociedade. Então, <<frutos>> e <<resultados>>.⁷⁰

É importante que cada professor faça exames de consciência ao longo da sua vida de educador para perceber se está a educar para a esperança. Educar na verdade já é um ato de esperança, pois se educa pensando no futuro e este só poderá ser melhor se houver esperança. Contudo, é preciso mais «Educar para a esperança é conseguir que uma criança, um jovem,

⁶⁸ Bergoglio, *Educar para a Esperança Ativa*, 66.

⁶⁹ Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 71.

⁷⁰ Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 76.

tenha horizontes.»⁷¹ É essencial que, com base no património e no testemunho recebidos, sejam capazes de projetar sonhos para o futuro: ser esperança ativa e transformadora da sociedade, com base nos valores do amor e da solidariedade.

1.4. Contributo da Prática de Ensino Supervisionada

«Como propõe o Professor António Sampaio da Nóvoa, a forma de os professores melhorarem as suas práticas passarão por (...) análise coletiva das práticas pedagógicas; obstinação e persistência profissional para responder às necessidades e anseios dos alunos; compromisso social e vontade de mudança.»

Jorge Rio Cardoso⁷²

O professor não é só o profissional que sabe ensinar. Na realidade ele nunca irá cumprir plenamente a sua missão se não possuir para além de um verdadeiro e aprofundado conhecimento científico da sua disciplina, competências pedagógicas e humanas. Nesse sentido, a formação de professores «é condição necessária para que possam evoluir sempre, a vários níveis ao longo da sua carreira.»⁷³ A primeira de todas é a Prática de Ensino Supervisionada (PES).

A PES é muito importante, pois é muito mais do que uma área curricular do Mestrado. É um processo «[...] em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional.»⁷⁴

Na verdade, todas as pessoas na sua vida pessoal e profissional carecem de linhas de orientação. A PES é a bússola do professor. A mim, forneceu orientações e experiências que nunca tivera. Mesmo lecionando a disciplina de EMRC há já alguns anos, faltava o ponto de

⁷¹ Bergoglio, *Educar para uma Esperança Ativa*, 204.

⁷² Cardoso, *O Professor do Futuro*, 359-360.

⁷³ Cardoso, *O Professor do Futuro*, 359.

⁷⁴ Isabel Alarcão & José Tavares, *Supervisão da Prática Pedagógica – Uma Perspetiva de Desenvolvimento e Aprendizagem* (Coimbra: Almedina, 2003), 16.

orientação fundamental para encontrar o meu caminho profissional, o modelo de professora que quero ser. Esta descoberta nasceu, em grande parte da partilha entre alunos e professora, num constante processo de conhecimento e de aprendizagem entre ambos.

Para além disso, aprendi muito com a experiência do professor cooperante. Alguém que me ensinou a aceitar todos os desafios, e quanto mais difíceis estes forem, maior prazer nos dará alcançar a vitória. Fez-me ver que a maneira como observamos, dizemos e agimos tem de ser sempre positiva, só assim conseguiremos potenciar ao máximo a nossa criatividade e capacidade de criar. Criar para as aulas, para a escola, para a comunidade educativa e criar para a sociedade em geral.

Ao nível humano e afetivo, através da PES, comprovei que a minha capacidade de ser extremamente afetiva, de gostar de falar com os alunos e de me aproximar deles com simples gestos, em muito facilita a relação entre professora e alunos, e o processo de ensino-aprendizagem. Ao nível pedagógico e científico sinto uma maior confiança, pois agora, adquiri todos os conhecimentos científicos da área das Ciências Religiosas e já realizei a prática letiva, tal como os restantes professores. Sinto finalmente estar mesmo “patamar” ao nível formativo para com os restantes docentes, o que é essencial para o nosso reconhecimento nas escolas.

E assim, podemos defender melhor disciplina para que seja reconhecida dentro da escola. E isso só acontecerá se nos empenharmos com muito trabalho, a exemplo do que foi a PES. Agora, sinto-me mais desperta para atividades de interdisciplinaridade, para que a disciplina se envolva cada vez mais na escola.

A PES possibilita a descoberta, a preparação, a prática e a avaliação da ação do docente. Prepara os professores para os grandes desafios pedagógicos do presente. Vivendo numa era digital, o professor tem de usufruir das novas tecnologias, e construir instrumentos mais motivadores, criativos e envolventes, e até lúdicos. «Dentro do ambiente escolar, a ludicidade tem sido uma ferramenta importante para dinamizar o trabalho docente e a aprendizagem dos

alunos.»⁷⁵ No entanto, é preciso ter em atenção que o termo lúdico deve ser compreendido como meio facilitador das aprendizagens. O fundamental é que cada estratégia/modelo de ensino se adapte bem aos objetivos.

«Assim, pode-se dizer que o lúdico é como se fosse uma parte inerente do ser humano, utilizado como recurso pedagógico em várias áreas de estudo.»⁷⁶ O que implica que um recurso lúdico tem de ser um instrumento muito sério de trabalho e de desenvolvimento que permita a descoberta, a utilização de regras e a participação dos alunos num ambiente de aprendizagem, amistoso e feliz:

A ludicidade por sua vez permite a criança usufruir da sua liberdade emocional. A fim de explorar e experimentar novas vivências, incentivando a sua curiosidade[...], ela pode expressar suas descobertas e dificuldades, além de interagir com os colegas e demais membros da comunidade escolar contribuindo direta e indiretamente no seu desenvolvimento e aprendizado.⁷⁷

A idade dos dez anos, faixa etária dos alunos da PES, é marcada pelo entusiasmo, curiosidade. «As crianças desta fase são extremamente ativas e enérgicas e parecem nunca se cansar.»⁷⁸ Por isso, e segundo a experiência com o quinto D, as dinâmicas mais ativas e lúdicas foram as mais apreciadas pela turma. «Conforme afirma Vygotsky (2007), o lúdico configura-se como um elemento essencial para o desenvolvimento cognitivo das crianças, que através dessa atividade conseguem elaborar pensamentos um pouco mais abstratos e ao mesmo tempo criam novas formas de ver o mundo que as rodeia.»⁷⁹

No caso específico da experiência que deu origem a este relatório, um dos maiores contributos para o desenvolvimento da minha prática pedagógica foi ter começado a elaborar recursos, da minha autoria, mais criativos e mais lúdicos. Proporcionou o conhecimento sobre

⁷⁵ José Carlos de Melo, «A função do lúdico na transição da educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental», *Revista Humanidades e Inovação* (v.6, n. 15, 2019), 321.

⁷⁶ Melo, A função do lúdico na transição ...», 321.

⁷⁷ Melo, A função do lúdico na transição ...», 323.

⁷⁸ Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC), «Sereis o meu Povo - guia do catequista», 16.

⁷⁹ Melo, A função do lúdico na transição ...», 322.

diversas aplicações digitais lúdicas que estimulam o interesse dos alunos para a aprendizagem na disciplina, tais como o *Kahoot* que nos foi apresentado pelo professor cooperante.

Não tendo havido oportunidade de recorrer a este instrumento pedagógico ao longo da prática letiva, permanece a grande vontade de aprender a usar este tipo de recursos, em futuras formações. Uma necessidade constante para os educadores: «destaca-se a necessidade não somente dos educadores que atuam nessa etapa investirem na promoção de atividades lúdicas, como também do governo elaborar políticas públicas voltadas para a formação continuada desses profissionais e a construção de propostas pedagógicas que contemplem este aspecto nos currículos escolares.»

Deste modo, a PES foi um grande desafio superado com êxito e que evidenciou que como professora de EMRC há que ser exemplo de perseverança para todos os alunos e restante comunidade educativa. Capacitando com novas ferramentas para a superação de todos os desafios que a vida docente envolve. Especificamente para a EMRC ensinou que evangelizar na escola é «compartilhar viagem com aquele que vêm à nossa terra, e nós que vamos rumo ao seu coração.»⁸⁰

1.4.1 Contextualização da PES

A Prática de Ensino Supervisionada decorreu no Colégio do Amor de Deus em Cascais, na turma D do quinto ano. O núcleo da PES era formado por quatro professoras estagiárias: Cristina Alves, Elisabete Rodrigues, Manuela Correia e Noémia Ferreira. A orientação do estágio esteve a cargo do professor cooperante Bento Oliveira, docente de EMRC no colégio Amor de Deus e diretor de turma do quinto D.

Antes de analisar a prática letiva, importa expor uma breve caracterização do colégio e da turma para melhor contextualizar o percurso da PES.

⁸⁰ Papa Francisco, *Alegres na Esperança-catequeses sobre a Esperança Cristã*, 119.

1.4.2. Caraterização do Colégio Amor de Deus

a) Projeto Educativo

O Colégio do Amor de Deus, segundo as informações expressas no projeto curricular, situa-se em Alcabideche, que significa “Fonte de água”, pertence ao concelho de Cascais e ao distrito de Lisboa. Cascais tem uma população à volta de 207 mil habitantes que tem vindo a crescer, o que poderá ser um bom indicador de que o concelho é bastante atrativo para se viver. O concelho de Cascais situa-se a cerca de 25 km de Lisboa, com uma privilegiada situação geográfica: uma costa marítima de 30 quilómetros, com outras mais urbanas.

Na Avenida de Sintra, encontra-se o colégio do Amor de Deus fundado em 1950, e que fica na confluência de três freguesias do concelho: Alcabideche, Estoril e Cascais (de onde provém a maioria dos alunos). À data da realização da PES, este possuía um total de mil trezentos e quatro alunos divididos por 52 turmas desde o nível do pré-escolar ao Secundário.⁸¹

A congregação das Irmãs Servas do Amor de Deus é responsável direta pela educação e gestão do colégio e, por isso, este estabelecimento de ensino se define, como uma escola católica, cujo projeto educativo se baseia na visão cristã, apresentando Jesus como o modelo a seguir. A sua filosofia consubstancia-se em três documentos fundamentais: Projeto Educativo, Projeto Curricular de Escola e Regulamento Interno.

O lema «O Amor de Deus faz sábios e santos»⁸² do Padre Jerónimo Usera, fundador da congregação é o seu princípio central. Segundo ele, a escola tem de ser o lugar onde «o Amor - à imagem do Amor de Cristo, - a exigência e o rigor pedagógicos assumissem um papel determinante no processo educativo.»⁸³ Estabelece-se, assim, como carisma das irmãs do Amor de Deus, o fazer experiência desse amor divino gratuito através da educação: «Evangélizar sendo manifestação permanente do Amor gratuito de Deus, comprometidas na construção de

⁸¹ As informações sobre a cidade de Cascais e da freguesia de Alcabideche onde se situa o colégio estão de acordo com o agora designado Plano Curricular do Colégio do Amor de Deus 2019-2020, 4-8.

⁸² Colégio do Amor de Deus (CAD), «Projeto Curricular 2017-18», 9, acedido a 9 de novembro de 2018, <https://cad.edu.pt/o-colegio/projeto-curricular/>.

⁸³ CAD, «Projeto Curricular 2017-18», 1, acedido a 9 de janeiro de 2019, <https://cad.edu.pt/o-colegio/projeto-curricular/>.

um mundo mais fraterno, através da educação e promoção integral e libertadora da pessoa e da iniciação e animação de comunidades cristãs, onde há necessidade de Evangelho, cultura e humanização.»⁸⁴

Esta congregação vive para o «ensino onde quer que se julgue necessário»⁸⁵ e o projeto de aprendizagem que procuram para os seus alunos passa por «Aprender a ser, Aprender a amar, Aprender a pensar, Aprender a tomar decisões, Aprender a fazer.»⁸⁶ Assim, o colégio oferece aos seus alunos uma proposta educativa que tem em conta as suas capacidades e o seu nível de maturidade, permite que todos se sintam envolvidos e participantes do processo de aprendizagem. O que, nas palavras de Arends, significa que a aprendizagem «é uma atividade social e cultural na qual os alunos constroem significados, que são influenciados pela interação entre o conhecimento previamente adquirido e as novas experiências de aprendizagem.»⁸⁷

O seu processo de ensino e aprendizagem define-se pelo aprender fazendo [ligando a teoria à prática e utilizando os saberes de todas as disciplinas], assim como aprender a desenvolver capacidades de tratamento de informação e aprender a resolver problemas, partindo dos recursos existentes, bem como desenvolver diferentes capacidades que permitam estudar com eficiência.

A EMRC insere-se na promoção das competências definidas pelo colégio, pois a finalidade principal da disciplina é a promoção da educação integral do aluno, desde o aprender a pensar ao aprender a agir em sociedade, tal como define o seu programa: «a formação global do aluno, reconhecimento da sua identidade e construção de um projeto pessoal de vida.»⁸⁸ Por ser uma disciplina de frequência obrigatória, consegue expandir as suas finalidades a todos os alunos. No decorrer da PES foi possível perceber que a EMRC é uma disciplina muito dinâmica na escola e que se insere nos variados projetos e atividades do projeto curricular de escola.

⁸⁴ Religiosas do Amor de Deus, Província de Portugal, «Missão», acedido a 2 de novembro de 2018, <http://www.amordedeus.net/quem-somos/missao:995>.

⁸⁵ Religiosas do Amor de Deus, Província de Portugal, «Missão», acedido a 2 de novembro de 2018, <http://www.amordedeus.net/quem-somos/missao:995>.

⁸⁶ CAD, «Projeto Curricular 2017-18», 8, acedido a 9 de janeiro de 2019, <https://cad.edu.pt/o-colegio/projeto-curricular/>.

⁸⁷ Arends, *Aprender a Ensinar*, 12.

⁸⁸ Carvalho, Cristina de Sá, *et al.*, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC), 2014), 5.

Por ser um colégio Católico, o seu plano educativo inclui uma proposta pastoral que se interliga com a disciplina de EMRC no processo de ensino aprendizagem dos alunos, respeitando a liberdade religiosa dos seus educandos. Apesar de nem todos serem católicos, mas, como o anúncio cristão faz parte do projeto curricular do colégio, procura-se:

no respeito pela liberdade e convicções de cada um, oferecer a todos os membros da Comunidade Educativa, e especialmente aos seus alunos, a possibilidade de fazerem das suas vidas um projeto com sentido, na linha da mundividência cristã, de acordo com a pessoa de Jesus Cristo e com a sua mensagem. Queremos também contemplar a globalidade da pessoa, procurando criar e manter um ambiente em que se acolha o Dom da fé e se faça um itinerário de crescimento progressivo no qual se expressem atos coerentes, de modo que, tanto a nível pessoal como da comunidade escolar, se evidenciem os caracteres cristãos que proclamamos.⁸⁹

Assim da direção executiva e pedagógica faz parte o serviço de Pastoral, cujos objetivos são «Proporcionar espaços e momentos de reflexão que permitam a abertura e o desenvolvimento das dimensões espirituais e/ou religiosas; anunciar a pessoa de Jesus Cristo; estar atento aos sinais do tempo e responder às necessidades do presente histórico e promover relações humanas de abertura e de parceria com a comunidade.»⁹⁰

Em cada ano letivo, a Pastoral lança o desafio à comunidade educativa de refletir sobre um tema que se transforma no lema do colégio durante esse tempo. No ano letivo 2018/2019, o tema foi «ESCUTA o teu coração. ESCUTA o coração do mundo. ESCUTA o coração de Deus.»⁹¹ Nesse âmbito, era visível nos espaços físicos do colégio vários cartazes alusivos à importância do ESCUTAR.

A oração ao primeiro tempo da manhã em todas as turmas é também uma estratégia utilizada pela pastoral para que os alunos sejam capazes de parar, escutar e refletir com base na mensagem de Cristo. É mais um sinal de que toda a estrutura educativa e curricular do

⁸⁹ Colégio do Amor de Deus, «Projeto Educativo 2017-18», 4, acedido a 10 de novembro de 2018, <https://cad.edu.pt/o-colegio/projeto-educativo/>.

⁹⁰ Colégio do Amor de Deus, «Projeto Curricular 2017-18», acedido a 15 de novembro de 2018, <https://cad.edu.pt/o-colegio/projeto-curricular/>, 16.

⁹¹ CAD, «Projeto Curricular 2017-18», acedido a 15 de novembro de 2018, <https://cad.edu.pt/o-colegio/projeto-curricular/>, 10.

colégio do Amor de Deus pretende educar para o ser integral, de acordo com o pensamento humanista e cristão, que tem em Cristo o seu modelo: «As Escolas Amor de Deus assentam numa rigorosa formação científica, intelectual e cultural, procurando, com toda a sua atividade, despertar e estimular o desenvolvimento integral e harmonioso da pessoa, como agente do seu próprio crescimento, nas suas dimensões individual, social e cristã.»⁹²

b) Recursos materiais e humanos

O colégio possui um logotipo onde se retratar a sua filosofia educativa, e um hino que funciona como o elo de transmissão dos seus princípios, com vista a uma atitude de união da sua comunidade em torno dos seus fundamentos.

O colégio apresenta a particularidade da utilização de equipamento identificativo: farda, cartão de entrada para funcionários e docentes, equipamento de educação física, cadernos, dossiês e folhas.

Cada turma possui uma sala fixa. No entanto, existem outros espaços essenciais ao processo de ensino-aprendizagem: laboratórios, salas de Artes Visuais e Educação Tecnológica.

Estão ainda disponíveis um pavilhão com piscina e campos desportivos exteriores, uma biblioteca, uma capela, uma sala de professores e áreas para o recreio.

No total, no Colégio do Amor de Deus, à data da realização da PES trabalhavam oitenta docentes e noventa funcionários. É de salientar que ao contrário do que acontece na escola pública, os docentes de Educação Moral e Religiosa Católica constituem, neste colégio, um departamento próprio, ao invés de serem incluídos no Departamento de Ciências Sociais e Humanas. O que evidencia a importância dada à disciplina no percurso da formação integral do aluno.

⁹² CAD, «Projeto Educativo», acedido a 10 de novembro de 2018, <https://cad.edu.pt/o-colegio/projeto-educativo/>, 4.

Segundo os dados da caracterização da turma pode-se afirmar que a maioria das famílias, da turma D do quinto ano são estruturadas, vivendo os alunos com o pai e a mãe e quase todos os discentes têm irmãos, existindo na turma algumas famílias numerosas. Ambos os progenitores são em grande parte possuidores de estudos de nível superior e trabalhadores por conta de outrem.

No decorrer da PES, foi possível observar que no geral, as famílias dos alunos que integram esta instituição são consideradas de classe média alta, alguns pais e avós são conhecidos atores ou jogadores de futebol. Também é de salientar, a frequência com que se encontravam alguns pais que após deixarem os filhos na sala de aulas iam até ao bar confraternizar em grupo. Demonstrando que vivem o colégio do Amor de Deus como a sua “segunda casa”, até porque parte deles já foram alunos do colégio e/ou têm os filhos no mesmo, desde o ensino pré-escolar.

Na época do Natal foi possível ver a grande participação dos pais nas audições de Natal dos filhos, observando e fotografando com interesse e alegria. Assim, é notória a confiança que as famílias depositam no colégio, considerando-o uma referência de excelência na educação dos seus educandos.

c) A experiência pessoal de integração na comunidade escolar

O facto de o local da PES ser num colégio católico foi a primeira alegria, uma experiência totalmente nova, sendo que trabalho há nove anos numa escola pública.

A partir desse momento, foram feitas algumas pesquisas no *site* do colégio do Amor de Deus e da congregação das Irmãs fundadoras, a partir das quais foram sendo retiradas algumas informações, já com o propósito de conhecer a filosofia de ensino do colégio, que fundamentaria uma observação mais cuidada durante a PES. Mais tarde, veio a verificar-se que foi essencialmente através da experiência que foi possível interiorizar de uma forma mais profunda a identidade deste estabelecimento de ensino católico.

O colégio do Amor de Deus é, sem qualquer dúvida, um local de alegria e boa disposição.

Por exemplo, logo pela manhã, os professores chegam cedo, tomam um café e conversam uns com os outros. Quando os alunos vão entrando no colégio, é notória a forma ordeira e pacífica com que o fazem, e nota-se que tal é fruto de hábito, pois muitos dos alunos que hoje frequentam o terceiro ciclo e o secundário já são alunos do colégio desde o pré-escolar. Esta é uma das diferenças positivas que ressalta ao olhar, comparando com a escola pública onde a agitação nos corredores é bem maior e, com alguma frequência, existem discussões violentas entre alunos. Pelo contrário, no colégio do Amor de Deus, nunca se viu nenhuma situação semelhante.

Outro facto muito interessante é que, por ser um colégio católico, todos os alunos frequentam a disciplina de EMRC, e a presença da mesma em todas as atividades do colégio é notória. Para além disso, é muito interessante a existência de um tema anualmente definido pela Pastoral do colégio, com o qual todos os docentes têm de articular conteúdos e colaborar na realização das atividades propostas. Ao longo do ano foi sendo possível observar nas paredes os trabalhos muito interessantes produzidos pelos alunos em diversas disciplinas sobre o lema do ESCUTAR. Durante a PES não foi realizado nenhum desses trabalhos, mas sempre que possível, houve articulação de conteúdos, nomeadamente quando se abordou o Advento como tempo de paragem, reflexão e escuta, aludindo assim à importância do lema do colégio.

Nos intervalos, visualizava-se que a maioria dos alunos opta por passar o tempo a praticar algum desporto: futebol ou ténis, sendo este desporto muito tradicional na zona de Cascais. No entanto, nas audições de Natal constatou-se que uma grande parte dos alunos enquanto cantava as músicas de Natal que eram muito ritmadas, permaneciam numa posição firme, sem sentir a canção no corpo. Esse facto foi facilmente observável por todo o grupo de estagiárias que sentiram alguma tristeza por isso, visto que entendem ser muito positivo para qualquer criança a exteriorização das suas emoções.

Mesmo dentro da sala de aula, quando as estratégias implicavam a expressão de emoções, uma parte considerável dos alunos manifestava grande dificuldade. Isto, porque, segundo os professores das turmas, com os quais se estabeleceu um contato mais próximo, existiam turmas

onde essa competência não era explorada em casa filhos, ficando apenas o colégio com essa responsabilidade, o que é insuficiente para o progresso do aluno neste campo.

Contudo, este espaço educativo tem uma grande preocupação por chegar aos pais e ajudar as famílias a viver mais o sentimento e a fé que Cristo nos deixou. Exemplo disso, são as diversas atividades realizadas, como a peregrinação pelo caminho de Santiago para adultos e os saraus que no ano letivo transato decorreram no final do terceiro período.

No mesmo sentido, surge o “Cascais *Summit*” realizado no dia 4 de junho de 2019, organizado sob a responsabilidade do professor cooperante Bento Oliveira. Tal ação, marcou assim a presença da EMRC neste projeto de uma equipa multidisciplinar, tendo como público alvo, os alunos do 9º ano e Ensino Secundário. O objetivo principal foi fazê-los refletir sobre o modo como imaginam o seu futuro e como podem fazer acontecer o seu projeto de vida, através da partilha de informação útil, prática, impactante e inspiradora, que receberam de oito palestrantes: «A aprendizagem não consiste nos alunos sentados passivamente recebendo informações, mas em alunos ativamente envolvidos em experiências relevantes e tendo a oportunidade de dialogar para que os significados possam ser desenvolvidos e construídos.»⁹³

Com tudo isto, é possível afirmar que, no colégio Amor de Deus, se vive com entusiasmo, criatividade e empenho a dimensão educacional e numa perspetiva integral do ser pessoa, do religioso e do social.

Como forma de dar a conhecer e de inspirar as pessoas, o colégio utiliza as redes sociais do *Facebook* e do *Instagram* para partilhar tudo o que nele acontece. Por exemplo, a atividade sarau do final de ano era possível aceder a vídeos e fotos partilhadas em direto do acontecimento. A atividade decorreu depois de terminar a PES, mas pelo que foi possível visualizar nas redes sociais, deve ser entendida como uma atividade muito educativa e com a capacidade de transmitir uma forte mensagem aos alunos e suas famílias, de acordo com o projeto educativo.

Recorde-se também que, nas redes sociais do colégio, foram publicadas algumas fotos das

⁹³ Arends, *Aprender a Ensinar*, 12.

atividades que as professoras estagiárias desenvolveram nas aulas. Muitos alunos e professores as viram e comentaram positivamente o trabalho do grupo, e isso é algo que deixa uma marca importante na prática das docentes. Para terminar, é de realçar a simpatia e amabilidade de todos professores e os funcionários com quem houve um contato mais próximo ao longo do ano letivo, sempre presentes com um sorriso, um olá ou um bom dia.

1.4.3. Caracterização da turma D do 5º ano de escolaridade

a) A turma D do 5º ano

A Prática de Ensino Supervisionada foi implementada na turma D do quinto ano, do segundo Ciclo do Ensino Básico, do Colégio Amor de Deus (CAD), no decorrer do ano letivo de 2018-2019, em par pedagógico com a docente Manuela Correia. A turma era composta por 27 alunos, em que 16 eram do sexo masculino e os restantes 11 do sexo feminino. Não havia registo de retenções no ano letivo transato.

Trata-se de uma turma multicultural, em que alguns discentes têm naturalidade estrangeira - dois alunos chineses, um de origem moldava e dois brasileiros - com uma média de idades de cerca de 10 anos, já que 21 alunos têm 10 anos, 4 têm 9, e 2 têm 11 anos.

Relativamente ao processo de ensino aprendizagem, nenhum aluno obteve níveis negativos no final do quarto ano, embora a língua portuguesa não seja a língua materna para três dos alunos da turma. Nenhum aluno tinha Necessidades Educativas Especiais e/ou dificuldades de concentração/atenção. No global, eram alunos interessados, curiosos e participativos.

De referir os alunos no geral gostavam de EMRC, o que se pode considerar como um bom princípio, tendo em conta que a frequência na disciplina é obrigatória, e alguns deles poderiam sentir-se obrigados a estar na mesma. Na opinião dos alunos, o que mais contribui para o seu

insucesso escolar é a falta de atenção/concentração, o desinteresse e as dificuldades em compreender o professor.

Relativamente à turma do quinto D pode-se afirmar, que no geral, são alunos motivados, já que dezassete dos vinte e sete alunos da turma gostam de estudar. No entanto, quanto à regularidade com que estudam é importante ter em conta que quase metade da turma só o faz na véspera dos testes. Por isso, é preciso conduzir estes discentes a melhorarem os seus hábitos de trabalho. Em termos de métodos de estudo, salienta-se o facto de quase todos os alunos afirmarem que estudam em casa e uma grande parte deles com ajuda.

Nesta caracterização da turma é igualmente importante salientar o contexto cultural e económico dos alunos. Ao nível cultural, devem ser referidas como principais atividades de tempos livres: ver televisão, praticar desporto, navegar na *internet* e jogar no computador, e apenas três alunos gostam de ler. Dos vinte e sete só há um que não tem computador nem e ligação à *internet* em casa. Ao nível económico é de salientar que a maioria dos alunos provém da classe média/alta, segundo a caracterização da turma. Todos os alunos tomam o pequeno almoço em casa e dormem entre oito a 10 horas ou mais por noite, o que permitem concluir que, quando entram nas aulas vêm com as “baterias recarregadas” tanto a nível intelectual como físico, o que lhes permitirá ter um melhor rendimento escolar. É uma turma com crianças que se podem considerar saudáveis.

Para além disso, foi possível constatar que os discentes revelam um bom grau cultural tendo em conta que a maioria dos pais tem estudos de nível secundário ou superior, e com um elevado nível financeiro. E durante o ano, foi visível que os alunos possuíam conhecimentos gerais de cultura e alguns chegaram a revelar na sala de aula, curiosidades sobre os países que já tinham visitado.

Na caracterização da turma verifica-se que muitos dos alunos frequentam várias atividades extracurriculares. E passam algumas horas por semana, no computador o que lhes possibilita um fácil acesso à informação, o aumento das suas capacidades intelectuais, e a possibilidade de pesquisa sobre os assuntos que mais lhes interessam.

Como alunos estavam a viver uma mudança de ciclo, ainda se encontravam em adaptação às novas regras, por isso, no início do ano letivo tiveram algumas dificuldades de concentração. No entanto respeitaram os procedimentos e métodos de trabalho em aula, tais como o levantar o braço para falar, o participar de forma assertiva e o colocar questões quando têm dúvidas. Isso contribui para o bom funcionamento da aula.

A nível religioso, muitos alunos da turma aparentavam ter alguns conhecimentos gerais sobre o Cristianismo. No entanto, a sua maioria desconhece a Bíblia e a sua importância. Como este foi o primeiro ano que a disciplina de EMRC foi implementada ao nível do primeiro ciclo, a turma não frequentou a disciplina anteriormente.

Neste âmbito e tratando-se de um colégio católico onde esta componente curricular é obrigatória, a mesma deve promover aprendizagens que permitam aos alunos ampliar os seus conhecimentos ao nível pessoal, social e religioso, de forma a que se tornem capazes de olhar a religião como parte integrante da cultura, no nosso meio. O professor de EMRC tem um papel muito importante que é partir da dimensão afetiva e relacional com os alunos para atingir as metas da disciplina. Esta atitude de disponibilidade do professor é amplamente defendida por Arends: «a visão de que é importante que os professores tenham disposições afetuosas em relação às crianças e aos jovens, e que acreditem nas capacidades de aprendizagem de todas as crianças.»⁹⁴

Só através de uma dinâmica ativa entre o Projeto Educativo, a Pastoral do Colégio e a disciplina de EMRC se promoverá verdadeiramente o crescimento de cada discente na ótica de um desenvolvimento integral enquanto pessoa humana, isto é, em todas as suas dimensões: biológica, social e espiritual. Noutras palavras, apenas com esse trabalho será possível contribuir para a condução dos alunos ao encontro com o t[T]ranscendente.

⁹⁴ Arends, *Aprender a Ensinar*, 20.

b) Análise do potencial educativo da turma

Como no início do ano letivo foi a colega de par pedagógico que começou a lecionar, ao estar sentada no fundo da sala foi possível observar a turma e os seus comportamentos.

Os alunos mostraram-se respeitadores e aderiram muito bem ao facto de serem a turma do estágio. Uma grande parte da turma, ao início, era mais acanhada para participar na aula, o que veio a evoluir positivamente ao longo do ano letivo. Ao longo das aulas da primeira unidade letiva, os alunos se foram interessando cada vez mais, especialmente pelas atividades mais dinâmicas.

Nessa altura, comecei a aproximar-me deles pois havia essa abertura. Como sabiam que eu era dos Açores, à medida que foram tomando confiança, as perguntas e os comentários sobre a minha ilha foram surgindo. Para além disso, nos momentos em que foi necessária a minha participação nas aulas da colega como auxílio na verificação da realização de determinadas tarefas, tomei tal situação como uma oportunidade de os ir conhecendo e vice-versa.

Durante a minha prática letiva, notei que a turma era bastante colaborante, respeitadora, atenta e que cumpria as estratégias propostas com empenho. Os alunos aderiram com muita facilidade às dinâmicas de maior interação, o que é normal nestas idades. O facto de terem sido integrados na turma alunos vindos de fora do colégio serviu para que fossem trabalhados novos conhecimentos. Alguns dos novos alunos conseguiram integrar-se melhor do que outros, tanto que, no final do ano, notei algum isolamento por parte dos discentes novos na turma, faltando uma maior interação entre todos. Um dos dois alunos de descendência chinesa foi sempre dos mais participativos. É muito inteligente e possuidor de uma grande cultura sobre religião, sendo ele um cristão protestante.

Senti que, quando se aproximava o final de cada período, os alunos estavam mais cansados nas aulas e mais agitados, o que veio a acontecer com mais frequência desde o fim do segundo período. Para além disso, uma das alunas, ao longo do ano, alterou bastante o seu comportamento, tornando-se numa fonte de desestabilização para os colegas, visto que, para

alguns, ela passou a ser o exemplo, conseguindo manipulá-los para a distração com as suas chamadas de atenção, em algumas durante as aulas.

Durante as aulas foi possível perceber quer pelas atitudes dos alunos quer por informações do diretor de turma que infelizmente, ao nível familiar, alguns destes alunos não têm o carinho e a atenção que necessitam nesta fase final do ser criança. Então, muitos passavam os intervalos agarrados às novas tecnologias como compensação e não convivem uns com os outros, de forma presencial/física. Esta situação tornou-se mais evidente com o aproximar do final do ano letivo e durante a minha prática, tentei sempre minimizar a agitação, dar atenção aos alunos, e aproximar-me deles. Com mais ou menos ruído, o objetivo foi bem conseguido, e todas as atividades propostas foram realizadas com o empenho por parte dos discentes. Para a aluna mais desestabilizadora recorri a algumas estratégias, como a participação mais ativa na aula, dando-lhe um carinho, ou até fazendo chamadas de atenção quando foi necessário.

Na última aula da PES, quando cada aluno recebeu uma dezena como oferta das estagiárias e um doce no fim da aula, poucos foram que por sua iniciativa disseram “obrigado”, e tivemos de ser nós, os professores, a incentivar esse agradecimento. Atitude que deixou alguma tristeza, mas rapidamente se percebeu, que os motivos desta aparente “apatia” nada têm a ver com o meu trabalho, nem das colegas estagiárias. É fruto do seu contexto, das suas vivências extraescola, que não podemos controlar. Talvez pela falta de atenção dos pais à educação dos filhos, não sabemos ao certo, mas prefiro acreditar que esta inesperada atitude dos alunos, no dia da nossa despedida tenha sido fruto do cansaço do final do ano letivo.

O que importa é que ao longo do ano a mensagem definida para cada aula foi transmitida, e com feedback sempre positivo, por parte dos alunos, agora esperemos que a espiga cresça e dê frutos.

1.5. Abordagem da Prática de Ensino Supervisionada

1.5.1. Análise da Unidade Letiva “Advento e Natal”

A unidade letiva “Advento e Natal” é a segunda unidade do programa de Educação Moral e Religiosa Católica do quinto ano de escolaridade, do segundo ciclo de ensino. A sua posição na estrutura do programa deve-se a dois fatores, primeiro a conjugação da sua lecionação com o período do calendário litúrgico onde decorrem o Advento e o Natal. E em segundo lugar, pelo facto de o Advento e o Natal serem os grandes sinais da aliança de Deus com o seu povo estabelecida no Antigo Testamento, tema abordado na unidade letiva anterior. Assim, se demonstra a continuidade pedagógica estabelecida entre a unidade letiva um “Viver Juntos” e a unidade letiva dois “Advento e Natal”.

O programa do quinto ano inclui também como unidade letiva número três “A Família, Comunidade de Amor” e a unidade letiva número quatro “Construir a Fraternidade”. Como o existem quatro unidades letivas para o quinto ano foi necessária uma melhor gestão da planificação de forma a que a distribuição das aulas por cada unidade fosse minimamente equitativa.

Anteriormente, ao novo Programa de Educação Moral e Religiosa Católica de 2014, esta unidade letiva do Advento e Natal era lecionada no sexto ano de escolaridade. A presença desta temática no contexto da EMRC, no quinto ano de escolaridade, é muito benéfica porque os alunos se encontram na faixa etária ideal para a descoberta do verdadeiro sentido do Natal para a humanidade a partir do simbólico: «No sentido em que estão na “idade de ouro” da memória, pois a maioria das crianças desta idade memoriza com muita facilidade quantidades razoáveis de informação quando a isso desafiadas.»⁹⁵

Pretende-se através de uma aprendizagem significativa que os símbolos «os materiais apenas potencialmente com sentido podendo ser aprendidos de maneira significativa.»⁹⁶ Ou

⁹⁵ Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC), «Serei meu Povo- Guia do Catequista, (Lisboa: SNEC, 2011), 17.

⁹⁶ E. Dorin, «Dicionário Técnico de Psicologia», (São Paulo: Tese Editora S.A, Volume VI, 1974), 29.

seja, procurar que os alunos se tornem capazes de estabelecer uma relação entre os símbolos e o tema, tendo em conta o seu significado “invisível” (social e religioso), e com o objetivo de os conduzir a uma esperança ativa.

Pensar-se no Natal, somente como o nascimento de Jesus, é criar uma imagem simplista deste grande acontecimento. Isto porque, o verdadeiro Natal é muito mais do que o aniversário do nascimento de Jesus, celebramos o mistério da Encarnação do Filho de Deus, a revelação do próprio Deus, que se auto comunica aos Homens.

O docente, ao olhar a unidade “Advento e Natal” não o deve fazer numa perspetiva meramente catequética. A EMRC e a Catequese complementam-se, mas não são o mesmo. O grande desafio da PES foi redescobrir esta unidade letiva a partir de uma leitura cultural e simbólica transmitisse a mensagem de Cristo a todos os alunos, independentemente de serem ou não cristãos. E deixar na consciência de cada um de que Cristo encarnou no mundo para salvar todas as pessoas.

Trata-se de uma missão complexa, isto porque, na sociedade em que vivemos Deus não é importante, vivemos numa sociedade sem Deus, ou melhor, onde este Deus foi substituído por muitos outros pequenos deuses [bens materiais, tecnológicos etc.]. E mesmo tendo desenvolvido a Prática de Ensino Supervisionada num colégio católico, aqui também Deus não é realmente vivido por todos, pois os alunos que aqui estudam vivem as mesmas problemáticas. No entanto, como a missão do colégio se baseia no modelo de Jesus Cristo este será um traço facilitador da missão do colégio e em concreto da disciplina de EMRC.

Nesta unidade de referência estão presentes todos os Domínios de Aprendizagem que constam no programa, com maior incidência na meta G. Identificar os valores evangélicos, referente ao domínio: Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida. Comparativamente às restantes unidades do quinto ano, é a que abrange maior diversidade de conteúdos e consecutivamente é das unidades que contém mais objetivos a atingir, a par da unidade quatro “Construir a Fraternidade.”

Do ponto de vista antropológico, esta unidade está bem posicionada na sequência de unidades letivas propostas para o ano de escolaridade. A sua lecionação ganha maior dimensão após a abordagem do conteúdo da Aliança e dos sinais de Deus na unidade “Viver Juntos”, e funciona como uma excelente ponte para a temática da “A Família, comunidade de Amor”. A unidade letiva “*Advento e o Natal*” foca o sentido da família, através da família de Nazaré. O facto de o Natal ser tradicionalmente celebrado em família, constitui uma ótima maneira de introduzir a unidade “*A Família, Comunidade de Amor*”.

No que concerne à gestão do programa e da lecionação a observação centrar-se-á nas oito aulas lecionadas que compõe toda a unidade letiva. No contexto da PES foram elaboradas, sob a orientação do docente cooperante Bento Oliveira, as planificações, preparação e lecionação das aulas correspondendo da lição número dez a dezoito, para os alunos. Todo o trabalho desenvolvido até aqui tornou-se numa verdadeira fonte de descoberta pedagógica, e de superação de desafios semana pós semana.

Na PES, a lecionação da unidade letiva “Advento e Natal” numa perspetiva diferente da catequética, foi uma grande preocupação. Apesar de ambas se complementarem, não podem ser entendidas com o mesmo. O docente não pode ignorar que na disciplina de EMRC está perante alunos crentes e não crentes, interessados pelo religioso, mas nem todos o vivem no seu contexto, nomeadamente o Advento e o Natal. Enquanto que na catequese, pretende-se que todas crianças que a frequentam queiram crescer na fé cristã e conhecê-la de forma mais aprofundada. Neste processo, o recurso à simbologia foi a chave para se ultrapassar este desafio, porque a associação da mensagem cristã da unidade letiva a símbolos comuns a todos, permitiu a unificação de crentes e não crentes à volta da temática.

Então, se deve salientar que na turma da PES, um dos alunos mais participativos e conhecedores do Catolicismo era de origem chinesa, e à data frequentava uma seita cristã, segundo a qual não se faz o presépio mas o aluno participou com interesse, na aula em que se abordou este símbolo. Até partilhou com a turma que em casa não fazia o presépio, tendo-se

explorado, as diferentes visões cristãs sobre o Advento e o Natal. Os *timings* da aula em que surgem debates sobre as diferentes visões dos alunos são sempre uma mais valia: na EMRC «está formulada a finalidade do diálogo entre a cultura e a fé.»⁹⁷ Enquanto que da catequese fazem parte, entre outras, as finalidades do «amadurecimento da fé no âmbito pessoal e comunitário»⁹⁸ [Igreja], e da «referência direta à profissão de fé no âmbito da comunidade cristã.»⁹⁹

Na gestão do programa e na planificação das aulas procurou-se recorrer a diferentes estratégias e dinâmicas variadas com o intuito de ajudar os alunos não só na aquisição de saberes e valores, mas também com o objetivo de enriquecer ou colmatar falhas, em particular do manual.

No entender da docente, a exploração da temática através do manual torna muito confusa a transmissão e apreensão de conhecimentos pelos alunos. O texto está muito denso e em alguns tópicos apresenta uma leitura mais catequética.

Na elaboração da planificação foi seguida a ordem dos conteúdos/objetivos do programa, e na maioria das aulas trabalhou-se um objetivo por aula, à exceção da aula número três em que foram abordados os dois objetivos referentes ao Advento, por se estar a aproximar o final do primeiro período, e consequentemente o final do Advento.

Assim sendo, os objetivos 4. Compreender o sentido do Advento e 5. Identificar as figuras do Advento, foram lecionados na aula do dia 4 de dezembro, aula número três, tal como consta da sua planificação infracitada. Para além disso, o objetivo 6. Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus foi abordado nas aulas 4 e 5.

Em conclusão, as aulas lecionadas da Unidade Letiva “Advento e Natal” cumpriram as propostas do Programa, tendo a preocupação de partir da experiência e do conhecimento dos alunos. Com isto, pretendeu-se suscitar a sua motivação para a aprendizagem e a sua capacidade

⁹⁷ Ambrosio, Finalidades, Domínios... 71 *Pastoral Catequética*

⁹⁸ Secretariado Nacional da Educação Cristã, «EMRC e a Catequese», acedido a 25 de novembro de 2019, <https://www.educris.com/v2/95-programa-e-materiais-de-apoio-ao-professor/861-emrc-e-catequese#objectivos>.

⁹⁹ SNEC, «EMRC e a Catequese», acedido a 25 de novembro de 2019, <https://www.educris.com/v2/95-programa-e-materiais-de-apoio-ao-professor/861-emrc-e-catequese#objectivos>.

de estabelecer pontes entre cultura [símbolos] e a religião.

1.5.2. Planificação e Lecionação da Unidade Letiva 2

Atendendo que o objetivo é propor uma planificação da unidade letiva dois “Advento e Natal” [capítulo quatro] segundo a experiência e o conceito da esperança. Neste ponto começar-se-á por analisar a prática letiva. Já que foi a partir da mesma que se sentiu necessidade de abordar a unidade letiva por intermédio de outro ponto de vista.

Para a concretização dos objetivos propostos para esta unidade letiva recorreu-se à estratégia do simbólico para mais facilmente transmitir os conceitos aos alunos. Após conhecer a turma da PES foi possível perceber que têm grande necessidade de aprender a viver o Advento e o Natal como tempo de esperança, e de espera.

A planificação para o professor é um instrumento muito importante, no qual deve investir uma parte do seu tempo, Arends referenciando Clark e Lambert afirma:

A planificação do professor é uma determinante muito importante do que é ensinado nas escolas. O currículo, como é publicado, é depois transformado e adaptado segundo o processo de planificação através de adições, eliminações, interpretações, e decisões do professor sobre o ritmo, a sequência e a ênfase. [...] Outras funções da planificação do professor abrangem a distribuição do tempo de ensino para o aluno, ou para um grupo de alunos, a composição dos grupos, a organização dos calendários diários, semanais e de cada período, a compensação das interrupções e as comunicações com os professores substitutos.¹⁰⁰

¹⁰⁰ Arends, *Aprender a ensinar*, 93. (Cf. Clark, C.M. & Lampert, M. «The study of teacher thinking: implications for teacher education», 1986).

O processo de planificar pretende dar aos professores e alunos uma direção, uma orientação. E auxiliar os discentes na tomada de consciência dos objetivos que terão de desenvolver para alcançarem os conhecimentos planificados. «Os objetivos da aprendizagem produzem um efeito de concentração nos alunos, o que leva à recomendação de que os professores tornem os alunos conscientes dos objetivos que têm para as aulas.»¹⁰¹

Para o docente que realiza a PES, a planificação é um elemento essencial para que as aulas decorram de forma organizada e sequencial, dentro de um limite de tempo. No caso, da docente, na maioria das vezes, recorreu a uma prévia planificação mental que posteriormente foi sempre materializada, relida e alterada sempre que necessário. Até porque ao se utilizar, apenas, esquemas mentais incorre-se num grande risco, o do não cumprimento dos objetivos determinados.

«As planificações de unidade devem ser elaboradas por escrito, pois funcionam como mapas que ligam várias aulas e dão uma ideia aos professores, aos alunos e a outros sobre a finalidade das aulas.»¹⁰² No decorrer da PES, este facto foi muito importante para a prática letiva, quer nas planificações de unidade quer nos planos de aula [abaixo apresentados]. Pois não é fácil memorizar um plano de aula por mais de uma hora ou até por mais de um dia, quanto mais se as aulas decorrem semanalmente.

Na realidade, a planificação foi ao longo do ano letivo, o documento em que o professor cooperante mais insistiu que aprendêssemos e melhorássemos pois para um professor iniciante é importante apresentar planificações diárias concisas e explícitas, isto porque «as planificações diárias esboçam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a utilizar, as atividades e os passos específicos para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação.»¹⁰³

A planificação deve ter em conta o tempo e o espaço. A gestão do tempo é uma das tarefas mais difíceis, e isso posso confirmar pela minha experiência na PES. Este deve ser

¹⁰¹ Arends, *Aprender a ensinar*, 95. (Cf. Duchastel, P. C. & Brown, B.R. «Incidental and relevant learning with instructional objectives», 1974).

¹⁰² Arends *Aprender a ensinar*, 119.

¹⁰³ Arends, *Aprender a Ensinar*, 118.

distribuído pelas estratégias apresentadas conforme a complexidade das mesmas, mas nunca se pode prever se para os alunos o grau de complexidade das tarefas é semelhante ao do professor. Contudo à medida que se tem maior contato com a turma, esta gestão tende a melhorar. O que se sugere, é que o professor tenha em atenção que «uma utilização eficaz do tempo é tão importante como a quantidade de tempo utilizado num tópico.»¹⁰⁴

Relativamente à gestão do espaço é importante salientar que a forma como este é usado influencia o relacionamento entre os alunos e o professor, e em função disso, este tem, por vezes, de adequar as suas estratégias. «A disposição dos alunos, das carteiras, e das cadeiras não só ajuda a determinar os padrões de comunicação e relações interpessoais na sala de aula, como também influencia uma variedade de decisões diárias que os professores têm de tomar.»¹⁰⁵

Recordo que na minha última aula, da unidade letiva “Advento e Natal” a atividade principal foi realizada junto ao quadro, onde os alunos tiveram dificuldade em se sentar em círculo, por falta de espaço. Tivesse que desviar algumas secretárias pois a sua disposição não favorecia este tipo de dinâmica, não esquecendo que a turma tinha vinte e sete alunos.

De seguida, apresentar-se-ão os aspetos mais relevantes da lecionação da unidade letiva número dois “Advento e Natal” e que foram tidos em consideração na proposta de planificação e de recursos, exposta no capítulo quatro deste relatório.

1. Construção de uma relação afetiva e humana com os alunos: escutar, acolher, reconhecer e servir os alunos que me são confiados;
2. Aprofundar as minhas competências humanas, pedagógicas e científicas: tocar-lhes no coração, criar um ambiente de amizade para depois evangelizar, inspirada em Jesus, que é o modelo do colégio.
3. Desenvolver perguntas, boas, claras e desafiantes;
4. Deixar que os alunos falassem e fossem eles a contruir as respostas às questões.

¹⁰⁴ Arends, *Aprender a Ensinar*, 125.

¹⁰⁵ Arends, *Aprender a Ensinar*, 127.

5. A utilização de novos recursos criados pela docente foi uma mais valia para o processo de ensino-aprendizagem.
6. A utilização do PowerPoint é eficaz na transmissão de conteúdos e na gestão do tempo de aula.
7. O manual foi utilizado para leitura de textos nomeadamente os textos bíblicos, mas acompanhado de um recurso elaborado pela docente para a sua exploração.

Nesse âmbito, é de salientar que durante as aulas, os alunos demonstraram bastante interesse e empenho nas tarefas. Entusiasmaram-se quando foram chamados a participar na aula e na realização das dinâmicas onde há maior interação. Numa das dinâmicas “O fio” com base na história “Eu espero” os alunos revelaram ter um bom espírito de solidariedade entre eles. No geral são alunos bem-comportados e que não perturbam a aula, mesmo sendo uma turma grande (vinte e sete alunos). Em contexto de sala de aula, houve a preocupação da gestão do tempo entre cada estratégia, e de reformular quando foi necessário, em função do tempo limite. Ao longo das aulas foram transmitidos muitos conteúdos, tendo em conta que a unidade letiva é fortemente marcada por simbologia. Para garantir a transmissão e aprendizagem dos conteúdos, o início de cada aula foi marcado pela revisão de conceitos e após a interrupção letiva do Natal foi feita uma atividade de consolidação de conhecimentos.

Tendo em conta que a avaliação sumativa, o teste, só foi aplicado em fevereiro pelo professor cooperante, qualitativamente avaliei os alunos pela realização das tarefas solicitadas em sala de aula, especialmente o livro dos símbolos, atividade que se foi desenvolvendo ao longo de toda a unidade, efetuando os registos numa grelha de observação.

1.5.2.1 Análise da lecionação da UL 2: “Advento e Natal”

Nas seguintes páginas, é possível encontrar os planos de aula relativos às oito aulas da unidade de referência em contexto da PES. Depois de apresentado o plano de aula, segue-se uma reflexão onde se explica como decorreu a preparação da aula e a sua prática letiva.

a) Planificação e Lecionação da Aula 1, UL 2¹⁰⁶

Colégio do Amor de Deus

5º Ano

Unidade Letiva 2: Advento e o Natal

Aula
nº1

Lição nº10

Sumário: Início da Unidade letiva – “Advento e o Natal”. Os sinais da aliança de Deus com a humanidade.

com a humanidade.						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	1. Reconhecer que Deus é sempre fiel à sua aliança.	Deus é sempre fiel à sua aliança. A grande esperança de Israel, Deus está atento às necessidades do seu povo.	Acolhimento e sumário. Apresentação da docente.	10m	Quadro Projeto r PowerPoint Regras da aliança dos alunos Imagem Maria e Miguel Manual Bolas em cartolina a simbologia	Observação direta dos alunos: - Capacidade de compreensão e interpretação - Qualidade de participação - Desempenho de tarefas
	2. Interpretar textos bíblicos sobre a esperança de Israel.		Advento e Natal – Continuidade da Aliança de Deus: - Relação com a unidade anterior; - Encenação do texto da Maria e do Miguel (pg.36) - Chuva de ideias sobre Advento e Natal;	15m		
			Sinais da Aliança de Deus: - Análise dos textos bíblicos (EX 3,7-10 e IS 7,14); -Esquematização. -Elaboração da Síntese	20m 5m		
Síntese: O Advento e o Natal são sinais da presença e da aliança de Deus com a humanidade.						

Quadro 1 - Plano da Aula número um da unidade letiva 2

¹⁰⁶ Na sequência das indicações do Ministério da Educação no Despacho nº 6944-A/2018, de 19 de julho aprova as Aprendizagens Essenciais para o Ensino Básico. No ano letivo da PES [2018-2019] foram consideradas proforma.

Na semana que antecedeu a primeira aula houve um misto de emoções entre o entusiasmo e o nervosismo, por isso uma grande parte do tempo foi despendido a pensar como organizar a aula, visto que existiam muitas ideias.

Tal facto foi muito positivo perante os receios que existiram no início do primeiro período, quando se apercebeu que a unidade letiva a lecionar era o Advento e o Natal, não queria ser catequética, mas sim através do interesse dos alunos pelo religioso, entusiasma-los para os conteúdos programáticos da unidade.

Para além disso, os primeiros conteúdos da unidade letiva dois eram bíblicos, pelo que, logo no momento de planificar, a grande preocupação foi a de “impedir” que os alunos viessem a confundir os conteúdos com as experiências da catequese. Para além disso, a responsabilidade, em certa perspetiva era maior, pelo facto de ter tido a possibilidade de observar as aulas das colegas, e registar as observações antes da minha leção.

Contrariando estas condicionantes, a docente aceitou os desafios: inicialmente, a mudança de meio (Ilha Terceira / Lisboa), e a leção, pela primeira vez, num colégio católico privado. E depois todos aqueles que lhe foram surgindo ao longo do ano letivo. Na verdade, grandes desafios são sinónimo de grande responsabilidade, mas acima de tudo de uma ótima oportunidade de se “poluir” o perfil de docente, resultante do tempo em que lecionou anteriormente à PES

Sendo assim, a preparação da aula começou pela leitura das metas, objetivos e dos conteúdos pelo programa. Inicialmente, a meta era planificar toda a unidade. No entanto, nas primeiras aulas, a professora percebeu que o mais importante é receber e interpretar o *feedback* dos alunos a cada semana. E só depois planificar de acordo com o que foi lecionado, deixar “falar” a mente após a reflexão da aula. A experiência diz que numa disciplina com apenas um tempo semanal, a planificação aula a aula ajuda a melhor adequar as estratégias aos conteúdos.

De seguida, recorreu-se ao manual para analisar as leituras bíblicas e procurar entender qual a palavra chave, o fio condutor da aula, e surge a palavra SINAL, a partir do texto bíblico da página 37. Após ter uma palavra chave foi muito mais fácil fazer o plano de aula, rapidamente surge a ideia de associar sinal, ao sinal de semáforo, por ser algo comum ao dia a dia dos alunos.

É assim se inicia uma educação voltada para o simbólico. A partir desta fase, a tranquilidade surge pois já havia “agarrado” o tema, uma forma original e estimuladora de curiosidade nos alunos. A partir deste momento, o entusiasmo passa por colocar a estratégia em prática na aula e perceber se surtirá efeito junto dos alunos.

No início da lecionação mesmo estando confiante na metodologia do simbólico, o receio de não ter o impacto idealizado trouxe algum nervosismo e ansiedade. Por sua vez, o facto de a prática letiva ser supervisionada não restringiu a docente na forma como aplicou os seus planos de aula.

Como a aula se iniciou com a projeção do sumário no *PowerPoint*, isso permitiu uma melhor gestão emocional daqueles minutos iniciais em que se está perante os alunos pela primeira vez enquanto professora deles. Aliás, a esquematização de toda a aula em *PowerPoint* foi pensada para que a docente se sentisse mais segura e organizada.

E como em EMRC, o recurso ao diálogo com os alunos, é um instrumento mediador entre as experiências humanas dos alunos e os conteúdos da aula, especialmente quando nos conduz a questões sobre assuntos provenientes do tema da aula ou das experiências pessoais dos alunos. Nestes momentos, o *PowerPoint* facilita o “regresso” à sequência da aula, de acordo com a planificação, para que esta possa ser cumprida.

Por ser ter sido a primeira, a docente apresentou-se aos alunos como meio de aproximação e de manter uma relação mais pessoal e afetiva com eles é fundamental para captar o seu interesse pela disciplina.

Para isso, foi utilizada a estratégia de uma apresentação através de imagens pessoais: a sua ilha, cidade, escola, Igreja e imagem de uma família, relacionando Cascais e os Açores, entre semelhanças e diferenças conseguiu sentir a proximidade e o entusiasmo dos alunos.

Se fosse hoje, seguia o conselho do professor cooperante, a imagem da família que foi mostrada teria sido mesmo da minha família e não uma imagem retirada da internet já que as restantes eram mesmo imagens reais do seu meio. No momento de preparação da aula, surgiu essa dúvida se colocaria ou não, pensando que pudesse ser “demasiado pessoal” mostrar uma foto da família. No entanto, o entusiasmo dos alunos foi grande ao longo da apresentação, teria sido o mais adequado, mas numa aula futura se for adequado como conteúdos poder-se-á mostrar a foto da família.

A abordagem à unidade letiva dois “Advento e Natal” iniciou-se com o seu enquadramento na sequência da primeira unidade lecionada pela colega Manuela, “Viver Juntos”. O estabelecer desta ponte foi essencial para os alunos entenderem a interligação entre os temas e os conteúdos do programa.

Nesse sentido, foi tido em conta, a atividade realizada na última aula, pela colega Manuela. Conversou com ela, propondo que a colagem das regras foi feita pela colega nesta aula enquanto que a docente Elisabete faria a exploração e relação entre regras /aliança / Advento e Natal. Assim, se estabeleceu objetivamente uma ponte entre unidades: A aliança de Deus continua hoje através do Advento e do Natal.

A partir desta altura, a professora sentiu-se mais calma visto que os alunos estavam a colaborar de forma positiva nas tarefas solicitadas, e mostraram através das suas participações que compreendiam o que era ensinado. O stress maior foi a gestão do tempo durante toda a aula, e para um melhor controle, foram sendo adotadas e (re)formuladas as estratégias durante a leção.

Em continuidade da estratégia de relacionar a unidade letiva Advento e Natal com a unidade anterior, realizou-se uma pequena encenação do texto da página trinta e seis, do manual

que introduz a unidade, com a Maria e o Miguel personagens apresentadas na unidade letiva anterior. Este momento permitiu uma participação mais ativa dos alunos. Por seguinte, a docente entendeu que por ser a primeira aula seria importante perceber o que os alunos sabiam e pensavam sobre Advento e o Natal, para a partir daí explorar a temática. Com esse intuito surge a chuva de ideias sobre Advento e Natal.

Neste género de atividades é importante o docente dar atenção às respostas dos alunos, por mais que possa ter registado no seu plano de aula várias expressões que possam vir a ser referidas pelos alunos, é comum surgirem palavras diferentes, mas com sentido para o que é pedido. E isso aconteceu, um aluno afirmou que o Advento era o início do ano novo, e a resposta da docente foi que não era assim, pois só se lembrou do ano civil que se inicia em janeiro e não associou ao início do ano litúrgico que coincide com o início do Advento.

Neste dia, a professora entendeu que o esquema da aula é importante, mas não se pode resumir a ele, mesmo que o tempo de aula corra mais depressa, do que o previsto. O mais importante é ouvir as experiências de vida/conhecimento dos alunos e associar à aula mesmo quando não esteja diretamente relacionado com o conteúdo, é preciso criar pontes.

Ao deixar o aluno expressar as suas ideias mesmo que estas pareçam erradas de acordo com o tema, deve-se conduzi-lo para o pensamento pretendido. E até quando o aluno apresentar um assunto que diretamente não faz parte da aula, e se a docente não tiver estudado o assunto, por não fazer parte do tema da aula, deve comprometer-se com os alunos em fazer uma pesquisa desse assunto, para ser tratado na aula seguinte.

O *Brainstorming* serviu para a consolidação das ideias dos alunos sobre Advento e o Natal e como foram registadas em *PowerPoint* ao mesmo tempo que os alunos as apresentavam, a docente pode guardar todas as intervenções de forma fácil e rápida. Assim, quando abordar os conteúdos perceberá melhor os aspectos nos quais terá de centrar a sua exploração. Tendo em conta, o que foi expresso na chuva de ideias, conclui-se que os alunos sabem mais sobre o Natal do que sobre o Advento, mas isso não inviabiliza que se deva aprofundar o sentido do natal pois

para muitos alunos, esta época resume-se a uma festa familiar, recordam o nascimento de Jesus, mas sem grande consciência do que isso representa para a Humanidade.

Relativamente ao conteúdo da aula, os sinais da aliança, a estratégia passou pela leitura e pelo sublinhar das palavras mais importantes dos textos bíblicos mencionados na planificação, e projetados em *PowerPoint*.

Com base na frase do texto bíblico “Vi...ouvi...Conheço...Desci”¹⁰⁷ o objetivo foi conduzir os alunos à ideia de que Deus está presente ao longo de toda a história da humanidade e atua nas horas de maior aflição. A mensagem rapidamente chegou aos alunos, pois eles foram capazes de associar cada palavra da frase, à respetiva parte do texto bíblico.

A esquematização feita após esta exploração foi essencial para os alunos concentrarem no resumo tudo o que fora dialogado. Nesta estratégia, antes da aula, a professora pensou que teria maiores dificuldades em explicitar a relação entre o conteúdo do texto bíblico e a mensagem da aula: Advento e Natal sinal da presença de Deus. Contudo, conseguiu fazer-se entender com facilidade.

Para relacionar os textos bíblicos tratados com a vida, dando um sentido atual à palavra “sinal” surgiu a última estratégia da aula, a relação entre semáforo /sinal /Advento e Natal.

Este foi um dos momentos da aula mais entusiasmantes, primeiro porque como os alunos tinham participado e compreendido os conteúdos, o que foi essencial para conseguirem estabelecer esta relação mais abstrata.

Contudo, quando foram questionados de como se pode relacionar os sinais de Deus com um semáforo? Como o Advento e o Natal se associam ao semáforo nomeadamente às suas cores? Inicialmente houve silêncio na sala, acompanhado da dificuldade de obter respostas. Aí a professora receio que não estivessem a acompanhar o raciocínio por a relação (semáforo/sinal) ser demasiado complexa.

¹⁰⁷ Cf. Ex. 3, 7-10.

Numa segunda tentativa, as questões foram novamente colocadas a debate e com ajuda da docente na desconstrução da ideia os alunos começando a responder, especialmente os mais participativos. Contudo, foi grande a surpresa quando um dos alunos mais calados nas aulas, participou assertivamente conseguindo estabelecer a relação entre semáforo e Advento/Natal, o que se considera um bom indicador.

Também há que ter a consciência de que foi uma forma totalmente nova para os alunos de abordar a temática, mas que motivou a utilização da simbologia como marca singular da unidade letiva “Advento e Natal”. Logo, em próximas aulas será novamente abordado o sinal do semáforo bem como muitos outros, esperando que nessa altura, os alunos estejam mais à vontade neste tipo de raciocínio.

Naquele momento, faltavam oito minutos para o fim da aula, a ansiedade disparou novamente para cumprir a planificação integralmente e se pensa nas atividades que ainda não foram realizadas. A opção foi seguir com a conclusão do esquema da aula pois era a melhor forma dos alunos consolidarem os conteúdos. O nervosismo aumentou, com o receio de o tempo ser escasso, mas tudo se tornou mais fácil, porque os alunos colaboraram na elaboração do esquema de forma clara e concisa. Para rentabilizar os quatro minutos de aula de forma a se conseguir elaborar a síntese, a docente solicitou a colaboração da colega Manuela na distribuição do símbolo da aula feito em cartolina - uma bola com as alianças, onde os alunos escreveram a síntese e colocaram no seu porta chaves.

Nesse momento tocou, apesar de no relógio da sala faltarem ainda dois minutos. Assim, foi pedido aos alunos que guardassem o símbolo no porta chaves, para na próxima aula, o seu significado ser explicado com maior rigor. É de salientar que foi muito importante a atitude de calma quando surgiu o toque antes de se fazer a síntese, e resolveu a situação de forma prática. É de salientar que como foi feito o esquema da aula, que os alunos registaram no seu caderno, a síntese ficou parcialmente feita. A ideia naqueles dois minutos era retirar do esquema uma frase que sintetiza-se a aula.

No fim, o sentimento que prevaleceu foi o de confiança, de missão cumprida de acordo com o que fora planejado e que a aula tinha sido enriquecida também com a participação dos alunos, o que deixou várias ideias e pistas para estratégias a aplicar nas próximas aulas. A confirmação veio pela aproximação dos alunos no fim da aula, à docente mostrando vontade de fazer perguntas sobre a disciplina e as próximas aulas ou até questões relacionadas com a apresentação pessoal da docente. Uma aluna que não tinha o livro no início da aula e que usou o da professora para acompanhar os textos veio justificar-se dizendo que o perdeu, ou seja, demonstrou o seu interesse.

b) Planificação e Lecionação da Aula 2, UL 2

Colégio do Amor de Deus

5º Ano

Unidade Letiva 2: Advento e o Natal

Aula nº2

Lição nº11

Sumário: Explicação das atividades a desenvolver sobre o Advento e o Natal. Jesus, a concretização da Palavra e do Amor de Deus.

O do Amor de Deus.						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
G. Identificar os valores evangélicos.	3. Reconhecer em Jesus a nova Aliança de Deus com a Humanidade.	<p>O Nascimento de Jesus: a Palavra e o amor de Deus que chegam até nós: Mt 1,18-25</p> <p>A nova Aliança, Jesus, o cumprimento da esperança de Israel: Mt 26, 26-28 Lc 22, 20</p>	Acolhimento e sumário.	5m	<p>Quadro</p> <p>Projektor</p> <p>PowerPoint</p> <p>Árvore de Natal</p> <p>Livro dos símbolos</p> <p>Venda manual</p> <p>Símbolo porta chaves: prenda</p> <p>Símbolo livro: Anjo</p>	<p>Observação direta dos alunos:</p> <p>- Capacidade de compreensão e interpretação</p> <p>- Qualidade de participação</p> <p>- Desempenho de tarefa.</p>
			<p>Consolidação de conhecimentos</p> <p>Alusão ao símbolo da aula anterior;</p> <p>Registo da síntese;</p> <p>Explicação das atividades: “Árvore genealógica de Jesus” e o livro dos Símbolos.</p>	20m		
			<p>O Nascimento de Jesus concretiza:</p> <p>A Palavra de Deus:</p> <p>Dinâmica da venda nos olhos;</p> <p>Relação entre o Anjo, José e Palavra de Deus (Mt 1, 18-25).</p> <p>A aliança do Amor de Deus com Humanidade:</p> <p>Alusão a Jesus como prenda do amor de Deus;</p> <p>Leitura do texto bíblico (Mt 26, 26-28;</p> <p>Esquematisação.</p>	20m		
			Elaboração da Síntese	5m		
Síntese: Jesus oferece a sua vida como sinal do amor de Deus por nós.						

Quadro 2 - Plano da Aula número um da Unidade Letiva 2

A semana de preparação da segunda aula foi vivida ainda com maior expectativa e sentido de responsabilidade pois se, na primeira aula se conseguiu criar entusiasmo e interesse nos alunos pela unidade letiva, é imprescindível que permaneça uma grande motivação como meio facilitador à aquisição das aprendizagens. O objetivo da aula passava pelos alunos serem capazes de reconhecer no nascimento de Jesus, a concretização da Palavra de Deus presente na Aliança que Ele fez com o seu povo.

A partir do livro “A Árvore de Jessé”¹⁰⁸ surge a ideia para a criação de dois recursos a desenvolver ao longo da unidade: a Árvore Genealógica de Jesus e o Livro dos Símbolos. Estes pretendiam conduzir o aluno à descoberta do amor de Deus, que deu o seu filho Jesus como prova da sua Aliança com a humanidade. O livro dos símbolos teve também a missão de ser um meio de compilação dos símbolos trabalhados, ao longo da unidade.

Ao planificar esta aula foi aplicada a mesma estratégia da semana anterior visto que resultou positivamente: observar os conteúdos segundo o programa e só depois observar o manual, encontrar a palavra chave, pensar em novas estratégias e noutro símbolo que identifique a ideia principal da aula.

No entanto, surgiram algumas dificuldades na seleção da palavra/ideia chave, as ideias eram muitas e a escolha iria definir o fio condutor da unidade. O pensamento principal era: o que se pretende transmitir aos alunos com esta unidade? Esta questão é essencial para se estabelecer o fio condutor de cada aula e entre as várias aulas da unidade.

Para além disso, se pretendia aplicar na presente aula as sugestões transmitidas na última reunião de núcleo de estágio por serem importantes e positivas. Também seria interessante utilizar a estratégia de relacionar o símbolo da aula anterior com os conteúdos desta aula. Este ganhará uma dupla finalidade: por um lado, incluir a frase síntese da aula passada, e por outro, utilizar essa síntese para a introdução e articulação com os conteúdos que forem lecionados. Mostrando-se aos alunos que há uma ligação entre aulas e conteúdos.

Para além disso, a aula número três será observada pelo professor orientador da faculdade e se não forem lecionados os conteúdos previstos correr-se-ia o risco de se ter demasiados conteúdos nessa aula. Ao elaborar o documento da planificação foi importante ter em conta que este deve ser de fácil leitura, preenchê-lo de forma simples para que possa entender o que se pretende, em cada etapa da aula.

A aula teve o seu início com o acolhimento e de seguida com o registo do sumário pelos

¹⁰⁸ Teresa Power, *A Árvore de Jessé*, (Lisboa: Editora Paulus, 2018). Este é um livro de histórias bíblicas para ler em família, recortar e enfeitar a Árvore de Natal. Esta obra serviu de base para a atividade Árvore Genealógica de Jesus.

alunos no caderno diário. O primeiro momento funcionou como consolidação de conhecimentos: alusão ao símbolo da aula anterior; registo da síntese e a explicação das atividades: “Árvore genealógica de Jesus” e o livro dos Símbolos.

A estratégia decorreu como esperado, foi muito positivo para os alunos realizar a síntese da aula anterior, permitiu que pudessem “arrumar” as ideias, sobre o que fora lecionado. No entanto, o interesse dos alunos foi mais para os recursos criados, especialmente o Livro dos Símbolos, tendo surgido muitas questões devido à curiosidade sentida enquanto folhavam o livro.

Dai ter sido importante, a utilização de mais tempo de aula do que o revisto, para exploração do Livro dos Símbolo, de forma a que os alunos ficassem totalmente esclarecidos e aptos a manuseá-lo. Também se reforçou a importância da realização de cada tarefa, pois algumas delas serão concretizadas fora da aula de EMRC. Os alunos demonstraram gostar muito do recurso e ficaram especialmente motivados para a realização das tarefas do calendário do Advento.

De seguida, sucedeu-se a realização da dinâmica da venda nos olhos que introduziu a importância da Palavra de Deus como aquela que guia a humanidade, foi muito positiva, e surtiu efeito pretendido. Os alunos facilmente perceberam que a palavra tem grande relevância na nossa vida, serve de guia na relação com o eu, com os outros e com Deus. A participação dos alunos na dinâmica proporcionou ao grupo turma uma maior interação na aula, para que entendessem que a Palavra de Deus como o que guia a vida das pessoas é também uma realidade na vida das crianças, a partir da linguagem.

Então, se afirma que esta tarefa de consciencialização foi muito útil para os remeter até à importância da Palavra de Deus para a humanidade, pois foi o meio que Deus utilizou para chegar ao seu povo e anunciar o nascimento de Jesus. Para análise da aliança de Deus foi lido e explorado o primeiro texto bíblico de [Mt 1, 18-25] e relação entre o Anjo, José e Palavra de Deus. E de seguida, o texto bíblico sobre a aliança do Amor de Deus com Humanidade [Mt

26,26-28], a partir do qual se estabeleceu a alusão de Jesus como prenda do amor de Deus.

Visto que o programa apresenta a exploração de textos bíblicos para esta aula e como forma de consolidar os conteúdos de ambos os textos, a parte final da aula foi dedicada a um esquema resumo sobre a mensagem dos textos. No qual os alunos colaboraram muito, e dando muitas ideias.

Na verdade, quando se iniciou a elaboração do esquema faltavam cerca de cinco minutos para o fim da aula e foi necessário optar entre fazer o esquema ou avançar para a síntese. No entender da professora como os alunos necessitavam de escrever, para consolidação das ideias apreendidas, o esquema iria facilitar esse processo. Ao arriscar na feitura do esquema, terminou a aula e não foi feita a síntese. A docente não se revelou muito preocupada com essa falha na planificação porque os alunos já tinham no esquema uma grande síntese da aula, elaborado com as suas ideias. O que é sinal de que os conteúdos foram transmitidos mesmo que a frase síntese não tenha sido feita.

c) Planificação e Lecionação da Aula 3, UL 2

Colégio Amor de Deus

5º Ano

Unidade Letiva 2: Advento e o Natal

Aula n°3

Lição nº12

Sumário: O Advento: tempo de espera e esperança. As figuras do Advento.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
G. Identificar os valores evangélicos	4. Compreender o sentido do Advento. 5. Identificar as figuras do Advento.	O Advento: tempo de espera e de esperança. As figuras do Advento, modelos de quem espera o Senhor que vem: - João Batista; - Maria, a mãe de Jesus.	Acolhimento e sumário.	5m	Quadro Projektor PowerPoint Árvore de Natal Livro dos símbolos Manual Paramentos litúrgicos Coroa do Advento (folhas azevinho, fita, velas) Figuras de José Batista e Maria Símbolo porta chaves/livro: Coroa do Advento, João Baptista e Maria	Observação direta dos alunos: - Capacidade de compreensão e interpretação - Qualidade de participação - Desempenho de tarefas
			Relação com aula anterior: Alusão aos símbolos da aula anterior.	5m		
			Advento: Como tempo de espera e de esperança; Leitura e interpretação da história: “Eu Espero”. Início do Ano Litúrgico: Construção da coroa de Advento: Explicação sobre o ano litúrgico dos cristãos; Apresentação de símbolos alusivos; As figuras: A partir da coroa do Advento: -Descoberta da importância das figuras de João Baptista e de Maria, mãe de Jesus. - Questionar-se como ser modelos de quem espera o senhor?	10 m 15m 10 m		
			Elaboração da Síntese Colar símbolos no livro dos símbolos.	5m		
Síntese: O Advento chama-nos a sermos modelos de quem espera o Senhor.						

Quadro 3 - Plano da Aula número três da Unidade Letiva 2

A preparação da terceira aula foi marcada por um maior nervosismo, pois era a aula observada pelo professor da faculdade, orientador do estágio. Se, nas aulas anteriores, a docente demonstrou uma pedagogia muito positiva, no seu entender não deveria ter um desempenho inferior nesta aula. Isto porque, o professor orientador não conhecia a prática letiva da docente, assim esta era a oportunidade para uma primeira impressão muito positiva.

Iniciou a preparação da aula pela leitura das suas reflexões sobre as aulas anteriores e das sugestões feitas em núcleo de estágio, para perceber o que seria útil a aplicar nesta semana.

Percebeu que deveria continuar a arriscar em novas estratégias, mesmo sendo uma aula observada pois como seria a terceira aula da unidade pressupõe o desenvolvimento de novos conteúdos. Com o passar das semanas a confiança na forma de planificar, de criar estratégias e de lecionar neste contexto da PES tem aumentado, por isso a professora sentiu-se à vontade para mostrar mais de si, em superar os limites e em continuar a com a sua máxima: dar à unidade letiva do Advento e Natal um olhar diferente do catequético, pensamento de muitos alunos.

Olhando o programa e tendo em conta a proximidade da interrupção letiva do Natal, faria todo o sentido abordar nesta aula, os conteúdos: Advento - tempo de espera e de esperança; e as figuras do Advento, como modelos de quem espera o Senhor que vem (João Baptista e Maria), correndo o risco de serem demasiados conteúdos para uma só aula. E se a estratégia se baseasse apenas no método expositivo seria uma grande “seca” para os alunos, e o que é preciso cativar!

Com tamanho desafio, foram várias as vezes que reformulou o plano de ano e respetiva planificação, sempre com a preocupação de escolher as melhores estratégias com um fio condutor entre os conteúdos e dentro do tempo de aula de cinquenta minutos.

Durante o intervalo antes da aula, à semelhança das semanas anteriores, preparou todos os recursos, no entanto a aula só começou pelas 9h35, pois os alunos demoraram um pouco mais a entrar na sala e estavam mais agitados, devido ao cansaço do final de período. Mesmo

sabendo que a planificação estava bem organizada, como era um momento diferente de avaliação, a professora sentiu algum nervosismo. Mas no decorrer da aula, a docente conseguiu não transparecer com a sua boa disposição e as atividades como foram sendo bem desenvolvidas, assim foi possível a docente ir relaxando ao longo da aula, até porque quando se está a fazer o que mais se gosta, tudo é relativizado.

A aula começou com o registo do sumário por parte dos alunos, explicito no slidedo *PowerPoint* elaborado pela docente com os conteúdos da aula. Considera uma importante estratégia para a gestão de tempo e que permite seguir facilmente a sequência da aula. Especialmente quando surgem questões dos alunos, que fazem o docente parar mais tempo num assunto, o PPT ajuda a retomar o fio condutor da aula. Depois e como forma não só de consolidar os conhecimentos da aula anterior, mas também para introduzir o tema da presente aula, relembrou-se o símbolo da aula anterior e o seu significado.

De seguida, a exploração dos conteúdos da aula teve por base três estratégias em que cada uma abordou uma perspetiva do Advento: como tempo de espera e de esperança: primeiro a exploração da história “Eu espero” a qual foi transformada numa dinâmica do fio, participada pelos alunos. Estes foram passando entre si um fio vermelho, que a história apresenta, à medida que a docente ia contando a história.

Os alunos vibraram e entusiasmaram-se com a atividade de tal forma que surgiu algum ruído e a certa altura, a professora pensa se terá sido a melhor estratégia para apresentar esta dinâmica? Nestes momentos, não se deve esquecer que por serem crianças não conseguem controlar o entusiasmo, especialmente perante uma atividade que gera movimento na sala, não se pode esperar outra reação.

A professora estagiária solicitou silêncio aos alunos para poderem acompanhar a história, decidindo promover o equilíbrio entre o seu ritmo e o dos alunos, privilegiando ao processo de ensino e aprendizagem, contudo o facto de ter uma planificação a cumprir fez surgir os nervos ‘à flor da pele’.

No entanto, o resultado da atividade foi extremamente positivo, os alunos conseguiram desenvolver uma atitude solidária uns com os outros de forma a que o fio chegasse a todos os presentes. Na verdade, eles surpreenderam porque preocuparam-se em unir todos de forma a que tocassem no fio, algo que não foi ponderado que pudesse vir a acontecer. Por isso, é muito importante o estar atenta à novidade, ao que os alunos podem fazer e que o professor não está à espera. Só que a “pressão” para cumprir a planificação por estar a ser avaliada, por vezes, não o deixa ver o lado surpreendente que há nos alunos. Vai-se aprendendo...

Duma próxima vez que a professora usar esta estratégia, deve tentar não esquecer de dar toda a explicação da atividade antes de ser distribuído o fio aos alunos, pois o entusiasmo causou ruído na perceção do que teriam de fazer. Aquando da elaboração do plano de aula esse aspeto foi medido, contudo no momento, a explicação surgiu já depois de ter sido entregue o fio.

Importa referir que nenhum desses factos condicionou o sucesso da atividade. O objetivo de os alunos entenderem que a vida passa como um fio que vai crescendo, e que não se pode ficar numa espera passiva porque, senão perde-se o tempo certo de fazer as coisas, foi plenamente atingido.

Veja-se pelo seguinte exemplo: uma das alunas quando foi questionada sobre qual a relação entre a história/fio/espera, ela respondeu que representava o fio da vida onde temos de saber esperar. Esta resposta foi repetida e explicada aos alunos para que todos pudessem compreender.

Na terceira parte da aula, a temática foi o Advento e a sua simbologia: ano litúrgico e coroa do Advento, iniciou-se com a explicação da docente sobre o início do ano litúrgico e do Advento e depois aplicou uma dinâmica diferente, na qual os alunos foram convidados a contruir a coroa do Advento.

Descrevendo a atividade: a docente deixou nas suas secretárias elementos da coroa e à medida que foram sendo abordados, o aluno que o tinha levantava-se e ia colocar na coroa do Advento, após se explicar o seu significado. A estratégia foi muito positiva, os alunos aderiram

facilmente, e conseguiram reconhecer de forma mais atrativa a simbologia do Advento. Houve uma aluna que expressou estar a gostar da aula, dizendo: “isto (coroa advento) está a ficar muito bonito.”

Para uma melhor gestão do tempo, o último conteúdo da aula, as figuras do Advento, foi abordado nos mesmos moldes, os alunos vieram ao centro da sala de aula com as imagens de João Baptista e Maria, bem como as palavras que os definem como modelos do Advento. E todos associaram as palavras à imagem correspondente. Colocou-se na coroa do Advento, as figuras que representam os modelos de Advento a seguir. Apesar de ter sido feito quase no fim da aula, os alunos conseguiram, na sua maioria, associar as palavras chave às figuras do Advento.

Na última parte, foi entregue a cada aluno o símbolo da aula, uma coroa de Advento e nesse momento tocou a campainha para o fim da mesma. Solicitou-se aos alunos dois minutos do intervalo só para se registar a síntese, visto que o início da aula começou com alguns minutos de atraso, como foi anteriormente referido.

Os alunos responderam positivamente ao pedido, e como as estratégias aplicadas na aula ficaram bem consolidadas, e mesmo que os modelos do Advento tenham sido abordados perto do final da aula. Eles conseguiram fazer a síntese segundo o que estava planificado: O Advento convida-nos a sermos modelos de quem espera o Senhor.

d) Planificação e Lecionação da Aula 4, UL 2

Colégio Amor de Deus

5º Ano

Unidade Letiva 2: Advento e o Natal

Aula nº4

Lição nº13

Sumário: Atividade alusiva ao Natal: o presépio e a sua simbologia.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
G. Identificar os valores evangélicos.	6. Reconhecera mensagem evangélica a partir do Nascimento de Jesus.	Jesus, o Salvador; Emanuel, Deus conosco na história.	Acolhimento: - Apresentação da atividade	10m		Observação direta dos alunos: - Capacidade de compreensão e interpretação - Qualidade de participação - Desempenho de tarefas
			Articulação com a aula anterior: - Acender as velas da Coroa do Advento;			
			O presépio como símbolo central do Natal: - Associação entre presépio e a família; - Reflexão sobre o texto “Jesus recusa nascer”; O presépio como convite à vivência do verdadeiro Natal: - Dinâmica “Personagens do Presépio”: atribuição aleatória de ações a praticar durante o tempo do Advento e do Natal;	25m	Coroa do Advento Foto da Família; Presépio Texto “Jesus recusa nascer” Mensagens alusivas às figuras do presépio	
				15m	Velas e símbolo porta chaves: presépio.	
Síntese: O presépio convida-nos à vivência do verdadeiro Natal.						

Quadro 4 -Plano da Aula número quatro da Unidade Letiva 2

Esta semana a preparação da aula foi diferente, por ser a última aula antes das férias do Natal, preparou-se uma atividade alusiva à época. Este trabalho foi feito pelos pares pedagógicos de cada turma que organizaram uma aula diferente de acordo com cada turma e com o espaço onde decorreria (fora do contexto de sala de aula), numa pequena sala reservada para espaço de reflexão e de oração.

O espaço por si só convida à reflexão, o que se entende ser muito importante para os alunos e também para suavizar o ritmo das aulas que até então tinham sido muito ativas. Para melhor se viver o Advento é necessário quebrar a rotina, é essencial para se deixar fazer Natal dentro de nós. Estes foram os aspetos foram tidos em consideração na planificação e pela partilha de ideias com a colega de par pedagógico.

A lecionação da aula foi dividida entre ambas as docentes. Os principais momentos foram: o Advento como tempo de espera, partindo do exemplo da gravidez, que numa família se espera a vinda de um filho; a associação do presépio à família, e de que o presépio de cada pessoa é a sua família; leitura e reflexão do texto “*Jesus não quer nascer hoje*”; entrega das velas e do símbolo, terminando com um cântico de Natal.

No início da aula, os alunos estavam um pouco mais dispersos do que é habitual, não entraram facilmente no espírito de reflexão. Quando a docente se apercebeu, rapidamente pensou numa forma para dar a “volta” à estratégia que estava a ser aplicada, quando se abordava o conteúdo: a relação entre família e presépio. Assim, foi pedido aos alunos que fizessem silêncio e que pensassem nas suas famílias.

A estratégia resultou, pois, o silêncio surgiu e os alunos conseguiram “quebrar” parte da sua agitação. Talvez se só se tem usado o diálogo, os alunos não teriam ficado concentrados para refletir. O objetivo desta estratégia, para além de os acalmar, foi fazê-los pensar.

Nesta parte, conseguiu-se relacionar com a primeira aula em que não tinha mostrado a foto real da família, e agora a mesma fazia sentido na exploração da família como o presépio

onde Jesus quer nascer, aí a docente apresentou a sua, em fotos que retratavam as várias fases da gravidez como tempo de espera.

No entanto, foi referenciado que as famílias de filhos que vivem só com a mãe, ou só com o pai ou avós, entre outros, são famílias diferentes, mas com o mesmo valor para quem as têm. No fim desta primeira parte, era perceptível que a turma estava mais envolvida no tema.

De seguida, a docente Manuela orientou a leitura e a análise do texto acima referido, e no fim interpelou os alunos com algumas perguntas importantes, tais como: o que devemos fazer para que Jesus mude de ideias e queira nascer em nós?

Esta partilha foi muito importante, apesar de alguma dificuldade inicial em responder à pergunta, por parte dos alunos, talvez porque nunca se tivessem questionado. Com a ajuda das docentes, dando algumas pistas, os alunos foram respondendo: fazendo a paz, o bem... não foram tão originais como se poderia esperar. Na verdade, são respostas corretas e que parecem simples, mas que ninguém faz, os nossos alunos são a esperança de que isso mude no amanhã. Por isso mesmo, consideram-se bastante válidas as suas respostas.

Como última mensagem, foram entregues uma vela das “10 milhões de estrelas” vendidas pela Cáritas, explicou-se o sentido da vela e o motivo da venda das mesmas pela Cáritas e lançou-se o desafio dos alunos a acenderem durante a época do Natal. Esta foi a parte da aula mais sentida pelos alunos, deliraram com a vela, e com o símbolo que receberam para o seu porta chaves, um presépio. Todos receberam em sorte, uma atitude a ter no Natal e todos quiseram partilhar a sua, por fim terminou-se com o cântico de Natal.

e) Planificação e Lecionação da Aula 5, UL 2

Colégio Amor de Deus

5º Ano

Unidade Letiva 2: Advento e o Natal

Aula nº5

Lição nº14

Sumário: Advento e Natal – consolidação dos conteúdos lecionados. Jesus, Deus connosco na história.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
G. Identificar os valores evangélicos.	6. Conhecer a situação histórica do Nascimento de Jesus.	<p>Jesus, o Salvador; Emanuel, Deus conosco na história.</p> <p>Jesus encarna numa realidade histórica:</p> <p>Jo 1,1-4.14.</p>	Acolhimento e sumário.	5m	<p>Quadro Projeto PowerPoint Caixa com perguntas Árvore de Natal; Livro dos símbolos Texto Bíblico: Jo 1,1-18. Símbolo porta chaves: porta. Pote: Desafia-te; folhas de papel.</p>	<p>Observação direta dos alunos:</p> <p>- Capacidade de compreensão e interpretação</p> <p>- Qualidade de participação</p> <p>- Desempenho de tarefas</p> <p>- Atenção</p>
			<p>Revisão e Consolidação de conhecimentos:</p> <p>- Caixa de perguntas;</p> <p>- Observação dos símbolos do Advento/Natal estudados;</p> <p>- Exploração/registro no livro dos símbolos.</p>	20 m		
			<p>Jesus, Deus conosco na história:</p> <p>- Análise do texto bíblico: Jo 1, 1-4.14.</p> <p>- Esquematização.</p>	15m		
			Entrega e exploração do símbolo da aula; Elaboração da Síntese Desafio para 2019	10m		
			Síntese: Jesus, Verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, veio para entrar e ficar em nossa casa.			

Quadro 5- Plano de Aula número cinco da Unidade Letiva 2

A paragem das aulas devido à interrupção letiva do Natal foi importante para o merecido descanso, e recuperação de energias, mas também é verdade que com quatro aulas dadas, já se tinha ganho um certo ritmo que teve de ser recuperado.

Logo, que foi feita a preparação desta aula tornou-se visível que o objetivo principal seria

restabelecer o ritmo dos alunos para com a disciplina. Para além disso, por se ter passado quase um mês desde a última aula de EMRC, foi conveniente encontrar uma estratégia mais dinâmica para uma revisão de conteúdos. Até porque, tal como foi salientado na reflexão da aula número três, as primeiras aulas da unidade continham muitos conteúdos e símbolos. Assim, tornou-se essencial realizar uma consolidação de conhecimentos. E a última parte da aula seria dedicada a um novo conteúdo atendendo ao programa da unidade letiva Advento e Natal.

Ao planificar, a docente percebeu que mesmo com a paragem, a feitura da planificação foi mais fácil e rápida, sinal de que a prática estava a surtir efeitos. Tanto que ao mesmo tempo, iniciou parte da planificação da aula número seis. É de salientar que metade da unidade já está lecionada, aumentando assim o grau de confiança. A realização de duas planificações ao mesmo tempo, permite perceber como se poderá dividir os conteúdos pelas próximas aulas.

Relativamente a esta aula, a parte mais difícil da planificação foi a escolha de uma estratégia de revisão de conteúdos que não fosse muito expositiva e que não ocupasse todo o tempo de aula; foi preciso ter em conta as várias hipóteses que poderiam acontecer quando se escolhe determinada estratégia: vai ser atrativa? Quanto tempo de aula ocupa? Com o passar do tempo, a professora sentia que a sua dedicação e o seu perfeccionismo eram cada vez maiores, quer na elaboração da planificação e quer dos seus recursos, nomeadamente o símbolo da aula que faz parte do porta-chaves.

Nos primeiros minutos da aula, o nervosismo foi um pouco maior do que habitual, devido à quebra de ritmo pela pausa letiva, no entanto foi ultrapassado de forma mais célere comparando com as primeiras aulas.

Sentiu que os alunos estavam motivados, no entanto uma grande parte deles, não tinha na sala o livro dos símbolos. Com as férias, ficaram sem saber se iriam retomar o estudo da mesma unidade, conseqüentemente não sabiam se seria necessário o material usado no primeiro período. Nesse momento, a docente teve a noção de que foi mesmo essencial ter lecionado uma atividade de consolidação de conteúdos.

Para iniciar a dinâmica “Caixa das perguntas” explicou antecipadamente como esta iria decorrer, algo que se lembrou porque não fez o mesmo, na dinâmica com base na história *Eu Espero*. Os alunos compreenderam todas as instruções: em pares, organizados pela professora, teriam de tirar um papel da caixa que contém uma pergunta sobre os conteúdos já lecionados, mas não poderiam abrir e ler até todos os pares terem o seu papel. A finalidade foi consciencializar, os alunos, para o sentido positivo da espera, saber esperar. Na verdade, alguns alunos sentiram mais dificuldade e quase que abriram a sua pergunta antes do tempo, mas a docente foi conversando com eles sobre a importância da espera, e assim tentar cativá-los para essa atitude.

Depois cada grupo, em dois minutos teve de descobrir a resposta à sua pergunta para apresentar à turma. Durante esse período, a professora registou o que ia observando do trabalho dos grupos. Alguns atingiram mais facilmente as respostas do que outros, tendo sido necessário, a esses, dar algumas orientações. Durante as apresentações das respostas anotou que os alunos apesar de algum esquecimento referente a alguns conteúdos, conseguiram responder, por sua iniciativa, com o apoio dos colegas, ou recorrendo ao caderno diário e/ou livro dos símbolos. Não houve nenhuma questão que tivesse de ser respondida pela docente.

A dinâmica da caixa das perguntas demorou mais cinco minutos do que estava previsto, já que foi necessário incentivar e ajudar os alunos a encontrarem as melhores respostas. Assim, foi necessário reorganizar a leitura e análise do texto bíblico sobre Jesus, “Deus conosco na história” (Jo 1,1-4.14). A professora pediu aos alunos que sublinhassem as palavras mais importantes à medida que um aluno foi lendo o texto em voz alta. No quadro, a docente escreveu algumas dessas palavras, e a partir das mesmas foi elaborada a síntese da aula, visto que não haveria tempo para elaborar as duas atividades de forma distinta e mais extensa.

Esta adaptação da estratégia foi muito benéfica, já que o sublinhar das ideias principais permitiu no fim da leitura, focando a análise na parte central do texto, assim em cinco minutos

os alunos conseguiram cumprir minimamente a tarefa. Para melhor compreensão do conteúdo, no início da aula seguinte, vai começar por uma revisão deste texto.

A entrega do símbolo antes dos alunos sugerirem a síntese, facilitou a compreensão da mesma, visto que este transparecia facilmente o seu significado e a respetiva síntese: Jesus é a nossa porta para Deus. O símbolo era uma casa com uma porta e do outro lado estava uma imagem de Jesus a bater à porta.

Como se pretende que a síntese seja feita pelos alunos, deve-se conduzi-los à ideia chave que é previamente elaborada pelo professor, mas tendo em conta as ideias dos discentes, ou seja como perceberam a mensagem. E se a essência da síntese é a mesma, faz todo o sentido aceitá-la.

No, entretanto, tocou, mas os alunos conseguiram escrever a síntese dentro do tempo limite. No fim da aula, como presente por terem respondido assertivamente às questões da caixa tiveram direito a bombons, uma forma de os alunos perceberem que o seu esforço foi recompensado e tornando possível uma relação mais próxima entre professora e alunos

Como na próxima aula se pretende explorar as diferenças entre o calendário cristão e o chinês. Em particular foi convidado um dos alunos de origem chinesa a explicar o seu calendário. Por fim, e com o intuito de responsabilizar os alunos, foi pedido à delegada e ao subdelegado para apresentarem aos colegas, durante a semana, a atividade “Desafia-te”. Esta consta num pote do desafio onde todas as semanas cada um irá depositar um papel colorido, no qual descreverá um acontecimento importante que viveu nessa semana. O objetivo é fazê-los refletir nos sentimentos que as suas vivências lhes proporcionam.

f) Planificação e Lecionação da Aula 6, UL 2

Colégio do Amor de Deus

5º Ano

Unidade Letiva 2: Advento e o Natal

Aula nº6

Lição nº15

Sumário: Situação histórica da Palestina no tempo de Jesus, num marco na história.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
G. Identificar os valores evangélicos	6. Conhecer a situação histórica do Nascimento de Jesus.	A Palestina do tempo de Jesus: situação geográfica, política e social.	Acolhimento e sumário.	5m	Quadro Projetor Pote “Desafia-te”; Folhas de papel coloridas; Livro dos símbolos; PowerPoint Mapa do mundo, Palestina e de Portugal Vídeo: Mensagens do Príncipezinho Mensagens de Jesus/Príncipezinho; Símbolo porta chaves: moldura com foto do aluno.	Observação direta dos alunos: - Capacidade de compreensão e interpretação - Qualidade de participação - Desempenho de tarefas - Atenção
			Consolidação de conhecimento: - Atividade “Desafia-te”! - Explicação do T.P.C: colagem do significado dos símbolos no livro dos símbolos;	5m		
			Situação histórica – A Palestina no tempo de Jesus: - Exploração do PowerPoint: Viagem à Palestina no tempo de Jesus;	15 m		
			- Observação do mapa da Palestina; - Comparação entre a Palestina de Jesus e o mundo de hoje;	20m		
			Jesus, um marco na história: - Atualidade do Nascimento de Jesus: alusão ao símbolo da aula anterior; - Atualidade da mensagem de Jesus: relação com a obra do Príncipezinho.	5m		
			Entrega do símbolo da aula; Elaboração da Síntese			
Síntese: Em mim, Jesus nascerá sempre que praticar a sua mensagem.						

Quadro 6- Plano da aula número seis da Unidade Letiva 2

Durante a semana, o professor cooperante informou que o aluno de descendência chinesa se sentia envergonhado para explicar o calendário chinês aos colegas, por isso a docente reorganizou a aula em torno da explicação de como se vivia no tempo de Jesus e a sua organização geográfica, política, social e religiosa estipulando uma relação entre esse e o tempo atual.

O objetivo principal foi o reconhecimento por parte dos alunos de que Jesus sempre esteve presente na história desde o passado, presente até ao futuro. Ele é um marco incontornável na História da Humanidade: “Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.”

Na preparação da aula houve a preocupação de uma transmissão dos conteúdos criativa, especialmente no que se refere à Palestina no tempo de Jesus. Optou-se por uma explicação em comparação com os dias de hoje, por exemplo no tempo de Jesus o poder era religioso hoje não é, temos um poder civil formado pelo Estado.

Para além das diferenças procurou-se apresentar as semelhanças entre os tempos, como a existência do mal, da guerra, e por outro lado sensibilizá-los para a possibilidade do bem, sendo este o fundamento, para ainda hoje se celebrar o Natal.

Para a concretização destas estratégias, a docente criou o recurso a utilizar para facilitar a transmissão e essencialmente a apreensão dos conhecimentos pelos alunos: os mapas de Portugal e da Palestina desenhados em papel de cenário e as palavras chave para a interpretação das diferenças e semelhanças entre Palestina e Portugal, no tempo de Jesus e no tempo de hoje.

Esta forma de expor os conteúdos foi escolhida, por se saber que os alunos desta faixa etária têm mais dificuldade em compreender factos históricos de um tempo que não é o deles. Assim, tornou-se mais fácil dar-lhes a conhecer a situação histórica em que Jesus nasceu.

É igualmente importante que os alunos compreendam a atualidade do nascimento de Jesus e da sua mensagem, nesse sentido decidiu procurar uma obra literária conhecida dos alunos cuja mensagem fosse semelhante à de Jesus, porque esta é uma boa forma de se conseguir ensinar que a mensagem de Jesus é atual e universal.

No início da aula, a consolidação e articulação de conhecimentos com a aula anterior permitiu constatar se a delegada e o subdelegado tinham cumprido a tarefa de relembrar a turma para a atividade “Desafia-te”, observando-se que alguns alunos já tinham compreendido a tarefa, pois dentro do pote estavam alguns papéis coloridos com acontecimentos importantes vividos pelos alunos.

Esta atividade adequa-se perfeitamente à unidade pois o Natal deve ser um período de renascimento e também porque se está a iniciar um novo ano civil. Sendo importante refletir sobre os acontecimentos da vida. Numa geração que vive no mundo do “gelo” é cada vez mais urgente criar momentos nas aulas, para essa reflexão. Na verdade, a capacidade de pensar e de expressar sentimentos é cada vez menos visível nas crianças, e cabe especialmente à EMRC estimulá-las para esse caminho.

Depois, numa tentativa de que o livro dos símbolos ficasse completo pelos alunos, sem que se tivesse de usar muito tempo de aula, pois com o avançar dos conteúdos tornou-se complicado gerir os cinquenta minutos. Assim, entendeu-se que a colagem do significado dos símbolos em falta seria feita em T.P.C. Procedeu-se a essa explicação, e para evitar que os alunos perdessem algum dos textos explicativos dos símbolos, entregou-se a cada, um envelope com os símbolos para ser aberto em casa e os textos colados durante a semana.

Eis o espanto da professora, quando os alunos ao receberem os envelopes, se sentiram movidos por uma grande curiosidade e começaram a abri-los na aula para ver o que lá estava lá. Quando se pensa nesta estratégia não se imagina que o interesse por um simples envelope seja tão grande, mas porquê? Dá que pensar..., contudo ao observar a atitude dos alunos, rapidamente, se percebe que no mundo destas crianças não se usam envelopes, usam-se emails que vieram substituíram as tradicionais cartas que circulavam em envelopes, logo o envelope é uma novidade para eles.

Partindo para a exploração do conteúdo, a Palestina no tempo de Jesus com recurso à comparação com o mundo atual. Reconheceu-se que a utilização do *PowerPoint* e da estratégia

dos mapas em papel de cenário onde se fixaram as palavras chave foi muito mais apelativa para os alunos do que a simples leitura dos textos através do manual, atendendo ao conteúdo em causa.

Mesmo assim, durante a exploração houve a necessidade de repetir algumas das questões e das ideias chave para que os conhecimentos pudessem ser bem solidificados.

Quando isso acontece, a docente fica a pensar, se os alunos não perceberam as questões é porque a sua estratégia não foi a mais adequada? ou então é ela que não está a exprimir bem as ideias? Se por um lado, esse sentimento não auxilia o desenvolvimento da aula, por outro motiva a procurar explicar os conteúdos recorrendo a diversos exemplos, e utilizando todas as respostas dadas pelos alunos de forma a conduzi-los ao conhecimento, uma estratégia muito positiva.

É muito benéfica a vontade de participação de alguns alunos quer na colagem das palavras chave nos mapas quer na resposta às perguntas. No entanto, alguns alunos estavam mais distraídos na presente aula, e menos participativos evidenciaram-se durante a atividade sobre a Palestina no tempo de Jesus. A exploração do conteúdo Jesus um marco na história teve de ser alterada durante a aula, porque foi usado mais tempo de aula para além do previsto.

Assim, a parte final da aula foi readaptada, abdicando da projeção do vídeo com algumas das mensagens principais do Príncipezinho, como forma de introduzir a relação entre estas e a mensagem de Jesus, e passando diretamente para a relação entre as mensagens, por ser o mais importante.

Então, Começou-se por situar a Palavra de Jesus na Bíblia, como o livro mais lido do mundo com a palavra do Príncipezinho, é o segundo mais lido. De seguida, foram apresentadas uma seleção de mensagens das duas obras em papel colorido, distribuído pelos alunos. O objetivo de os alunos serem capazes de anexar mensagens comuns pelas cores. Por exemplo, existiam duas folhas verdes, uma com a mensagem de Jesus e outra com a mensagem do Príncipezinho.

Os alunos foram convidados à leitura das frases e à elaboração do resumo das ideias principais e seu significado. Esta última parte foi mais difícil para eles, pois apesar, de uma parte da turma já ter lido o Príncipezinho tiveram dificuldades em resumir as ideias chave. E aí, a docente providenciou outra estratégia de auxílio à compreensão dos alunos.

Primeiro foi feita uma seleção das cinco frases comuns dos textos, tendo-se apresentado, em aula, apenas três para não confundir os alunos. E foi-lhes pedido que indicassem uma palavra comum entre texto de Jesus (Bíblia) e do Príncipezinho, e que a registassem no caderno diário. Todas as mensagens foram coladas na parede, tendo sido pedido aos alunos que as fossem relendo durante a semana quando entrassem ou saíssem da sala. E que na próxima aula seria feita uma revisão do significado das mesmas.

Assim, se tornou mais fácil para os alunos ficarem com alguma ideia das mensagens, pois possivelmente nunca tinham feito esta comparação, apesar de estarem na idade da abstração. Para estabelecerem uma relação entre textos um pouco mais complexos, os alunos necessitam de mais tempo. Esse foi o motivo que fez a docente optar por lhes dar as bases na aula e depois rever no início da aula seguinte e aí consolidar conhecimentos.

A síntese foi feita cerca de dois minutos antes do toque para intervalo, mas foi conseguida pois o símbolo apresentado constituía uma boa pista para a síntese quer pela sua forma quer pelo conteúdo. E na verdade, ao longo da unidade essa tornou-se preocupação da professora: aperfeiçoar o símbolo da aula, para que seja um bom um fio condutor para a síntese.

g) Planificação e Lecionação da Aula 6, UL 2

Colégio Amor de Deus

5º Ano

Unidade Letiva 2: Advento e o Natal

Aula nº7

Lição nº16

Sumário: Atualidade da mensagem de Jesus. A esperança cristã.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
<p>P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>	<p>7. Promover o valor da esperança na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus</p>	<p>Jesus veio para nos salvar: o significado da esperança cristã.</p> <p>A construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com o projeto de Jesus.</p>	Acolhimento e sumário.	5m	<p>Quadro</p> <p>Projetor</p> <p>PowerPoint</p> <p>Vídeo: mensagens do Príncipezinho</p> <p>Mensagens de Jesus/Príncipezinho</p> <p>Envelopes;</p> <p>Vídeo: A pequena vendedora de fósforos</p> <p>Símbolo porta chaves: caixa de fósforos.</p>	<p>Observação direta dos alunos:</p> <p>- Capacidade de compreensão e interpretação</p> <p>- Qualidade de participação</p> <p>- Desempenho de tarefas</p> <p>- Atenção</p>
			<p>Articulação com a aula anterior - atualidade da mensagem de Jesus:</p> <p>- Recolha do livro dos símbolos para avaliação;</p> <p>- Relação entre mensagem de Jesus e da obra do Príncipezinho;</p> <p>- Revisão da síntese;</p>	15m		
			<p>A esperança cristã:</p> <p>- Visualização do vídeo sobre a história “A pequena vencedora de fósforos”;</p> <p>- Análise da história destacando a importância da esperança cristã;</p> <p>Ser esperança contribui para uma sociedade melhor:</p> <p>- Apresentação do projeto apadrinhamento de crianças Melika Huila.</p>	10m		
			<p>Entrega do símbolo da aula;</p> <p>Elaboração da Síntese</p>	5m		
			<p>Síntese: A esperança é a chama que o Natal acende em nós através de Jesus.</p>			

Quadro 7- Plano da Aula número seis da Unidade Letiva 2

Na reflexão para a preparação da aula, a docente teve em consideração algumas ideias das que foram sendo construídas que no decorrer da prática de ensino supervisionada, e também as sugestões do núcleo da PES. A primeira é a questão da avaliação, já que é de a responsabilidade do professor cooperante atribuir a avaliação aos alunos no final de cada período, de aplicar e corrigir o teste que a docente elaborou. Assim durante a PES acabou-se por não ter muito em mente os registos de avaliação.

No entanto, e pensando na futura prática letiva surge a questão da docente de como poderá avaliar o livro dos símbolos? Pois será importante ter avaliações intermédias e não só o teste no final do período. Assim, resolveu aplicar nesta aula uma estratégia de avaliação: recolher o livro dos símbolos de todos os alunos, que foram previamente avisados durante a semana pelo professor cooperante. E avaliar os mesmos através de carimbos, ou seja, se os alunos realizaram as tarefas foi-lhes atribuído um carimbo com um *smile* e frase positiva senão terão um *smile* e frase menos positiva, mas apelativa ao melhoramento do desempenho. Depois de feita a avaliação, os livros serão devolvidos aos alunos e estes poderão analisar o que fizeram.

Para além disso, pensou que seria muito pertinente utilizar a estratégia dos envelopes nas atividades da aula, visto que os alunos têm o grande fascínio por abrir um envelope e descobrir o que lá está dentro. Então decidiu colocar todas as tarefas a realizar na aula, dentro de envelopes numerados, e deixar um em cada secretária para garantir que todos os alunos iriam desempenhar uma tarefa durante a aula.

É uma ideia entusiasmante, mas para correr bem, a docente tem a noção de que tem de estar atenta a se os envelopes serão abertos por ordem da aula cada envelope, para que não haja alguma falha que possa confundir os alunos. Também elaborou um resumo da numeração e do conteúdo de cada envelope para poder controlar durante a aula, a realização das tarefas.

A distribuição dos envelopes por cada secretária foi feita antes da aula começar para uma melhor gestão do tempo. No entanto, teve de moderar a curiosidade dos alunos que quando se sentaram na sua secretária queriam logo abrir os envelopes.

Após o registo do sumário, a aula começou com a abertura do envelope número um, em que duas alunas foram selecionadas para recolher os livros dos símbolos para avaliação. Dos vinte e sete alunos, dez entregaram os livros nesse dia, e os restantes pediram para trazer na próxima aula. Tendo presente que a maioria não os trouxe, a docente decidiu aceitar que o entregassem na próxima aula.

A turma foi informada de como seriam avaliados, com os carimbos, que lhes foram mostrados, apelando ao sentido de responsabilidade dos alunos. Enquanto se procedeu à recolha dos livros, foi projetado o vídeo com algumas mensagens do livro *Príncipezinho*, que contém uma música de fundo relaxante, isso permitiu que os alunos pudessem aumentar a sua capacidade de concentração.

A consolidação da estratégia da relação entre a mensagem de Jesus e do *Príncipezinho*, fez-se do seguinte modo: alguns alunos tinham nos envelopes as frases lidas na aula anterior e as mesmas foram relidas. Desta vez conseguiram mais facilmente chegar às palavras chave, que estavam nos envelopes e que posteriormente foram coladas na parede: cada par de mensagens: uma da Jesus e outra do *Príncipezinho* unidas pela palavra chave comum. Por exemplo: Amar, Dar, Ter esperança.

A primeira palavra chave das duas primeiras mensagens foi AMAR, aproveitando o momento foi feita a alusão à oração da manhã do colégio que focava a forma de AMAR que Jesus nos propõe. Nesse instante em que os alunos respondem que não fizemos a oração da manhã. A docente parou por uns segundos e pensou que deveria fazê-la com a turma, naquele momento. O objetivo era conseguir levar os alunos a compreender que ali, na oração, também estava presente a mensagem do amor, como estávamos a falar na aula.

A palavra ESPERANÇA serviu de chave para a introdução do conteúdo da aula: A esperança cristã. Abordou com os alunos sobre o que era a esperança e formulou-se no quadro um pequeno esquema, no qual se relacionou ESPERANÇA com ACREDITAR e SABER ESPERAR, como a atitude que Jesus oferece à humanidade, com o seu nascimento.

De seguida, e para quebrar o ritmo acelerado da aula, com a abertura dos envelopes, colagens, e a participação oral dos alunos. Foi igualmente importante fazê-los refletir, nesse sentido visualizou-se a história “A pequena vendedora de fósforos” que faz parte dos conteúdos do manual para esta unidade letiva.

Os alunos mostraram-se muito atentos à história e sensibilizados, o objetivo de os fazer pensar foi alcançado, sendo notório nas suas expressões faciais. Com a exploração da história se pretende direcioná-los para a importância de se ser esperança para o outro, e como o podem fazer.

A partir de uma das questões desta história, o que podemos fazer para ajudar crianças que vivam na situação da pequena vendedora de fósforos? Pretende-se que a turma comece a consciencializar-se de que tem de ser esperança no mundo, e isso não se limita ao dar roupa e alimento.

Nesse momento, introduziu-se o projeto de apadrinhamento de crianças Melika Huila como desafio para a turma aprender a ser esperança para uma sociedade melhor, para com crianças que não conhecem fisicamente, mas que sabemos que vivem na pobreza e precisam da nossa ajuda.

Como a aula estava prestes a terminar, expliquei sucintamente que o projeto consistia em angariar fundos [50 euros] para apadrinhar os estudos de uma criança de Angola que ia ser apadrinhada pela turma, caso aceitassem o desafio. Só teriam de pensar durante a semana em estratégias para se obter o dinheiro, e partilhar com o professor de cidadania. Para na próxima aula de EMRC terem já ideias estabelecidas, visto que era a última aula da unidade que a docente iria lecionar. Logo será necessário continuar o projeto durante as semanas seguintes, com a parceria da professora Manuela que assegurou as aulas entre fevereiro e março de 2019.

Por fim, a síntese que também fez parte das tarefas dos envelopes, dois alunos tiveram durante a semana que pensar numa frase resumo desta aula, utilizando como referência o que fora abordado e o símbolo do porta chaves: uma caixa de fósforos. No início da aula seguinte

terão de a apresentar, servindo assim como revisão e articulação entre aulas.

A estratégia do apadrinhamento de crianças dá para desenvolver a pedagogia do serviço, mas como a unidade letiva termina na próxima semana, não se poderá aplicar na dimensão de projeto. No entanto, a docente pensou em incentivar os alunos no tempo extra-aula a fazerem algo para angariação de fundos e depois na unidade quatro “Construir a fraternidade” que também irá lecionar vai associar novamente o projeto. E a partir desta estratégia ficou a vontade de na sua prática letiva futura, desenvolver a pedagogia do serviço, porque entende que os alunos precisam sair do ‘seu mundo’ e olhar para o irmão mais necessitado.

h) Planificação e Lecionação da Aula 8, UL 2

Colégio do Amor de Deus

5º Ano

Unidade Letiva 2: Advento e o Natal

Aula nº8

Lição nº17

Sumário: A esperança cristã, o caminho para a construção de uma sociedade mais justa.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	RECURSOS	AValiação FORMATIVA					
<p>P. Identificar o fundament o religioso da moral cristã.</p> <p>L. Estabelece r um diálogo entre a cultura e a fé.</p>	<p>7. Promover o valor da esperança na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus.</p>	<p>Jesus veio para nos salvar: o significado da esperança crista.</p> <p>A construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com o projeto de Jesus.</p>	Acolhimento e sumário.	5m	<p>Quadro</p> <p>Projetor</p> <p>Papel Cenário</p> <p>Fita Vermelha</p> <p>PowerPoint</p> <p>Dinâmica “Ser Esperança”</p> <p>Símbolo porta chaves: cruz com pegada</p>	<p>Observação direta dos alunos:</p> <p>- Capacidade de compreensão e interpretação</p> <p>- Qualidade de participação</p> <p>- Desempenho de tarefas (livro dos símbolos)</p> <p>Atenção</p>					
			<p>Articulação com a aula anterior:</p> <p>. Feedback da avaliação da atividade: Livro dos Símbolos;</p> <p>. Revisão da síntese;</p>	10m							
			<p>A esperança crista, do Natal á Páscoa (Dinâmica “Ser Esperança”):</p> <p>. Entender o valor da esperança crista a partir do Advento, Natal e da Páscoa;</p>								
			<p>. Jesus, o exemplo de como ser esperança, na construção de uma sociedade melhor;</p> <p>Construção de uma sociedade de acordo com o projeto de Jesus (ser esperança):</p> <p>. Promover atitude de serviço ao outro através do projeto apadrinhamento de crianças Melika – Huila:</p>				15m				
			<p>. Estratégias para angariação de fundos.</p>	10m							
			Entrega do Símbolo da aula;								
			Elaboração da Síntese;								
			<p>Síntese: Cristo é aquele que se entrega ao próximo.</p>								

Quadro 8- Plano da Aula número oito da Unidade Letiva 2

Da planificação, tal como foi decorrendo ao longo das aulas anteriores, consta do momento inicial a articulação da aula anterior, através do *feedback* com os alunos da avaliação do livro dos símbolos pois tratando-se da última aula, é fundamental falar deste recurso que os acompanhou em toda a unidade. E depois foi feita a síntese da aula anterior de acordo com o que tiver sido pensada pelos alunos que ficaram com essa responsabilidade. No que se refere à planificação da atividade síntese da unidade letiva, a docente teve em conta a sugestão do professor cooperante em elaborar uma estratégia de síntese que fosse no sentido da vivência da esperança cristã do Natal à Páscoa.

Na preparação da aula sentiu vontade de arriscar num conceito de aula reflexiva, em que a síntese surgisse a partir das ideias dos alunos sobre o que se tinha falado na unidade, a partir de várias palavras e imagens relacionadas com os conteúdos e que permitiram aos alunos estabelecer o fio condutor da unidade.

Tudo isto foi feito com os alunos sentados à volta do recurso criado, a cruz, e no qual se colocou as palavras chave. Como o maior símbolo dos cristãos é a cruz que simboliza a entrega de Jesus e a vida nova que Ele oferece aos homens. Não esquecendo que foi a morte de Cristo na cruz que deixa ao mundo a esperança na ressurreição. A cruz recorda que o Homem tem de viver a presença de Cristo através do Advento, Natal e da Páscoa.

Para alcançar esses objetivos, a docente desenhou num papel de cenário uma cruz pois é o símbolo que representa Jesus de quem se celebra o seu nascimento, na unidade que agora está a terminar, “Advento e Natal”, e também porque foi na Cruz que Cristo renova a esperança que adquirida no Natal com o seu nascimento.

A cruz foi delimitada com a fita vermelha, utilizada na aula número três [história Eu espero, fio vermelho] que representa a vida, pois através da cruz, Cristo morre e depois ressuscita. Assim, a Humanidade poderá continuar a renascer, a cada dia que se vive, ou seja, a ‘morrer’ do nosso egoísmo para se renascer para a partilha e a fraternidade com o irmão, a ser esperança para o outro. O fio da vida representa também a união humana à cruz, é através dela

que nos unimos a Cristo!

Depois foram selecionadas e impressas pela professora algumas palavras chave em pedaços de papel para cada aluno colar na cruz à medida que fossem sendo faladas. O objetivo foi relacionar o tempo do Advento, Natal, Quaresma e Páscoa com a palavra esperança e a partir daí promover a atitude de serviço ao outro, explorando o projeto de apadrinhamento e as estratégias que os alunos fossem propondo para a angariação de fundos.

A aula iniciou com o registo do sumário e logo depois os alunos foram questionados acerca do livro dos símbolos, aqueles que se tinham esquecido de o entregar na última aula. E depois se fez uma análise sobre o que tinham conseguido fazer no livro dos símbolos, salientando-se os aspetos positivos e corrigindo os erros de alguns alunos no preenchimento.

Uma parte da turma começou a colar os textos dos símbolos em falta na aula, a docente permitiu que o fizessem em dois minutos, pois já tinham sido responsabilizados nas aulas anteriores para o fazerem em casa. Na reflexão sobre o livro, já se tinha utilizado mais tempo do que o previsto, pois a docente entendeu esclarecer os alunos e motivá-los para o preenchimento para o seu preenchimento.

A avaliação das tarefas pedidas também é um importante *feedback* do que a turma é capaz de cumprir, mesmo não sendo da responsabilidade das professoras estagiárias avaliar a turma, fica a experiência para os anos seguintes, o que é muito importante. De seguida, iniciou-se a dinâmica “Ser Esperança”, com o papel de cenário no chão junto ao quadro, a turma foi convidada a sentar-se em círculo à volta da cruz, como o espaço é pequeno para vinte e sete alunos ficaram muito próximos uns aos outros, o que trouxe mais alguma agitação, mas isso já é normal, em atividades desta natureza.

Na verdade, é muito importante para eles, esta proximidade com os colegas visto que se sentam em secretárias individuais durante a maioria das aulas ao longo do ano letivo, e isso por si só já é motivo para maior agitação, que neste contexto se torna positiva. Neste tipo de atividades, cabe ao professor preparar bem e previamente a estratégia a aplicar, atribuindo

tarefas aos alunos mais distraídos para que se desenvolva normalmente a aprendizagem.

1.5.3. Reflexão da Prática

Especialmente, nas primeiras aulas, o feedback dos alunos e do núcleo de estágio são essenciais para se perceber se o caminho que se vai seguindo na prática letiva é o mais adequado aos objetivos e ao carisma da disciplina. Quando se vem de uma área científica [Gestão] para a área do ensino, sem formação. Esta foi a primeira e grande oportunidade de conhecer, (re)aprender, inovar e sem dúvida de melhorar, superando cada desafio proposto, e foram muitos.

A valorização das estratégias por parte do núcleo com a indicação de sugestões ou pontos a melhorar/aperfeiçoar é muito significativo, porque permite ao docente perceber como os outros vêem a sua lecionação. Por isso, tive sempre em consideração o que fora mencionado em reunião de núcleo, já que a perspetiva de quem está a assistir ao que se faz é muito diferente daquela que tem o professor que está a lecionar.

Para além disso, o apoio das colegas estagiárias durante a aula é muito útil nomeadamente na gestão do tempo e permite aos alunos observar o trabalho de equipa entre os professores, porque, normalmente, em todas as disciplinas só há um docente em sala de aula.

As estratégias do livro dos símbolos e da elaboração do porta chaves com os símbolos da unidade letiva, [em conformidade com o que fizera a colega Manuela Correia na unidade letiva número um], despertaram o interesse e o entusiasmo dos alunos em cada aula. A utilização de símbolos facilita a compreensão dos textos bíblicos, por todos e não apenas para os alunos cristãos. Assim, em cada aula foi possível implementar pelo menos uma dinâmica que permitisse aos alunos a compreensão da sua mensagem.

A maior dificuldade foi a gestão da ansiedade por estar num ambiente de avaliação, de gestão de tempo, tendo que seguir a planificação. No entanto, ao longo da unidade consegui

melhorar este aspeto da ansiedade, com a facilidade em (re)adaptar as estratégias definidas, durante a aula, e em função do tempo, adequando-as de forma fácil e exequível.

Numa perspetiva pessoal, a organização do manual do quinto ano nomeadamente na unidade letiva “Advento e Natal” não é a mais apelativa e lúdica para os alunos. Assim durante as oito aulas foram criados vários recursos facilitadores da compreensão dos conteúdos pelos alunos. E a partir dos mesmos tornou-se mais interessante a utilização do manual de acordo com os objetivos definidos no plano de aula. Tanto os recursos como as estratégias aplicadas foram muito diversificadas e criativas, o que despertou a atenção dos alunos.

A preocupação com a articulação de conteúdos aula a aula foi constante, na medida em que no início de cada aula foram sempre estabelecidas ‘pontes’ com a aula anterior. Houve também o cuidado de promover a consolidação de conhecimentos, nomeadamente na aula após as férias do Natal visto que havia um mês que os últimos conteúdos tinham sido lecionados, e após a interrupção letiva retomou-se a mesma unidade. Sendo assim, essa revisão, no início do segundo período foi essencial.

É de destacar a curiosidade dos alunos com a estratégia dos envelopes [ver aula seis], viabilizando a participação de todos os alunos na aula. Bem como o melhoramento da capacidade interpretação/comparação das mensagens de Jesus com as mensagens do Principezinho, através da seleção das palavras chave que foram retiradas dos envelopes e coladas junto aos textos. Ou seja, os alunos conseguiram visualizar com maior facilidade a mensagem comum.

Nas últimas aulas, foi essencial, o projeto de apadrinhamento porque, em primeiro lugar, permitiu aos alunos começarem a olhar para o mundo fora do seu ‘umbigo’, e em segundo, porque permitiu a integração da pedagogia do serviço na unidade letiva. Uma ótima estratégia para se trabalhar projetos que envolvam o contato dos alunos com a comunidade.

O serviço ao outro é das melhores formas de os alunos entenderem como podem ser esperança no mundo, objetivo principal desta unidade letiva. A turma mostrou-se sensível ao projeto e uma parte das alunas começaram a mencionar tarefas a desenvolver para a angariação

de fundos: vender pulseiras feitas por elas, trazer dinheiro da mesada ou do que tinham recebido no Natal.

Atendendo a que a diferença social é muito grande entre os alunos do quinto D e os do projeto Melika- Huíla (Angola) foi muito benéfica a introdução deste projeto para uma maior consciencialização destas crianças para o mundo à sua volta e respetivas necessidades.

O bom ambiente, com aulas organizadas, recursos diversificados e percebendo que a mensagem ia ficando nos alunos aula a aula. Ainda há vontade de arriscar numa nova estratégia de conclusão da unidade, na última aula da mesma. Creio que isto comprova a enorme entrega, empenho e trabalho dedicado ao estágio. Não havendo impossíveis, os obstáculos foram sendo ultrapassados desde que tivesse a certeza de que a ideia tivesse ‘pernas para andar’.

Hoje, e após a prática letiva tenho mais certeza de que vale a pena sair da zona de conforto e dar asas à imaginação. Afinal, foi isso que Jesus fez com os seus gestos e parábolas, usando a criatividade, transmitia a Palavra de Deus e cativa o povo. E os professores de EMRC são os sucessores desta missão. Na escola somos chamados a evangelizar para todos, cristãos e não cristãos, ser uma marca na vida dos alunos, só através dos nossos gestos, amizade e afetividade conseguiremos transmitir-lhes os conteúdos.

Sendo assim, avalio a minha prática letiva como excelente, proporcionou-me experiências únicas, ensinou-me que sou capaz de lecionar em diferentes meios, público ou católico, nos Açores ou em Cascais. As dificuldades fizeram-me crescer, transformaram-me num ser de infinita esperança.

No último dia em que sai do colégio, ficou a saudade, a vontade de fazer mais... mas rapidamente percebi a minha tarefa aqui está feita. Agora não faltam a garra e a vontade de aplicar as estratégias aqui desenvolvidas com os alunos do meu meio, mesmo consciente das diferenças: vantagens e desvantagens encontrei daqui em diante.

Uma certeza, eu tenho Deus quer que leve tudo o que aqui aprendi para outras paragens, só Ele sabe onde é o nosso lugar, a nós basta confiar.

1.5.4. Para ir mais longe ou onde me leva a esperança

«A educação é um tempo onde aprendemos a subir montanhas e lugar de onde partimos a escalar altitudes. Educar não significa diminuir a altura nem evitar as dificuldades de escalar o alto da montanha para lá de desvendar horizontes maiores. Educar significa ensinar e aprender a subir pelos próprios pés [...]. Os sabores das vitórias alcançadas vêm sempre depois das dificuldades vencidas e dos obstáculos ultrapassados. A vida não cresce sem esforço. Os valores não se cultivam sem trabalho, mérito nem se conquista sem persistência.»

D. António Francisco dos Santos¹⁰⁹

Na perspectiva da docente, a sua prática de ensino supervisionada é metaforicamente comparável à subida a uma montanha, tendo desbravado caminhos e enfrentado dificuldades que surgiram na escalada. No entanto, o mais importante foi ter aprendido a subir com os próprios pés, e assim chegar ao topo com esforço, persistência e mérito. A educação vive de desafios constantes para o professor e o aluno, juntos caminham em direção à montanha, num percurso que se faz de constantes aprendizagens de e para professor e aluno.

Os problemas que a lecionação sobre a esperança, nesta unidade letiva, prendem-se com o facto de que se estarão ou não, os alunos, despertados para o sentido da espera e da esperança, quando o mundo em que vivem é pautado pela superficialidade em pensamentos e ações? Como pode, o professor ser um contributo de consciencialização do Advento como caminho de espera, que é fundamental para se viver a esperança, que o Menino Jesus nos traz, com o Natal?

Importa observar sob o prisma da docente, se durante a lecionação da unidade letiva número dois “Advento e Natal” foram definidas respostas a estas questões e se pode melhorar

¹⁰⁹ D. António Francisco dos Santos, «A Hora da EMRC na Missão Jubilar», Nota Pastoral, Aveiro, 24 de junho de 2012.

as mesmas. É o momento de considerar, se prática letiva desenvolvida deixou horizontes maiores a atingir. Analisar as questões que ficaram na mente da docente sobre esta unidade e ponderar como será possível ir mais longe, onde nos leva a esperança?

A reflexão da prática docente é muito importante nomeadamente em momentos de supervisão pedagógica. «A fim de diagnosticar e resolver da melhor forma os problemas e dificuldades que vão surgindo no seu desenrolar é uma das pedras basilares para a formação contínua. Por esta via, os professores poderão certamente melhorar e continuar a progredir na sua profissão.»¹¹⁰

A meditação deve se fundamentar, para além dos muitos aspetos positivos, referenciados ao longo do tópico número cinco deste relatório, a abordagem à prática letiva, no que futuramente pode ser melhorado, em função das falhas, fragilidades ou omissões detetadas na planificação e na PES. «Os jovens precisam de uma educação de qualidade [...]. Por isso, o educador precisa, ele mesmo, de uma formação permanente [...], mas também é necessário fazer cursos de exercícios espirituais, retiros, para rezar. Porque a coerência é um esforço, mas, sobretudo, é um dom e uma graça. E nós devemos pedi-la.»¹¹¹

Tendo em conta a reflexão apresentada no ponto anterior e o problema que se alicerçou a PES e consequentemente este relatório, pretende-se apresentar para discussão uma nova planificação, para a qual se terá em consideração os seguintes elementos:

- a) Indicar: introduzir o conceito e a experiência da “esperança”;

A educação para a esperança é cada vez mais urgente, para que os alunos não vivam na cegueira como os discípulos de Emaús, a quem o Papa Francisco se refere no seu livro *Educar para uma Esperança Ativa*. «Educar para a esperança é conseguir que uma criança, um jovem, tenha horizontes!»¹¹²

¹¹⁰ Alarcão & Tavares, *Supervisão Pedagógica*, 99

¹¹¹ Papa Francisco, *Educar para uma esperança Ativa*, 217-218.

¹¹² Papa Francisco, *Educar para uma esperança Ativa*, 204

Assim, desde o início da leção se deve introduzir a palavra esperança, pois a construção de horizontes implica subir uma grande montanha. Para tal, se tem de conhecer desde o primeiro dia da unidade, aproveitando as atividades e recursos planificados em função dos outros conteúdos e interligar com o conceito de esperança. Já que esta enquanto objetivo e conteúdo programático, surge como o último da unidade letiva: «7. Promover o valor da esperança na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus.»¹¹³

b) Aprofundar uma pedagogia em torno da educação simbólica;

Numa sociedade onde, o significado de símbolos, por exemplo o das prendas [de Natal] está cada vez mais desvirtualizado, é urgente intervir junto dos alunos. Assim, em crianças entre os 9 e os 10 anos, faixa etária dos alunos da PES é importante incluir a vivência simbólica no processo educativo. E aprofundar a relação entre os símbolos e o religioso pois é o que mais interessa nestas idades, a curiosidade pelo religioso.

Visto que as novas gerações têm grande dificuldade na interpretação de símbolos cristãos, e sendo a aula para crentes e não crentes, nas aulas há que utilizar sinais comuns, alguns deles aparentemente nada tem haver com o Catolicismo, mas indiretamente, está no sinal a simbologia cristã, só é preciso ajudar os alunos a descodificar de forma cada vez mais fácil.

Sobre o tema da educação simbólica, o padre Joaquim Galvão¹¹⁴, numa comunicação intitulada «A linguagem litúrgica e a educação simbólica.»¹¹⁵, afirmou que a liturgia cristã contém um vasto conjunto de sinais, cada um deles direciona a pessoa para Cristo. Logo o aprofundamento da educação simbólica na leção da unidade letiva “Advento e Natal” terá de direcionar os alunos para que, independentemente de professarem ou não a religião, reconheçam nesses sinais a presença de Cristo, pois ele foi uma personagem histórica, marcando toda a Humanidade.

¹¹³ Carvalho et al., *Programa de EMRC*, 56.

Nas aulas da unidade letiva pode-se amplificar a interpretação simbólica até a sinais como «arte como a escultura, a pintura, como contributos extremamente enriquecedores e facilitadores da descoberta e do encontro de cada pessoa com Cristo.»¹¹⁶

«O símbolo é, pois, a linguagem humana das realidades espirituais, a única linguagem capaz de nos fazer vislumbrar o Além, e compreender a voz de um outro interlocutor.»¹¹⁷

c) Indicar: aprofundar a pedagogia do serviço.

A pedagogia do serviço foi pouco desenvolvida na unidade letiva número dois e sendo objetivo da mesma a promoção do valor da esperança nos alunos, convidá-los a ter atitudes de esperança esta metodologia pelo seu perfil é perfeita para o objetivo mencionado. E tendo em conta, o que foi posto em prática com os alunos, pela sua adesão é uma pedagogia na qual se deve investir na Educação moral e Religiosa Católica, especialmente na unidade letiva “Advento e Natal”. Já que será um ótimo recurso para que os alunos percebam o sentido da esperança e como vivê-la na sua vida e na comunidade. Nas palavras do Papa Francisco, a pedagogia é:

O que é preciso conseguir é a harmonia de um coração que cresce e que nós acompanhamos neste caminho educativo. Uma educação forma-se na conjugação entre o limite e o horizonte [...]. As duas coisas: saber conduzir à harmonia, saber “moldar” o coração jovem entre os limites e os horizontes...Um educador que sabe mover-se, entre estes dois extremos, faz crescer [...] é um educador que faz amadurecer. Mais ainda, mover-se entre estes dois extremos é confiar nos miúdos saber que há material humano grande.¹¹⁸

De forma, a que a elaboração da nova planificação permita uma escalada até ao cimo da montanha, com o avistar de novos horizontes. Primeiramente será feito um estudo antropológico, teológico, literário e eclesial da esperança enquanto dom de ver para além do

¹¹⁶ Joaquim Ganhão, «Linguagem litúrgica e educação simbólica, Pastoral catequética nº33, (Lisboa: SNEC, 2015)

¹¹⁷ Alves, Simbologia na Bíblia, 12.

¹¹⁸ Papa Francisco, *Educar para uma Esperança Ativa*, 214.

visível, no capítulo seguinte. E depois, no capítulo três se encontra uma investigação teológica da simbologia como caminho para o invisível [Deus]. Destes estudos e da sua relação com a lecionação no âmbito da PES será apresentada a nova planificação, no capítulo quatro.

Capítulo 2. A ESPERANÇA, dom de ver para além do visível

«Deus não desilude: se pôs uma esperança nos nossos corações, não a quer esmagar com frustrações contínuas. Tudo nasce para florescer [...]. Também Deus nos criou para florescermos. [...]. Onde quer que estejas, constrói!»

Papa Francisco ¹¹⁹

Viver e educar para o dom da esperança é aceitar o desafio que Deus coloca no coração da pessoa humana. O Advento e o Natal são os tempos mais indicados para a interiorização da graça da esperança. Aos alunos se ensina a fazer o caminho, cheio de semáforos e outros sinais, com o intuito de que por entre paragens, avanços e recuos, o invisível se torne visível: Jesus quer [re]nascer em seus corações e com eles construir um mundo mais fraterno.

2.1. O que é a esperança?

«A esperança [...] é definida como a matéria de que é feita a nossa alma.»

Gabriel Marcel¹²⁰

«Só o homem é capaz de esperar porque só ele, como ser finito e inteligente que é, jamais se acomoda à sua finitude e dela constantemente forceja para se libertar.»¹²¹ Ou seja, o ser humano tem consciência da sua contingência mas não fica acomodado, é a esperança que o impulsiona a ir mais além. A esperança não ocupa as áreas superficiais da pessoa, está radicada nas suas áreas mais profundas, é por isso que Moltmann a define como «o mais importante constitutivo da existência humana.»¹²²

¹¹⁹ Papa Francisco. *Alegres na Esperança*, 114.

¹²⁰ Cf. João António de Sousa, *A Esperança Cristã e as Esperanças dos Homens*, (Livraria Sampedro, 1998), 10.

¹²¹ Manuel da Costa Freitas, Logos, «Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia» (Lisboa; São Paulo: Editora Verbo, 1989-1992), volume 2, 227.

¹²² Juan José Tamayo, *Novo Dicionário de Teologia*, (Lisboa: Paulus Editora, 2009), 171.

O sentimento da esperança implica a vontade própria da pessoa em querer e saber esperar, assumindo em si esta vontade, por isso a esperança se designa como virtude. Uma disposição estável para um bem que o homem deseja alcançar, procurando-o ativamente. A esperança cristã é um dom concedido por Deus a toda a humanidade. Juntamente com a fé e a caridade é considerada virtude teologal. No entanto, por ser virtude não deve ficar estagnada no tempo, como afirma o filósofo alemão Bloch, é um princípio, o princípio da esperança que no seu entender orienta-se para uma finalidade num sentido ativo e positivo «esta finalidade fixa o rumo da esperança e a liberta tanto do quietismo passivo (confiança total) como do niilismo (desesperança total).»¹²³ É um dom que se recebe de Deus, recebe-se através da sua Palavra, ou seja, através da Bíblia. A revelação bíblica é toda ela uma mensagem de esperança: «A história do povo de Israel é a encarnação da esperança.»¹²⁴ A história deste povo ensina-nos de que todos somos chamados a viver na esperança e na paciência. A intervenção de Deus em Abraão fez dele um ‘homem novo’, um homem de esperança.

2.2. O sentido antropológico da esperança

«Mas que é, afinal, a esperança? Que função representa, na natureza humana, o acto de esperar, e que importância tem essa função na consciência que o homem vai tendo de si mesmo ao longo dos tempos?»

João António de Sousa¹²⁵

2.2.1. Aproximação linguística entre espera e esperança

A esperança está relacionada com o verbo latino “*sperare*”, que se refere à espera de um bem. No entanto, o simples ato de esperar representa uma atitude despersonalizada, que não se

¹²³ Tamayo, *Novo Dicionário de Teologia*, 172.

¹²⁴ Sousa, *A Esperança Cristã ...*, 48.

¹²⁵ Sousa, *A Esperança Cristã ...*, 21.

centra em algo material, enquanto a esperança se caracteriza por «uma vivência interior, existencial e até inter-subjetiva ou interpessoal.»¹²⁶

Numa aproximação linguística conclui-se que a esperança significa o desejo e o empenho ativo com que se aguarda um bem futuro, incerto, mas possível. E o ato de esperar remete para uma espera de toda a espécie de bens que a pessoa deseja e crê, com mais ou menos fé, que os pode alcançar.

João António de Sousa, no seu livro “A Esperança Cristã e as Esperanças dos Homens”, apresenta quatro expressões¹²⁷ que permitem fundamentar esta análise linguística entre o sentimento da esperança e o ato de esperar:

- a) “Eu espero uma coisa ou uma pessoa”, trata-se de uma espera passiva por um bem ou uma pessoa, tal como acontece quando esperamos o autocarro ou o voo de avião.
- b) “Eu espero que me aconteça um bem”, a espera já envolve sentimento, já se manifesta a esperança como um crer que...
- c) “Eu espero em alguém”, já se entra no campo da esperança, em que um espera o outro. Um vive a dinâmica da espera do outro: «Um ‘eu’ abre-se a um ‘tu’, criando a comunhão do ‘nós’. Se esse ‘tu’ é o ‘Tu Absoluto’, transcendental e pessoal (ou seja, o próprio Deus), pelo acto de esperar n’Ele o homem imerge no mistério divino.»¹²⁸
- d) “Eu espero”, é a expressão máxima da esperança, não há definição de que objeto ou pessoa se espera: «é o esperar em sentido absoluto [...] é ato supremo da esperança.»¹²⁹

Assim, pode-se verificar que o significado linguístico, mais perfeito, do ato de esperar é o “eu espero”, esta é a expressão que manifesta intimidade absoluta com a palavra esperança.

¹²⁶ Sousa, *A Esperança Cristã* ..., 22.

¹²⁷ Sousa, *A Esperança Cristã* ..., 22.

¹²⁸ Sousa, *A Esperança Cristã* ..., 22.

¹²⁹ Sousa, *A Esperança Cristã* ..., 22.

«Ainda que se espere contra toda a esperança, como Abraão (Rom 4,18)»¹³⁰ o crente deve continuar a afirmar com confiança “Eu espero”.

O ato de esperar nesta perspetiva é tendencialmente religioso, pois Deus é o único referencial supremo. É o único que se transcende a este mundo, já que o ser humano é um ser limitado por acontecimentos como a doença ou a morte, que ultrapassam o seu controlo. No entanto, Ele garante «à pessoa a permanente possibilidade de se realizar na linha do seu destino pessoal, em abertura ao Absoluto da Verdade e do Amor.»¹³¹

Em complemento, a esta aproximação linguística há que acrescentar que no Cristianismo a esperança se afirma como uma virtude teologal, ou seja, «um dom divino mediante o qual o crente se sente inclinado a confiar no cumprimento das promessas divinas, nomeadamente a promessa da salvação.»¹³² Logo, aqui o ato de esperar, é um desejo que se desperta e se enche de esperança por haver a promessa de Deus.

Em conclusão, tanto no uso profano, religioso ou teológico, o termo esperança pode significar: «acto de esperar (cf. Rom 5,5;8,24^a); objeto esperado (cf. Rom 8, 24b; Tit 2, 13); meio pessoal ou real, para conseguir um bem esperado (por exemplo, na expressão seguinte: “A Virgem Maria é a nossa esperança”)»¹³³

2.2.2. A esperança numa dimensão antropológica

A esperança no homem nasce do conflito que o *eu* estabelece entre o que é - realidade atual; o que foi - o passado; e o que poderá ser -o futuro, a possibilidade. Por isto, a esperança não pode ser passiva, ela implica atividade, extroversão, pois aquele que tem esperança, tem-na para si e para os outros.

A esperança mesmo sendo uma virtude teologal tem sempre uma base humana: «A graça não destrói, mas completa a natureza.»¹³⁴ Ela necessita do sentimento humano da espera, pois,

¹³⁰ Sousa, *A Esperança Cristã* ..., 23.

¹³¹ Sousa, *A Esperança Cristã* ..., 23.

¹³² Sousa, *A Esperança Cristã* ..., 23.

¹³³ Sousa, *A Esperança Cristã* ..., 23.

¹³⁴ Sousa, *A Esperança Cristã* ...24.

só consegue viver verdadeiramente a esperança, quem sabe esperar, para além de todos os obstáculos, sem nunca desistir e confiando sempre.

Para a antropologia aristotélica, «esperar se situa na área da afetividade.»¹³⁵ Todo o bem desperta instintivamente, na alma da pessoa, interesse ou amor. E será através da esperança que o ser humano lutará por esse bem. No entanto, nem todas as pessoas tem a mesma capacidade de esperar. Por exemplo, para as crianças de dez anos, nas quais se centrou a prática letiva, é difícil saber esperar. Estas vivem numa sociedade submersa no processamento rápido de informação. No entanto, estão numa fase de desenvolvimento que se caracteriza por «a capacidade de interiorização cresce, o seu pensamento é mais organizado e a memória mais poderosa.»¹³⁶ Atendendo a estes fatores deve-se aproveitar esta idade para ensinar às crianças a arte de saber esperar, na esperança de que se tornem adultos mais pacientes, do que os atuais.

No geral, a capacidade de esperar varia de pessoa para pessoa, «o esperar se identifica com a tensão do querer-viver: é a confiança da vida no seu progresso, na sua própria duração, no seu êxito para além dos fracassos individuais.»¹³⁷ Então como será possível, ao homem, esperar numa esperança autêntica?

Primeiro tem de assumir uma postura enérgica e de luta perante algo que ainda não aconteceu, mas que está para vir. O que remete a pessoa para o futuro, no qual deve ter esperança e mostrar-se disponível para seguir em frente. Ou seja, cada um é «impelido a ultrapassar o que já é, em busca do que ainda não é.»¹³⁸

A verdadeira espera é aquela que se fundamenta no desejo por um bem realmente importante e do qual sentimos falta, e isso só acontece a «quem tem consciência da sua actual pobreza [...] está certo de que pode preencher esse vazio e se esforça por consegui-lo, até se realizar plenamente.»¹³⁹ Segundo a antropologia moderna: «a esperança autenticamente humana

¹³⁵ Sousa, *A Esperança Cristã* ..., 24.

¹³⁶ Secretariado Nacional da Educação Cristã, «Sereis o meu Povo - guia do catequista», 21.

¹³⁷ Sousa, *A Esperança Cristã* ..., 25.

¹³⁸ Sousa, *A Esperança Cristã* ..., 26.

¹³⁹ Sousa, *A Esperança Cristã* ..., 26.

não pode ser apenas “paixão”, embora se baseie sempre num impulso da vida para a frente. De por si, a esperança deve ser uma atitude racional [...] a determinar os seus objetivos últimos, no horizonte da transcendentalidade.»¹⁴⁰

A esperança humana é a expressão de uma «existência-em-êxodo»¹⁴¹, como afirma Moltmann. É a passagem da escravidão à liberdade na terra prometida, através da aliança que Deus estabeleceu com o seu povo [concretizada no nascimento de Jesus, como aborda a unidade letiva dos “Advento e Natal]. Hoje, somos chamados a continuar a peregrinação ao encontro das promessas de Deus, com uma esperança feita de paciência.

O Cardeal José Tolentino Mendonça, no seu livro “Esperar contra toda a esperança” salienta que: «A paciência é respiração longa, distendida e aberta. O contrário do nosso respirar ofegante e férreo. Talvez que tudo o que a esperança pediu a Abraão e nos pede a nós é apenas isto: respirar melhor o oxigénio da ininterrupta promessa de Deus.»¹⁴²

2.3. A Esperança na literatura

«Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos.»

Antoine de Saint-Exupéry¹⁴³

Grande parte da literatura se dedica a falar do Homem e de Deus. A literatura é uma aventura espiritual que narra a esperança e o desespero; o amor e o ódio; a alegria e a tristeza, entre outros, sentimentos. «A Literatura pode constituir uma verdadeira antropologia e assim esclarecer o teólogo na sua procura de uma teologia pertinente para o homem.»¹⁴⁴ Na verdade, «A questão do homem não é menos teológica do que a questão de Deus.»¹⁴⁵

¹⁴⁰ Sousa, *A Esperança Cristã ...*, 27.

¹⁴¹ Sousa, *A Esperança Cristã ...*, 28.

¹⁴² Mendonça, *Esperar contra toda a esperança*, 36.

¹⁴³ Antoine de Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, (Porto: Porto Editora, 2015), 86.

¹⁴⁴ Jorge Coutinho, «A Literatura: um lugar teológico?», (*Revista Communio* nº 6, 2002), acedido a 20 de julho de 2019, https://www.snpcultura.org/literatura_um_lugar_teologico.html.

¹⁴⁵ Coutinho, «A Literatura: um lugar teológico?», (*Revista Communio* nº6, 2002), acedido a 20 de julho de 2019, https://www.snpcultura.org/literatura_um_lugar_teologico.html.

Cabe à teologia falar de Deus, da esperança que nos dá razões de viver expressas nas escrituras e na literatura, nas obras que à semelhança do Príncipezinho abordam a religião. Pois é, pela simplicidade e pela profundidade da sua mensagem que se torna numa obra profundamente teológica.

O livro “O Príncipezinho” é considerado um dos melhores livros do século XX e uma das obras mais comoventes e sensíveis da literatura mundial. Depois da Bíblia, é o livro mais vendido e mais traduzido, no mundo.

“O Príncipezinho” reflete sobre a profunda mudança de valores que a sociedade vive, ensina ao leitor que não deve julgar o outro, correndo o risco de cometer injustiças que o transportem até à solidão. Este livro, através dos diálogos entre as personagens, consegue fazer a leitura da humanidade, como um mundo superficial, onde as pessoas, à medida, que crescem vão perdendo a sabedoria inocente [pura]. Torna-se muito difícil para o adulto viver as coisas simples da vida, como os sentimentos.

A utilização de uma linguagem simples permite a fácil compreensão da sua mensagem. Exupéry recorre à linguagem simbólica para lembrar a importância dos sentimentos na vida humana. O recurso à simbologia faz da obra *O Príncipezinho*, uma obra rica em ensinamentos, muito semelhantes aos ensinamentos de Jesus.

2.3.1. A simbologia da obra do Príncipezinho e da Bíblia como caminho de esperança

Exupéry através dos símbolos utilizados na sua narrativa quer demonstrar os sentimentos guardados em si, e que na sua opinião estão a desaparecer do mundo. Na Bíblia, o nível simbólico da linguagem é incontornável para dizer o mistério de Deus.

Contudo, atualmente, são muitos os adultos que ainda não descobriram a mensagem do Príncipezinho e da Bíblia. Em ambas, a esperança ocupa uma importante função, a de guiar o homem até à reconversão, até à salvação, e assim se propõe a uma nova caminhada de vida.

De seguida, apresentar-se-á, a mensagem e a relação entre a obra do Príncipezinho e a Bíblia, especialmente com os ensinamentos de Jesus.

a) Deserto como lugar de encontro e de esperança

Ao deserto se atribui a imagem da sede, do desespero por se encontrar uma fonte. «A minha alma tem sede de ti. O meu ser anseia por ti como terra seca e cansada, sem água.»¹⁴⁶ O deserto é símbolo de um lugar árido, de poucas hipóteses de vida. Biblicamente é o sítio onde ocorrem as tentações e por isso, é ambiguidade entre anjos e demónios. Contudo através da esperança, o deserto se torna num espaço de encontro.

O piloto perdido no deserto, angustiado pela solidão, vive um momento de reconversão, no encontro com o Príncipe. «Levantei-me num salto, como se tivesse sido atingido por um raio.»¹⁴⁷ Esta expressão demonstra a alegria e a sua esperança, em que aquele encontro fosse tão fascinante ao ponto de lhe transformar a vida.

Todo o homem tem um pouco deste piloto no seu ser. Anda por vários caminhos até ter o encontro com o verdadeiro poço: Jesus. À luz da Bíblia, o deserto não é apenas um lugar de encontro com o eu, é também, através do silêncio e da solidão, o melhor lugar para se encontrar Cristo. Todos aqueles que se encontram com Deus, na pessoa do seu filho Jesus, nunca mais terão sede, «A minha alma está ligada a ti, e a tua mão direita me sustenta.»¹⁴⁸

Saint-Exupéry, através da experiência do deserto, como busca pelo poço, não se refere ao consumo de água, mas à entrega e ao esforço que exige caminhar no deserto, em vista a alcançar um objetivo. No Cristianismo, isso se torna possível graças à esperança.

«Ainda que de modos tão diferentes, ambos, Jesus e o Príncipezinho, conseguem restaurar nossas esperanças»¹⁴⁹ através do encontro, [e] realçar a importância de se estabelecer verdadeiros laços. No dia a dia, o Homem tem muitos encontros com o outro, conhecidos ou

¹⁴⁶ Cf. Salmo 63.

¹⁴⁷ Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 14.

¹⁴⁸ Cf. Salmo 63

¹⁴⁹ Elías Souza, *Jesus e o Pequeno Príncipe*, (EBOOK - Editora Ave Maria), 3.

desconhecidos. Mas será que se está perante um encontro verdadeiramente fascinante com o outro, de tal forma que se consegue sair do deserto, que por vezes, se instala no interior do ser humano?

Na sociedade atual, continuam a existir muitas pessoas que sentem-se sós e incompletas, à espera do encontro transformador do seu eu. O mundo de hoje é desafiado para o ritual do encontro com o outro e com Deus, através do «sacramento, o sinal visível de uma graça invisível, para invocar a presença [...] pois as memórias fazem parte do corpo.»¹⁵⁰

Na história, o príncipe vivia no seu pequeno mundo, como todo o ser humano, mas contrariamente a muitos, ele sai de si e percebe que existem outros mundos. É, portanto, símbolo de esperança, do amor e da força inocente do ser criança que existe no inconsciente de cada pessoa. Ele é sinónimo de sonho, restauração e de mudança. Enquanto que Jesus é e significa para nós Boa Nova da alegria e da possibilidade de cada um se reencontrar com o seu eu criança. Tal como se representa no piloto, o próprio autor, símbolo de todos aqueles que conseguem sobrevoar para além dos limites do eu, e ir ao encontro das pessoas.

b) A beleza de cativar e ser cativado

Cativar, criar laços com o mundo e com Deus é o caminho para a felicidade. Na narrativa do Príncipezinho, é a personagem da raposa que tem a missão de ensinar ao menino príncipe e ao leitor, o valor da amizade e dos laços de união entre as pessoas. É belo quando se descobre que o outro é importante para nós assim como nós somos importantes para ele:

Para mim, tu ainda não passas de um rapazinho semelhante a cem mil outros rapazinhos. Eu não preciso de ti. E tu também não precisas de mim. Para ti, eu não passo de uma raposa semelhante a cem mil outras raposas. Mas, se me cativares, precisaremos um do outro. Para mim, tu passarás a ser único no mundo. E eu passarei a ser única no mundo para ti.... Só se conhecem as coisas que se cativam – disse a raposa. – Os homens já não têm tempo para conhecerem seja o que for... Se queres ter um amigo, cativa-me.¹⁵¹

¹⁵⁰ Elias Souza, *Jesus e o Pequeno Príncipe*, 3.

¹⁵¹ Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 81 e 83.

Para Jesus, a salvação é para todos os que quiserem entrar no reino de Deus, cumprindo as bem-aventuranças, assim o cristão será capaz de cativar o outro e Deus para uma relação profunda de amor e de amizade e por ela será cativado. Disse Jesus, no conhecido sermão da montanha «Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu [...] Felizes os puros de coração [...] porque recompensa será grande no Céu.»¹⁵²

Assim, segundo a narrativa de Saint Exupéry, só será verdadeiramente feliz e capaz de se salvar aquele que aprender a cativar, neste caso o Príncipezinho, porque ele transporta a beleza e a pureza dos sentimentos que os adultos esqueceram. A história aborda ao nível bíblico e cristão a lógica da salvação, pelo poder de se criar laços. As personagens que precisam de ser salvas são as que constam da relação entre o narrador e o Príncipezinho, os habitantes das várias regiões por onde passou. Estes representam toda a humanidade, tanto a palavra do autor como a de Jesus se dirigem a todos. Sabendo que uns irão aceitar vivê-la e outros não.

No planeta que visitou, o Príncipe não encontrou relação entre o ter e o cuidar, à semelhança do que se vive na terra. Só pela criação de laços se sente a responsabilidade e a alegria, por cuidar de quem se cativa.

Hoje, ao contrário, muitas pessoas, preferem ser como o rei, colocar-se numa atitude de superioridade e de posse. Ou ser como o acendedor de candeeiros que representa aqueles que vivem presos às rotinas da vida, e agem como máquinas. Ser uma pessoa fechada sobre si, que se fica pelo conhecimento e não vai à descoberta do mundo, a exemplo do geógrafo.

Existem, também, aqueles que se comparam ao bêbado preferindo ficar na lamentação e não procuram ultrapassar os seus problemas. Ou ser como o vaidoso e só viver dos elogios dos outros, ou então ficar preso aos bens materiais, tal como, o homem de negócios que o pequeno Príncipe encontrou.

¹⁵² Cf. Mateus 5, 3;8;12.

Todos eles precisam da salvação, precisam de ser cativados, precisam de subir à montanha e encontrar Deus. São caricaturas de pessoas adultas que não olham à relação com o outro, perderam o código de acesso ao ver para além do visível. É o amor que está no coração que nasce da criação de laços proveniente do empenho de quem cativa: «só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.»¹⁵³

c) A esperança é ver para além do visível

A fidelidade à amizade e ao amor faz com que, por vezes, se tenha de escolher, se tenha de partir. Assumir uma posição na vida implica ter uma esperança corajosa, mesmo quando o medo ou a dúvida mergulham no nosso coração. «Por fidelidade à rosa o amigo príncipe despede-se da Terra; por fidelidade ao plano de Deus, o jovem Jesus retorna ao Pai.»¹⁵⁴

O sentimento e a palavra podem conduzir o homem à transformação, à ressurreição. Tal como o piloto que percebeu nunca ser tarde para sonhar, para recuperar a beleza da simplicidade, e a pureza dos sentimentos. Esta lição é ensinada pelo Príncipezinho que, por ter em si o amor, construiu com a rosa uma grande amizade, «é o amor com que olhamos as coisas que as torna sagradas: foi o tempo que gastaste com a tua rosa que a tornou tão importante.»¹⁵⁵

A pessoa, vida e amor coincidem, são uma só coisa, o amor confere à pessoa a identidade de seres únicos. A relação amorosa, a comunhão pessoal, com o outro e com Deus exige sacrifício, esforço e acima de tudo acreditar que é possível [esperança]. Assim, se estabelece a verdadeira relação de amizade do pequeno Príncipe com a sua rosa, uma relação única e especial, pois, no meio de tantas rosas iguais, aquela é singular para ele, pois foi aquela que ele protegeu.

Jesus, nos evangelhos refere muitas vezes que o amor é a essência do ser em relação, «Ninguém tem maior amor do que este: que alguém dê a sua vida pelos amigos.»¹⁵⁶ Jesus não só o disse como o fez, na Última Ceia, ao partir do pão, em sua memória, oferece a todos o amor

¹⁵³ Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 86.

¹⁵⁴ Souza, *Jesus e o Pequeno Príncipe*, capítulo 2, 1.

¹⁵⁵ Souza, *Jesus e o Pequeno Príncipe*, capítulo 2, 2.

¹⁵⁶ Cf. Jo 15, 13

eterno que se concretiza na cruz com a sua morte e depois completa-se com a sua Ressurreição.

O menino Príncipe, vive o seu amor pelo outro [a rosa] mas parte para o Céu, com a ajuda da serpente, da morte. No entanto, esta não representa o fim último, é apenas o meio de regresso a casa. A personagem vive, tal como Jesus, a experiência de querer dar a sua vida por alguém mesmo ao preço da morte pessoal, ou da sua morte.

Em Jesus, o verdadeiro Cristo, a cruz representa a transfiguração da morte em vida, é por isso sinal de fé e de esperança. Os que cá continuam vivem uma esperança, «que os mortos voltem a viver e que os vivos se eternizem»¹⁵⁷: «Vai! Mas nós te amamos», dizem a rosa e a raposa ao Príncipe. Pela obra “O Principezinho” e através dos ensinamentos de Jesus, se aprende que o amor habita em todos os espaços, mesmo que aqueles que o simbolizavam [Príncipe e Jesus] tenham partido. Pois, o amor é eterno, «Eu sou responsável pela minha rosa... – repetiu o principezinho, para não se esquecer.»¹⁵⁸

d) Cuidar é abrir-se ao outro e a Deus

Tudo o que é importante exige ser cuidado, exige limpar as ervas daninhas representadas na narrativa pelos embondeiros, árvores gigantes, das quais é necessário cortar os rebentos para que não estraguem o planeta. Se ninguém se preocupar com o bem comum, e em viver em comunidade não será capaz de cuidar de si nem do outro, fechando a porta a Deus. É pela fé apoiada na esperança que nos abrimos a Ele, para isso é preciso começar por limpar o nosso interior e depois a nossa casa comum.

Jesus através da parábola do trigo e do joio demonstra também defender a importância da limpeza do interior.

Quando a planta começou a germinar e a dar fruto, apareceu também o joio. Então os servos, indo ter com o senhor da casa, disseram-lhe: “Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? De onde vem então o joio?”. Ele disse-lhes “Foi um inimigo que fez isso”. Os servos disseram-lhe: “Queres que o vamos apanhar?”. Ele, porém,

¹⁵⁷ Souza, *Jesus e o Pequeno Príncipe*, capítulo 2, 3.

¹⁵⁸ Saint-Exupéry, *O Principezinho*, 86.

disse: “Não aconteça que, ao apanhardes o joio, arranqueis também o trigo. Deixa-os crescer juntos até à ceifa, e no tempo da ceifa direi aos ceifeiros: “apanhai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; quanto ao trigo, recolhei-o no meu celeiro.”¹⁵⁹

O cuidar do outro, da casa comum ou da relação com Deus através da fé não se processa ao mesmo ritmo em cada pessoa, os tempos para o crescimento e colheita são diferentes. E Deus sabe disso, Ele conhece o ser humano melhor do que ninguém, é o Criador.

Por isso, Jesus com esta parábola afirma que Deus é o único juiz e que aos seus seguidores cabe dar tempo, cuidar das pessoas, inclusive do joio, para que se arrependam, e se tornem fermento para a humanidade. O que há de mais pleno neste mundo é ser-se pessoa a partir do outro.

Ao homem compete ser como o astrónomo turco, da história do Príncipezinho, pessoa simples, que valoriza o outro pelo que é, pela sua sabedoria e não pela sua aparência.

A vida terrena é curta, e ao invés de se viver preso às rotinas que desgastam física e mentalmente a pessoa, é urgente parar e optar por cuidar das relações humanas, dedicar-lhes mais tempo e consequentemente mais amor. Para isso acontecer, é necessário fazer como o Príncipezinho, ser eternamente responsável por aquilo que cativamos e repetir esse pensamento, várias vezes para não esquecer: os que cada um tem ao seu lado e os que estão guardados na memória. Assim, o fez Jesus ao levantar o cálice dizendo «[...] Fazei isto em minha memória»¹⁶⁰, ou seja, é pela repetição do rito memorial que ninguém é esquecido e que a esperança permanece.

2.3.2. Aliança entre a mensagem do Príncipezinho e a de Jesus Cristo

Podemos resumir a mensagem de ambos em três etapas: angústia, êxtase e revelação. Tanto Jesus como o Príncipezinho passam por momentos de deserto, isto é, de angústia na sua

¹⁵⁹ Cf. Mateus 13, 26-30.

¹⁶⁰ Cf. Lucas 22, 19.

vida. Jesus, nos últimos segundos de vida, preso na cruz, diz: «Meu Deus, meu Deus porque me abandonaste?»¹⁶¹. As tentações do demónio, a dor da sua crucificação.

O Príncipe experimenta a angústia da solidão quando resolve sair de si e ir conhecer outro planeta, e o piloto também vive o seu deserto por se sentir só. Mas é a partir do deserto, da necessidade de mudança que ambas as mensagens apontam para o êxtase, ou seja, para a alegria do encontro com o outro. Jesus reúne os seus discípulos e é acompanhado por grandes multidões enquanto que o Príncipezinho tem um primeiro encontro fascinante com o piloto, depois com a rosa e com a raposa.

É nesta fase que se está disposto à transformação e à necessidade de viver para o outro [cativar]. A revelação vem quando mantendo o ritual, da amizade, quando se consegue ver o outro para além do visível.

O Príncipe revela-se responsável pela sua rosa, amor eterno e Jesus revela-se totalmente através da ressurreição. Deixando sinais desse acontecimento, mas poucos foram os que acreditaram sem o terem visto novamente. Para se viver a revelação de Jesus é preciso ter fé, e descobrir o seu amor por todos, através do coração.

Jesus disse «Deixai as crianças e não as impeçais de vir a mim; pois dos que são como elas é o reino dos céus.»¹⁶² Nas crianças tal como no pequeno Príncipe está a inocência. Há que acreditar na criança que todos temos no nosso inconsciente.

¹⁶¹ Cf. Mateus 27, 46.

¹⁶² Cf. Mateus 19, 14.

2.4. Hermenêuticas da Esperança Cristã

«A fundamentação da esperança cristã, intimamente associada à fé na ressurreição, nasce no Antigo Testamento e conhece a sua figura central na pessoa de Abraão. No Novo Testamento, esta experiência da comunhão com Deus é também ela a fonte da esperança cristã [...] de que a vida plena em Cristo é o alicerce da nossa fé.»

Tiago de Quadros Esteves¹⁶³

2.4.1. A Esperança na Bíblia

A esperança é a ponte entre o Antigo e o Novo Testamento. No Antigo Testamento os justos, são aqueles que possuem esperança, são os que confiam em Deus, o povo a quem Ele sempre protegeu e ajudou. O Povo hebreu (que por vezes perdeu a esperança) guardou sempre um “pequeno “resto” de fé, nunca a deixou morrer, tendo presente a sua aliança com Deus.

É pelo Antigo Testamento que nasce a esperança, partindo da história da salvação. É com Abraão que a esperança bíblica começa a ser uma esperança esclarecida. Ele recebe a promessa de uma descendência tão inumerável como a areia da praia. «Senhor disse a Abraão: “Deixa a tua, terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar. Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos.»¹⁶⁴

No Novo Testamento, a esperança está no reconhecimento de que é em Cristo que se encontra o cumprimento das promessas do Antigo Testamento, através da vinda do Messias. Em Cristo já estamos salvos, e por isso temos a missão de nos tornarmos homens novos, tal como Ele já o é através do mistério da encarnação, morte e ressurreição.

Nos escritos de São Paulo, a atitude cristã de esperar insere-se num conjunto de conceitos, tais como, a esperança, a fé e a caridade. Não esquecendo que é no Novo Testamento onde são atribuídas duas atitudes ao ato de esperar: a paciência e a vigilância.

¹⁶³ Esteves, *Uma Esperança para além ...*, 20.

¹⁶⁴ Cf. Gn 12, 1-2.

Para uma leitura bíblica, teológica e simbólica sobre a Esperança apresentar-se-ão os seguintes textos bíblicos propostos na unidade letiva “Advento e Natal”, do quinto ano, na disciplina de EMRC. Na Sagrada Escritura, «o acto de esperar que é inerente à vivência do dom divino da salvação tem raiz religiosa.»¹⁶⁵

2.4.1.1. No Antigo Testamento

Texto Bíblico - Êxodo 3, 4-5 e 7-10

O Senhor viu que ele se adentrava para ver; e Deus chamou-o do meio da sarça: “Moisés! Moisés!” Ele disse “Eis-me aqui!” Ele disse: Não te aproximes daqui; tira as tuas sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa.” (...) O Senhor disse: “Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspetores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de o libertar da mão dos Egípcios e de o fazer subir desta terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que mana leite e mel, terra do cananeu, do hitita, do amorreu, do perizeu, do heveu e do jebuseu. E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e vi também a tirania que os egípcios exercem sobre eles. E agora, vai: Eu te envio ao faraó, e faz sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel.”¹⁶⁶

Este texto bíblico, nomeadamente nos versículos quatro a sete enfatiza a relação entre Deus e o povo, através de Moisés. O sinal é a chamada de Deus a Moisés: “Moisés, Moisés” e ele prontamente responde: “Eis-me aqui”, o que simboliza a sua total disponibilidade, confiança e esperança em Deus, tal como o restante povo. A atenção de Deus às suas necessidades tomando a iniciativa de ir ao seu encontro: VI...OUVI... CONHEÇO...DESCI... o povo mesmo estando sujeito à opressão e à dor nunca abandonou a sua fé. A sua confiança em Deus é indestrutível e até reforçada nos momentos de maior dificuldade, por exemplo quando estiveram presos e escravos no Egito.

¹⁶⁵ Sousa, *A Esperança Cristã ...*, 72.

¹⁶⁶ Cf. Êxodo 3, 4-5 e 7-10.

Quando Deus diz [...] «faz sair do Egito o meu povo»¹⁶⁷ pode-se interpretar que confiando em Deus e segundo a sua palavra se alcançará uma nova esperança, uma esperança ativa. Hoje, o povo de Deus deve seguir o exemplo dos seus antepassados, “sair” do seu egoísmo, voltar-se para o outro, para alcançar a Terra Prometida e viver em harmonia. Tal como o povo Hebreu que vivia no deserto e seguiu a voz de Deus, conseguindo a libertação, os cristãos de hoje têm de «preparar um caminho de salvação e de libertação de todos os obstáculos e tropeços.»¹⁶⁸ Todos temos momentos de deserto, onde é difícil de viver, mas é desses ensejos que podemos “voltar a esperar e a sorrir.”

Deus é representado simbolicamente com a linguagem do fogo, no versículo quatro, a “sarça” simboliza um simples arbusto natural e espinhoso, mas que foi iluminado com a chama de Deus¹⁶⁹. O fogo surge várias vezes nas Escrituras simbolizando a presença de Deus: «O anjo do SENHOR apareceu-lhe [Moisés] numa chama de fogo, no meio da sarça. Ele olhou e viu, e eis que a sarça ardia no fogo mas não era devorada. Moisés disse “Vou adentrar-me para ver esta grande visão: por que razão não se consome a sarça?”»¹⁷⁰

Este fogo não se autoconsume, significando que o nosso Deus é autossuficiente e quem nele tiver esperança, Dele ficará mais próximo, com Ele viverá. E Deus permanecerá no seu íntimo como um fogo ardente que o transforma: «Quando chegou o dia de Pentecostes, encontravam-se todos [discípulos] reunidos [...] viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem.»¹⁷¹

¹⁶⁷ Cf. Êx 3, 10.

¹⁶⁸ Papa Francisco, *Alegres na Esperança*, 6.

¹⁶⁹ Definição de sarça foi acedida em 3 de outubro de 2019, <https://estiloadoracao.com/sarca-ardente-significado/>.

¹⁷⁰ Cf. Êx 3, 2-3

¹⁷¹ Cf. Act 2, 1-3

2.4.1.2. No Novo Testamento

Texto Bíblico - Mateus, 26, 26-29

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, depois de pronunciar a bênção partiu-o e deu-o aos seus discípulos dizendo: “Tomais, comei: Isto é o meu corpo”. Em seguida, tomou um cálice, deu graças e entregou-lho, dizendo: Bebei dele todos. Porque este é o meu sangue, sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos, para perdão dos pecados.¹⁷²

Esta passagem bíblica marca simbolicamente a instituição da Eucaristia e revela que tal como o povo de Deus, Jesus também enfrentou o seu êxodo: a Morte, Crucificação e a Ressurreição. Assim «Ele abriu o caminho para alcançar a vida eterna.»¹⁷³ Mas antes fez uma aliança o Homem, ou melhor renovou a aliança feita por seu Pai com o povo Hebreu, no Antigo Testamento.

Os símbolos da sua aliança, da sua entrega à Humanidade, são o pão e o vinho. «O pão é para partilhar, para comer em grupo ou em família.»¹⁷⁴ E «o vinho é, antes de mais, um elemento integrante do banquete. É do banquete que o vinho retira o seu sentido simbólico fundamental: alegria e festa.»¹⁷⁵ Se na Eucaristia, o partir do pão e a partilha do vinho são justamente o centro do Cristianismo, no «banquete messiânico, onde o vinho novo tem um lugar importante. Jesus utiliza o simbolismo do vinho novo para falar da novidade que Ele traz ao mundo, em relação com o Antigo Testamento»¹⁷⁶. A partir daquele momento, o pão se torna no corpo e o vinho novo, no sangue de Cristo, os alimentos do corpo e do espírito.

O texto bíblico realça que Jesus não se entrega só em carne [pão] mas também em espírito [sangue]. Jesus entrega-se totalmente enquanto pessoa, querendo demonstrar que é sinal de total esperança. Com este gesto ímpar, Jesus instituiu o paradigma de que só é cristão aquele que

¹⁷² Cf. Mateus, 26, 26-29

¹⁷³ Papa Francisco, *Alegres na Esperança*, 49.

¹⁷⁴ Herculano Alves, *Símbolos na Bíblia (Fátima: Difusora Bíblica, 2001)*, 272.

¹⁷⁵ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 436.

¹⁷⁶ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 437.

verdadeiramente partilhar a sua vida com Cristo e com os outros, e que seja portador de esperança.

Uma esperança fundada na palavra de Cristo que exclama: «Eu sou o Pão da vida: quem vem a mim jamais terá fome; quem acredita em mim jamais terá sede.»¹⁷⁷ É pela eucaristia que cumpre a sua promessa «Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo.»¹⁷⁸ A esperança está em nós, é em nós que habita o Senhor Jesus que através da instituição da Eucaristia reconhecemos vivo em nós, porque Cristo ressuscitou.

Texto Bíblico - João 1, 1-18.

No princípio havia o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus. No princípio Ele estava em Deus. Por Ele é que tudo começou a existir; e sem Ele nada veio à existência. Nele é que estava a Vida de tudo o que veio a existir. E a Vida era a Luz dos homens. A Luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a receberam.

Apareceu um homem, enviado por Deus, que se chamava João. Este vinha como testemunha, para dar testemunho da Luz e todos crerem por meio dele. Ele não era a Luz, mas vinha para dar testemunho da Luz. O Verbo era a Luz verdadeira, que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina. Ele estava no mundo e por Ele o mundo veio à existência, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a quantos o receberam, aos que nele crêem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus. Estes não nasceram de laços de sangue, nem de um impulso da carne, nem da vontade de um homem, mas sim de Deus. E o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco. E nós contemplámos a sua glória, a glória que possui como Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade.

João deu testemunho dele ao clamar: ‘Este era aquele de quem eu disse: O que vem depois de mim passou-me à frente, porque existia antes de mim.’ Sim, todos nós participamos da sua plenitude, recebendo graças sobre graças. É que a Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram-nos por Jesus Cristo.

A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer.¹⁷⁹

¹⁷⁷ Cf. João 6 35.

¹⁷⁸ Papa Francisco, *Alegres na Esperança*, 70.

¹⁷⁹ Cf. João 1, 1-18.

Esta passagem bíblica é um hino de esperança de Deus ao mundo, estando simbolizada no Verbo. Esta atinge a plenitude quando o Verbo assume a condição humana, na pessoa de Jesus Cristo. Com todas as suas ações e palavras se torna no símbolo perfeito de esperança. “A luz verdadeira” anunciada por João Baptista que diz “aos que nele crêem”, se tornarão filhos de Deus, se tiverem fé e esperança no seu Nome.

A citação «A Luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a receberam.» Anuncia a rejeição que Jesus [a luz] viria a sofrer durante a sua vida terrena, e que perdura até aos tempos atuais. Hoje, é preciso seguir o exemplo de Zaqueu, um cobrador de impostos arrependido, aceitando a luz de Cristo na vida.

Vivia ali um homem rico, chamado Zaqueu, que era chefe de cobradores de impostos. Procurava ver Jesus [...] subiu a um sicômoro para o ver [...]. Quando chegou àquele local, Jesus levantou os olhos e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje tenho de ficar em tua casa.” Ele desceu imediatamente e acolheu Jesus, cheio de alegria [...]. Zaqueu de pé, disse ao Senhor: “Senhor, vou dar metade dos meus bens aos pobres e, se defraudei alguém em qualquer coisa, vou restituir-lhe quatro vezes mais.” Jesus disse-lhe: “Hoje veio a salvação a esta casa, por este ser também filho de Abraão; pois, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.”¹⁸⁰

A esperança de Zaqueu torna-se realidade porque simplesmente acreditou que O iria ver. E o encontro de ambos foi um momento de grande alegria como realça o texto bíblico. No entanto, desde os tempos de Jesus que nem todos tinham esta esperança avassaladora como Zaqueu, vivendo nas trevas. Tal como acontece no momento em que Jesus anuncia que iria ficar na casa de Zaqueu: «Ao verem aquilo, murmuravam todos entre si, dizendo que tido ido hospedar-se em casa de um pecador.»¹⁸¹ A vida e as trevas, para além do Verbo, as temáticas centrais do texto. Jesus é a luz e a vida, por isso estas são consideradas características divinas, enquanto que as trevas são lugar daqueles que n’Ele não crêem, que não buscaram a luz.

¹⁸⁰ Cf. Lc 19, 1-10.

¹⁸¹ Cf. Lc 19, 7

A citação do texto: «Sim, todos nós participamos da sua plenitude, recebendo graças sobre graças», será uma alusão ao Pentecostes. Dia em que os discípulos receberam uma grande graça, o dom do Espírito Santo, que os fez renascer na fé. Este dom possibilita a todos a graça de um novo nascimento, o processo de saída das trevas ao encontro do Verbo divino feito homem.

O caminho até Cristo exige saber esperar, como diz o profeta: «Preparai os caminhos para o Senhor.»¹⁸² A esperança é para aqueles que sabem esperar, «os pequeninos»¹⁸³ pois aqueles que se acham grandes nunca saberão o que é a esperança, nunca reconhecerão Deus, como afirma o texto bíblico. A linguagem simbólica “O Verbo fez-se homem”, “fez-se carne”, quer dizer que Jesus, Pessoa Divina assumiu a nossa natureza humana e por isso é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

Texto Bíblico - Rm 4, 13-14; 16-22:

Não foi em virtude da Lei, mas da justiça obtida pela fé que Abraão, ou à sua descendência, foi feita a promessa de que havia de receber o mundo em herança. De facto, se os herdeiros o são em virtude da lei, nesse caso tornou-se inútil a fé e ficou sem efeito a promessa. [...] Por isso, é da fé que depende a herança. Só assim é que esta é gratuita, de tal modo que a promessa se mantém válida para todos os descendentes: não apenas para aqueles que o são em virtude da Lei, mas também pelos que o são em virtude da fé de Abraão, pai de todos nós, conforme o que está escrito: ‘fiz de ti pai de muitos povos.’ Pai diante daquele em que acreditou, o Deus que dá vida aos mortos e chama à existência o que não existe.

Foi com uma esperança, para além do que se podia esperar, que ele acreditou e assim se tornou pai de muitos povos, conforme o que tinha sido dito: Assim será a tua descendência. Sim, ele não a vacilou na fé ao ver como o seu corpo já estava sem vida - com quase cem anos – como sem vida estava o seio de Sara. Diante da promessa de Deus, não duvidou por falta de fé. Pelo contrário tornou-se mais forte na fé e deu glória a Deus, plenamente convencido de que Ele tinha o poder para realizar o que tinha prometido.¹⁸⁴

¹⁸² Cf. Isaías 40, 3-5.

¹⁸³ Papa Francisco, *Alegres na Esperança*, 8.

¹⁸⁴ Cf. Rm 4, 13-14; 16-22.

São Paulo, na sua Carta aos Romanos evidencia que a esperança é a «capacidade de ir além dos raciocínios humanos, da sabedoria e da prudência do mundo, além daquilo que normalmente é considerado sensato, para acreditar no impossível.»¹⁸⁵ José Tolentino Mendonça, no seu livro “Esperar contra toda a esperança” afirma que São Paulo é um “oportuno mestre da esperança.”

Para ele, «a esperança é um dos elementos-chave da existência cristã.»¹⁸⁶ A citação bíblica «Esperando contra toda a esperança»¹⁸⁷ salienta a fé radical de Abraão, «percebe-se como a fé e esperança não se podem dissociar.»¹⁸⁸ Na fé de Abraão devemos destacar a sua capacidade de escuta, pois a fé exige saber escutar, não esqueçamos que Abraão não via Deus apenas ouvia a sua voz, o que lhe era mais do que suficiente para confiar e ser-lhe fiel, «unidade entre fé, promessa e realização.»¹⁸⁹

Nas suas catequese sobre a esperança, o Papa Francisco diz:

Paulo [...] afirma que Abraão, “esperando contra toda a esperança, acreditou”. A nossa esperança não se baseia em raciocínios, previsões nem seguranças humanas; *manifesta-se quando já não há esperança, onde não há mais nada que esperar, exatamente como aconteceu com Abraão, diante da sua morte iminente e da esterilidade da sua esposa Sara. Aproxima-se o fim para ambos, não podiam ter filhos e naquela situação Abraão acreditou, esperando contra toda a esperança.*¹⁹⁰

Acreditou porque a fé e a esperança não se fundamentam na palavra humana, mas na palavra de Deus, contudo será que as pessoas estão preparadas para seguir o exemplo do Pai de todos os crentes, Abraão? Ou preferem ficar “presos” ao mundo dos falsos ídolos, dos inimigos da esperança? Os homens é que têm de cultivar a esperança e não esperar que ela aconteça

¹⁸⁵ Cf. Rm 4, 13-14; 16-22.

¹⁸⁶ Mendonça, *Esperar contra toda a esperança*, 12.

¹⁸⁷ Cf. Rm 4, 18.

¹⁸⁸ Esteves, *Uma Esperança para além ...*, 128.

¹⁸⁹ Esteves, *Uma Esperança para além ...*, 129.

¹⁹⁰ Papa Francisco, *Alegres na Esperança*, 59.

espontaneamente. Por vezes, ter tudo na vida, sem ter humildade, não é sinónimo de felicidade. Transformará a nossa alma, e «a alma vazia é o pior obstáculo para a esperança.»¹⁹¹

É um risco que todos podemos correr, a tentação da infelicidade e da descrença mesmo quando caminhamos numa vida cristã. Nesse momento, «o cristão sabe que aquela condição tem de ser combatida.»¹⁹² Assim, se pode considerar a esperança como um desafio, algo com o poder de desinstalar o ser humano, para viver na dependência de Deus. Viver no hoje, no presente a esperança implica uma exigente aprendizagem entre a espera vivida e futura. «A esperança de Abraão não é um território de conforto, mas é uma instigante experiência que transforma tudo: ela torna-se decisiva quando toda a esperança humana se esvai.»¹⁹³

São Paulo usa uma linguagem simbólica que se centra em Abraão considerando-o um símbolo [modelo de esperança] que ensina a exteriorizar a esperança, «a levantar os olhos e a colocar-nos em diálogo com o que se avista para lá das nossas janelas.»¹⁹⁴ Ser esperançoso é ver além do visível, é ver com o coração, e assim aceitar a esperança. Na sua carta aos Romanos, «Paulo pretende sobretudo que Abraão constitua o exemplo do modo como Deus age, sempre e com todos.»¹⁹⁵ Por isso, a história de Abraão relatada no capítulo quatro da Carta aos Romanos «se liga ao *kerigma* acerca de Cristo e à experiência de todos os crentes.»¹⁹⁶ O que sucedeu a Abraão é o anúncio de onde o amor de Deus pela humanidade pode ir, aliás foi muito mais longe do que a humanidade julgava. Pelo mistério da cruz, Deus entregou o seu próprio filho ao mundo. Jesus pascal é o «ícone da esperança que somos chamados a transportar no tempo, aconteça o que acontecer»¹⁹⁷ Em conclusão, a cruz é o maior sinal da esperança de Deus depois da realização da sua promessa com Abraão.

¹⁹¹ Papa Francisco, *Alegres na Esperança*, 120.

¹⁹² Papa Francisco, *Alegres na Esperança*, 120.

¹⁹³ Mendonça, *Esperar contra toda a esperança*, 31.

¹⁹⁴ Mendonça, *Esperar contra toda a esperança*, 34.

¹⁹⁵ Mendonça, *Esperar contra toda a esperança*, 39.

¹⁹⁶ Mendonça, *Esperar contra toda a esperança*, 39.

¹⁹⁷ Mendonça, *Esperar contra toda a esperança*, 40.

2.5. A Esperança sob o ponto de vista da teologia

«A esperança não acalma o coração inquieto, mas ela é, com toda a certeza, esse coração inquieto.»

Moltmann¹⁹⁸

A esperança antropológica e a esperança teológica viveram durante muito tempo caminhos divergentes. No entanto, ambas as interpretações não estão assim tão distantes, como a antropologia filosófica e a teologia defendiam: «Concretamente, o princípio-esperança de Bloch e a esperança cristã têm mais afinidades do que possa parecer à primeira vista. O primeiro constitui um impulso para reanimar a esperança teológica, que permaneceu durante séculos adormecida e reclusa no mundo das virtudes passivas e ociosas.»¹⁹⁹

A esperança antropológica contempla crentes e não crentes, sendo ontológica e universal. Enquanto que a esperança teológica implica a antropológica, logo é igualmente universal e ontológica. Todavia, só se torna visível na vida dos crentes, fundamentada na fé, através de Jesus Cristo. Contudo, esta tentativa, referida por Bloch, de se ultrapassar o dualismo entre a esperança antropológica e a esperança teológica, não significa que se extinguirá a sua bipolaridade.

Enquanto que a esperança antropológica é ascendente [do homem para o Transcendente], a sede do homem é ir mais além das suas fronteiras humanas, transcender-se. A esperança teológica é mais descendente [de Deus para o Homem], provém da promessa dada por Deus de que a sede humana será saciada.

O princípio- esperança de Bloch, segundo Moltmann vem animar a teologia cristã, ou seja, esta passa a dar um novo sentido à esperança. Descobrimo assim, «a dimensão escatológica [doutrina das últimas coisas] como núcleo fundamental da religião judaico-cristã.»²⁰⁰

¹⁹⁸ Jurgen Moltmann, *Teologia da Esperança* (São Paulo: Editora Herder, 1971), 9.

¹⁹⁹ Tamayo, «Novo dicionário de Teologia», 176.

²⁰⁰ Tamayo, «Novo dicionário de Teologia», 176.

Moltmann, autor da teologia da Esperança, movimento teológico que surgiu no século XX, defende que a Igreja tem de alterar a sua visão sob a escatologia cristã. Esta não deve ser compreendida, à luz do passado como a chegada do fim dos tempos. A escatologia é «parte de um todo.»²⁰¹ Para ele, esta é semelhante à doutrina da esperança cristã porque «abrange tanto aquilo que se espera como o ato de esperar, suscitado por esse objeto.»²⁰²

Afirma que a escatologia é o fundamento do Cristianismo, ou seja, a sua essência encontra-se na definição da esperança. «Uma esperança que interage no meio em que está; é dinâmica e ao mesmo tempo crítica da realidade.»²⁰³ Escatologia não é a doutrina das últimas coisas, pois a esperança não tem fim, logo Deus não tem fim.

A verdadeira escatologia cristã reside «no êxodo e na Ressurreição de Cristo»²⁰⁴, então a esperança cristã «passará a se identificar com aquilo que aconteceu com Cristo e passará a ansiar para si mesma esse futuro.»²⁰⁵ É Deus que toma a iniciativa e se manifesta ao seu povo, oferecendo a esperança. A teologia da esperança «fala do horizonte de um futuro novo, que irrompe a partir de Cristo com destino à plenitude de tudo o que existe.»²⁰⁶

A Parusia, designação na escatologia cristã para a «espera futura»²⁰⁷ deve conduzir o crente à inquietude e à ação. No entanto, se a esperança não motivar a pessoa, para essa vontade de agir, Moltmann afirma que «transforma-se no pecado que mais ameaça a vida do crente.»²⁰⁸

A esperança cristã é a «verdadeira felicidade do presente. Ela provoca o ser humano a viver intensamente a sua vida»²⁰⁹, partindo das promessas do passado, deverá hoje projetá-las para o futuro, que se realiza juntamente com o futuro de Cristo.

²⁰¹ C.A. Kuzma, «A Esperança cristã na “teologia da esperança”», Revista Pistis Praz. Teologia Pastoral (Curitiba, v.1, nº2), 451.

²⁰² Kuzma, «A Esperança cristã na ...», 451.

²⁰³ Kuzma, «A Esperança cristã na ...», 452.

²⁰⁴ João Sousa, *A Esperança Cristã...*, 20.

²⁰⁵ Kuzma, «A Esperança cristã na...», 453.

²⁰⁶ Kuzma, «A Esperança cristã na...», 464.

²⁰⁷ Kuzma, «A Esperança cristã na...», 457.

²⁰⁸ Kuzma, «A Esperança cristã na ...», 457.

²⁰⁹ Kuzma, «A Esperança cristã na ...», 457.

Os seus fundamentos sobre a esperança cristã vão de encontro à missão do professor de EMRC: deixar-se tocar por Cristo e viver o presente cheio de esperança, e a mesma terá de espelhar uma prática letiva atuante, perspetivando os frutos que dela possam surgir no futuro.

A par da teologia da esperança de Moltmann e após o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica abre-se ao tema da esperança, sobretudo através da sua constituição *Gaudium et Spes*, onde se abordam «todas as alegrias e as esperanças que germinam no coração da Igreja.»²¹⁰ É a partir daqui que a Igreja começa a olhar a esperança como virtude humana, mas acima de tudo como virtude teologal, à semelhança da fé da caridade.

O sentimento da esperança implica a vontade própria da pessoa em a assumir em si, por isso se designa de virtude. A esperança cristã, mais do que virtude, é um dom concedido por Deus aos que Nele tem fé, e esperam a salvação divina. «O homem que espera em Deus é como o navio que procura segurança fora de si, fixando a âncora no fundo do mar.»²¹¹ É por isso que a âncora é o símbolo da esperança, tal como é descrito na Bíblia²¹².

A teologia atribui à esperança o nome de virtude teologal, isto é, virtude recebida [dom] no contexto específico da relação com Deus. A esperança é recebida diretamente de Deus, o autor da revelação e da salvação: «Deus ser a sua origem, o seu objeto e termo directo e o seu revelador.»²¹³ A este plano sobrenatural [transcendente] a que somos chamados por Deus:

a graça da fé assiste a inteligência na abertura à verdade revelada; a graça da caridade permite à vontade pôr-se em sintonia de amor com o seu bem sobrenatural, que é Deus uno e trino; e a graça da esperança mantém a vontade em estado de inclinação confiante e activa para esse fim sobrenatural que lhe é proposto como bem possível mas árduo, em ordem à feliz consumação do destino da pessoa em Deus.²¹⁴

²¹⁰ Sousa, *A Esperança Cristã...*, 20.

²¹¹ Sousa, *A Esperança Cristã...*, 38.

²¹² Cf. Heb 6, 18-19.

²¹³ Sousa, *A Esperança Cristã...*, 39.

²¹⁴ Sousa, *A Esperança Cristã...*, 38.

Resumindo, a fé e a esperança estão interrelacionadas pois só tem esperança, quem tem fé em Deus. E quando a fé existe, é grande a vontade de procurar estar em sintonia com o Transcendente. Assim, a esperança será cada vez maior, quanto maior for a fé e a caridade.

No mundo difícil, em que vive, o cristão tem de demonstrar o que é realmente a esperança. «A esperança cristã não se esgota nunca no presente»²¹⁵, não há lugar para falsas esperanças que a afirmam com algo fácil e imediato. Esta corrente só provoca a descrença e a desesperança nos que possuem uma fé pobre. Hoje, é urgente, «uma esperança que aceita a prova de fogo da desesperança, e que se de alguma maneira a transcende, também a integra no seu próprio processo.»²¹⁶

2.6. A Esperança cristã, numa perspetiva eclesial

«A esperança cristã é um dom que Deus nos concede, se sairmos de nós mesmos e nos abrirmos a Ele.»

Papa Francisco²¹⁷

Bento XVI na sua encíclica sobre a esperança cristã *Spe Salvi* lembra que Cristo torna a pessoa verdadeiramente livre: «deixamos de ser escravos do universo e das suas leis.»²¹⁸ Somos livres porque «o céu não está vazio»²¹⁹, porque o Senhor do universo é Deus, que «em Jesus Se revelou como Amor.»²²⁰

Spe Salvi [Salvos na Esperança] responde, a duas questões: o que é a esperança e o que se pode esperar? Na primeira pergunta, o então Papa Bento XVI afirma que a fé é o fundamento da esperança, «é na esperança que fomos salvos.»²²¹ Um desejo pela vida eterna que só tem fundamento através da esperança. Vive-se num mundo cheio de “falsas” esperanças, mas Bento XVI diz-nos que a verdadeira e única esperança é Deus. Assim podemos esperar que «A

²¹⁵ Mendonça, *Esperar contra toda a esperança*, 26.

²¹⁶ Mendonça, *Esperar contra toda a esperança*, 31.

²¹⁷ Papa Francisco, *Educar para uma Esperança Ativa*, 69.

²¹⁸ Papa Bento XVI, *Salvos na Esperança*, 12.

²¹⁹ Papa Bento XVI, *Salvos na Esperança*, 12.

²²⁰ Papa Bento XVI, *Salvos na Esperança*, 12.

²²¹ Cf. Romanos 8, 24.

redenção nos é oferecida no sentido que nos foi dada a esperança, uma esperança fidedigna, graças à qual podemos enfrentar o nosso tempo presente.»²²²

Contudo, «Para Deus entrar verdadeiramente nas realidades humanas, não basta ser pensado por nós, requer-se que Ele mesmo venha ao nosso encontro e nos fale. Por isso, a razão necessita da fé para chegar a ser totalmente ela própria: razão e fé precisam uma da outra para realizar a sua verdadeira natureza e missão.»²²³ O Papa insiste que a esperança cristã não é algo imaginário, fora do real, mas que se faz presente quando se aceita o amor de Deus e quando é partilhado com os outros; o Homem ao abrir-se ao amor, se abre a uma esperança ativa. «Não é a ciência que redime o homem. O homem é “redimido” pelo amor, mas um “amor incondicionado”. E é exatamente isso que nos faz ter esperança frente a um mundo tão marcado pelo egoísmo, pelas injustiças e por toda a sorte de sofrimento.»²²⁴

O Papa Francisco também dedicou vários textos à temática da esperança, entre eles, o livro “Alegres na Esperança”, uma compilação de catequeses sobre a esperança cristã, na qual à semelhança de Bento XVI defende que a esperança tem de ser ativa. «Precisamos muito dela nesta época que parece obscura, na qual às vezes sentimos perdidos diante do mal e da violência que nos circundam, perante a dor de tantos nossos irmãos.»²²⁵ É necessária e urgente a esperança, Deus precisa de semeadores. «Deus confia a missão mais bonita do mundo, ou seja, o amor aos irmãos e às irmãs, e o anúncio de uma misericórdia que Ele não nega a ninguém. E esta é a nossa esperança.»²²⁶

²²² Papa Bento XVI, *Salvos na Esperança*, 7.

²²³ Papa Bento XVI, *Salvos na Esperança*, 33.

²²⁴ Papa Bento XVI, *Salvos na Esperança*, 32.

²²⁵ Papa Francisco, *Alegres na Esperança*, 5.

²²⁶ Papa Francisco, *Alegres na Esperança*, 105.

2.7. A Esperança na unidade letiva “Advento e Natal”

«Na manhã dos nossos dias, o nosso coração e a nossa alma continuam a despertar à luz crepuscular do seu Advento[...]. O próprio Natal do nosso mundo é ainda Advento. A sua “hora”, o seu “dia”, estão por chegar.»

Johannes Baptist Metz²²⁷

A esperança é a maior mensagem que o nascimento do Menino Jesus veio trazer as gerações do passado, do presente e do futuro. A esperança faz parte da proposta de vida e de fé que Cristo tem para a humanidade. Assim sendo, é obrigatório que faça parte da lecionação da disciplina de EMRC, pois a «educação é sempre uma garantia de uma sociedade mais bondosa, mais bela e mais justa»²²⁸

A esperança surge como o sentimento que alegra o ser humano no tempo de espera para o Natal. E na PES, foi possível constatar a grande dificuldade que as crianças sentem em saber esperar, vivem num mundo onde “tudo parece estar feito”, logo a lecionação da esperança é muito adequada ao tema da unidade letiva. Até porque, o Natal é a época do ano, onde as pessoas se demonstram mais solidárias, inclusive os alunos com, por exemplo, a elaboração de cabazes, mas, muitas vezes, se esquecem que as pessoas que não têm condições para viver um Natal feliz, também não as terão para viver o resto do ano.

A disciplina deve aproveitar este contexto, não para deixar de contribuir para os cabazes de Natal, mas para incutir nos alunos este sentido de ser-se esperança, todos os dias. Tendo em consideração, o modelo de Jesus, Aquele que nasceu e se tornou Homem, e que toda a sua vida foi fonte de esperança pelas suas palavras, lutou sempre pela reconversão dos pecadores, até entregando a sua vida, por eles, pela humanidade.

A esperança no Advento e Natal é o primeiro sinal da entrega de Cristo ao outro, atingindo o auge com a sua morte e Ressurreição, na Páscoa. Se o aluno não começar por

²²⁷ Johannes Baptist Metz, Pobreza em Espírito - o advento de Deus (Lisboa: Moraes editores, 1968), 63.

²²⁸ Secretariado Nacional da Educação Crista, Conta Comigo-Manual do 5º ano, prefácio.

apreender o conceito da esperança como o nascimento do Salvador, será difícil entendê-la como caminho para a salvação, a partir do Mistério da cruz, vivenciado na Páscoa.

Nas aulas da unidade letiva “Advento e Natal”, a esperança deve ser comparada a uma âncora segura e firme para a vida: «aderir à esperança que nos é proposta; esperança essa em que nos acolhemos como âncora segura e firme para a nossa vida, e que penetra até ao interior.»²²⁹ Só quando os alunos conseguirem entender que é através da pobreza em espírito «renúncia de si mesmo [...] e sua doação»²³⁰, e abandonando o mundo consumista e materialista em que vivem que o Natal nascerá no hoje.

Na disciplina de EMRC, o docente deve ajudar os alunos a «encarar a época do Advento e do Natal como tempo de meditação»²³¹. Contribuir para que os alunos possam descobrir de que só através da esperança, se consegue despertar para o valor da pobreza em espírito. Contudo, tanto a disciplina como o docente são apenas “condutores” desta descoberta, pois só o aluno pode responder à questão: quero deixar que Deus venha até mim ou prefiro ignorar essa vontade divina?

2.8. Para problematizar a lecionação do conceito e da experiência da esperança a crianças de 10 anos

**«É isto que o Senhor nos pede, com a fortaleza e a capacidade
de consolar e de sermos semeadores de esperança.
E hoje é necessário semear esperança, mas não é fácil.»**

Papa Francisco²³²

Para o professor de EMRC, a grande problemática da Unidade Letiva “Advento e Natal” é descobrir como falar a crianças de dez anos, faixa etária da maioria dos alunos do quinto ano,

²²⁹ Joaquim Carreira das Neves, «As razões da nossa esperança», Semana de Estudos Teológicos, Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa (Lisboa: Editora Rei dos Livros, 1998), 158.

²³⁰ Metz, *Pobreza em Espírito*, 34.

²³¹ Metz, *Pobreza em Espírito*, 59.

²³² Papa Francisco, *Alegres na Esperança*, 55.

sobre o conceito, experiência e vivência da esperança? Será que o recurso a uma aprendizagem mais prática e com maior participação dos alunos fará com que a lecionação seja relevante e significativa, para eles? Como consciencializá-los de que devem ser esperança para o outro?

Nesta reflexão, em primeiro lugar, será elaborada uma caracterização física e psicológica das crianças desta idade, e em específico dos alunos da turma D do quinto ano. Em resposta à problematização supracitada serão apresentadas algumas estratégias mediante a prática letiva da PES. Por fim, a pedagogia do serviço, julgando ser uma boa e adequada resposta para as questões expostas.

As considerações aqui referidas resultaram de um trabalho reflexivo semanal da docente, durante e após a PES. Desde a elaboração do plano de aula, a construção dos recursos, a lecionação, a reflexão pessoal e em núcleo, mas essencialmente pelo *feedback* dos alunos, em cada aula foi possível suprir alguns pensamentos relevantes.

A idade dos dez anos é marcada pelo entusiasmo, curiosidade, mas como ainda são [as crianças] «imaturas insistem em satisfazer as suas necessidades no momento em que estas surgem, são barulhentas.»²³³ Apesar de a sua inteligência ser essencialmente prática «pensam de forma literal, específica, têm dificuldade em entender símbolos, generalizações e abstrações e não são capazes de estabelecer facilmente relações entre ideias.»²³⁴ No entanto, cada criança e cada turma tem o seu ritmo de desenvolvimento e caráter próprio.

Mesmo havendo consciência destes riscos, a primeira aula foi estruturada à volta de um símbolo do quotidiano dos alunos [um semáforo em alusão ao Advento e Natal], pois se fosse utilizado um símbolo desconhecido, a probabilidade de não entenderem o seu significado era grande. Não esquecendo que neste relatório é referenciado de que nesta idade, as crianças podem apresentar dificuldades em interpretar símbolos. Assim, a linguagem teria de ser atrativa e lúdica, não para ser tida como brincadeira, mas como facilitadora do conhecimento.

²³³ SNEC, «Sereis o meu Povo», 15.

²³⁴ SNEC, «Sereis o meu Povo», 17.

O resultado foi muito positivo, porque toda a turma conseguiu perceber o significado de cada cor do semáforo em associação ao significado do Advento e do Natal.

Logo se percebeu que para falar de esperança, a simbologia era uma boa aposta, até porque a época cristã do Advento e do Natal é repleta de símbolos.

Tratando-se de uma turma, dum colégio católico inserida numa comunidade financeiramente abastada, como tradicionalmente é conhecida, este trabalho fazia todo o sentido.

Em diálogo com os alunos, foi fácil entender que recebem quantias consideráveis de dinheiro, através das mesadas e das prendas de Natal. E pela forma como falaram do assunto, se notou ser algo normal, no dia a dia daqueles discentes, e que já não lhe atribuem grande significado.

Contudo se forem conduzidos a perceber que a grande dádiva que se recebe no Natal é Jesus, e por isso mesmo, o maior valor de uma oferta é o sentimento que lhe é impresso, quem sabe, não se conseguirá reverter os pensamentos deles!?

Ao fim das primeiras três aulas foi viável decidir que para conseguir falar da esperança, à turma, teriam de ser usados os símbolos, como recurso primordial. Até porque, esta etapa dos dez anos é considerada como a «Fase da Atributividade, pelo desejo ativo de saber “coisas” sobre a fé, Deus, Jesus e a Igreja, que as crianças manifestam.»²³⁵

Os alunos, os cristãos, de outras confissões ou sem vivências religiosas passam por esta fase, por isso a EMRC tem de explorar a via da atribuição de significado cristão aos símbolos, como caminho para a educação integral, da qual faz parte a religiosidade. E tentar que mais alunos descubram a fé e vejam em Jesus Cristo, um modelo a seguir.

Entre os dez e os doze anos, a religiosidade é responsável e «nasce da consciência social e do convívio resultante de uma educação de grupo... fazer o bem juntos.»²³⁶ O que quer dizer que esta é a fase ideal para se falar do religioso em contexto turma, porque os alunos gostam de

²³⁵ Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC), «Sereis o meu Povo - guia do catequista», 21.

²³⁶ SNEC, «Sereis o meu Povo», 23.

estar em grupo e assim aprendem melhor. Exemplo disso, foi a experiência aplicada sobre o ato de esperar, a partir da exploração da história “Eu espero”. A turma manifestou laços de união ao se esforçar para que o fio chegasse a todos²³⁷.

É de referir que nas crianças de dez anos, «também é possível observar um decréscimo da piedade, menos interesse...e distanciamento religioso, mais acentuados se a educação religiosa for pobre, superficial ou infantil.»²³⁸ Esta situação observou-se em dois ou três alunos da turma, especialmente por falta de atenção e de carinho dos pais, e consequentemente não acompanhamento familiar da vida cristã, como foi possível perceber através de conversas informais, fora do contexto da aula.

Nestes casos, ainda se torna mais difícil falar de esperança, se esses alunos nem a sentem, ou nem se interessam. O professor tem de tentar motivá-los, não desistir deles, e aplicar estratégias específicas, por exemplo incentivando a participar nas tarefas da aula.

Em conclusão, a esperança é um conceito abstrato, não visível como as pessoas se vêem umas às outras. As crianças terão de recorrer à sua imaginação, por isso a utilização de sinais/símbolos do seu dia a dia materializa o conceito da esperança, facilitando a sua compreensão.

Relativamente às questões que a lecionação da esperança sugere, é de ter em consideração que a pedagogia do serviço é uma ótima metodologia a seguir. Observando o programa, o objetivo final, da Unidade Letiva “Advento e Natal” é «Promover o valor da esperança na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus.»²³⁹ Visando que os alunos reconheçam importância de serem esperança ativa no mundo. É possível cumprir «melhor os Objetivos propostos quando se apoia em modelos de ensino centrados nos alunos.»²⁴⁰

A pedagogia do serviço permite a junção da aprendizagem enquanto transmissão de conhecimento e o serviço à comunidade, de forma direta ou indireta. A «Pedagogia do Serviço,

²³⁷ Ver o plano e o relatório da aula número três.

²³⁸ SNEC, «Sereis o meu Povo», 23.

²³⁹ Carvalho et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 56.

²⁴⁰ Cristina Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço-uma perspetiva de planificação e de Implementação», *Pastoral Catequética* 41, (2015): 49

não se trata de mais uma estratégia de ensino ativo, embora promova a aprendizagem ativa, mas de uma pedagogia e de um modelo de ensino-aprendizagem em que as componentes e as componentes da aprendizagem curricular se complementam mutuamente.»²⁴¹

Na prática letiva da PES, os alunos tiveram a oportunidade, com a atividade de apadrinhamento dos estudos de uma criança em Angola [Melika-Huíla] vivenciar o serviço ao outro, embora de forma indireta. É de realçar que a atividade foi concretizada com sucesso devido à dedicação e ao empenho da turma. De tal forma que conseguiram angariar o dinheiro necessário com a venda de pulseiras feitas pelas meninas, e vendidas com o apoio de alguns rapazes. No entanto, a pedagogia do serviço não foi desenvolvida, durante toda a unidade letiva. Podendo ser uma hipótese a ponderar numa nova planificação da unidade, como se abordará no último capítulo deste relatório.

²⁴¹ Carvalho, «Pedagogia do Serviço...», 67.

Capítulo 3. O simbólico como caminho até ao invisível

**«O símbolo não define a realidade que trata, mas
sugere, aponta caminhos, abre perspectivas,
explora a realidade.»**

Herculano Alves²⁴²

O simbólico será abordado numa perspetiva teológica com o intuito de se fundamentar a importância pedagógica do símbolo como recurso a utilizar na lecionação da esperança. Então, se a esperança, para ser instruída enquanto conteúdo e experiência, necessita ser revelada através de símbolos, propôs-se explorar, neste capítulo, a questão da linguagem simbólica, como caminho de abertura e de exploração da realidade.

3.1. Símbolo, um sinal

**«Sinal é aquilo que nós convencionámos, o símbolo é outra coisa.
Tem significado e significante. Estão unidos, relacionam-se, sendo o
símbolo aquilo que nos permite passar do material para o
imaterial.»**

Luís Rodrigues²⁴³

Os símbolos são sinais na medida em que são capazes de transmitir às pessoas as realidades «mais difíceis, mais íntimas e mais profundas.»²⁴⁴ Sinais de uma realidade invisível expressando a sua vertente espiritual. Numa simples explicação usemos o diálogo entre Jesus e a Samaritana, do Evangelho de São João:

²⁴² Alves, *Simbologia na Bíblia*, 9.

²⁴³ Luís Rodrigues, «Desenvolvimento sociomoral e religioso na infância», *Pastoral Catequética* 44, (2019): 70.

²⁴⁴ Rodrigues, «Desenvolvimento sociomoral e religioso na infância»: 70.

Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: ‘dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias, e Ele havia de dar-te **água** viva!” Disse-lhe a mulher: “Senhor, não tens sequer um balde e o poço é fundo...Onde consegues, então, a **água** viva?” (...) Replicou-lhe Jesus: “Todo aquele que bebe desta **água** voltará a ter sede; mas, quem beber da **água** que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a **água** que Eu lhe der há-de mesmo tornar-se nele uma fonte de **água** jorrando em ordem à vida eterna”. Disse-lhe a mulher:” Senhor, dá-me dessa **água**, para eu não ter sede, nem ter de vir cá tirá-la.²⁴⁵

Este texto é um bom exemplo de como a simbologia de um objeto ou bem, neste caso a água, tratando-se de algo visível e universal tem um sentido muito diferente nas palavras de Jesus. Para Ele, a água é um sinal que sugere uma interpretação que vai além do real, «tem a função de mediação entre duas realidades.»²⁴⁶ Na linguagem de Jesus e da Samaritana há um elemento comum: a água, mas enquanto que a mulher só a vê numa perspetiva comum [denotativa], Jesus usa o mesmo conceito, mas com um sentido muito diferente, um sentido símbolo.

O seu objetivo é dar um sinal àquela mulher: «Jesus, partindo dessa mesma realidade, está a fala da água a nível conotativo, simbólico. A água especial de que Jesus fala tem uma ligação real com a água comum – purifica e dá vida; mas é uma água muito superior – isto é, produz uma purificação e uma vida superior à que é produzida pela água comum.»²⁴⁷

Mas então será que conseguimos definir o que é um símbolo? Símbolo coincide com simbólico? O símbolo é um termo de difícil definição, etimologicamente significa comparar duas realidades que estão em união uma com a outra, a partir de uma se deduz a outra, sendo esta perceptível pelos sentidos do corpo.

Uma implica a outra para que o seu significado seja completo. «A parte material é o significante, a parte espiritual é o significado.»²⁴⁸ Por exemplo no texto do diálogo entre Jesus e a Samaritana, para ela a água, símbolo comum, tinha apenas uma parte objetiva à qual Jesus dá um maior sentido, dá-lhe uma «interpretação subjetiva.»²⁴⁹

²⁴⁵ Cf. João 4, 10-15.

²⁴⁶ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 8.

²⁴⁷ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 8.

²⁴⁸ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 8.

²⁴⁹ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 8.

É assim que surge o sinal, quando se estabelece uma ponte entre duas realidades. Neste caso, o conteúdo do símbolo água tem maior significado nas palavras de Jesus, mas sem negar o sentido comum da água referido pela Samaritana. Concluindo, o símbolo é mediador de duas realidades, «lança pontes, reúne elementos separados, liga a terra e o céu, a matéria e o espírito, a natureza e a cultura, o real e o sonho, o inconsciente e a consciência.»²⁵⁰

A linguagem simbólica é um sinal de comunicação, mas diferente de um signo pois o símbolo é um sinal concreto e vital enquanto que o signo é um sinal abstrato. Qualquer realidade natural e abstrata pode ter um sentido simbólico. Por isso se diz que o símbolo é ambivalente, o mesmo símbolo pode significar uma ideia ou até o seu contrário, dependendo do contexto em que se encontra.

Na Bíblia encontramos vários exemplos: «a água da morte e a água da vida; o fogo que mata e o fogo do Espírito Santo.»²⁵¹ Assim sendo, [não se] deve afirmar que o «símbolo e o simbólico não se opõem ao “real” e ao “histórico”.»²⁵² Isto é, o simbólico não se opõe ao real e ao histórico.

«A verdade da Palavra de Deus é expressa de mil maneiras, mediante uma quantidade enorme de géneros literários, de modos de falar, daquele tempo, ao longo de uns mil anos, durante os quais a Bíblia foi sendo escrita.»²⁵³ Documentos como a Constituição dogmática *Dei Verbum*²⁵⁴ apelam para que não se confunda a verdade da Bíblia, da revelação de Deus à Humanidade com a verdade histórica dos acontecimentos narrados neste livro sagrada. Não se pode fazer da Bíblia apenas um livro histórico, é muito mais, é um livro dos símbolos a partir dos quais Deus quer transportar, o ser humano, para uma realidade mais profunda, que conduzirá à salvação, se confiar, se tiver esperança e se seguir a mensagem incutida em cada símbolo.

²⁵⁰ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 8.

²⁵¹ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 9.

²⁵² Alves, *Símbolos na Bíblia*, 11.

²⁵³ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 11.

²⁵⁴ *DEI VERBUM*, acedida a 12 de julho de 2019, http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html.

Em conclusão, «a oposição que alguns pretendem encontrar, por vezes, entre a verdade da Bíblia e os diferentes modos de apresentá-la»²⁵⁵ não tem fundamento pois «o que a Igreja afirma é que Deus se serviu do género literário histórico para afirmar as verdades históricas»²⁵⁶ mas não foi este o seu único modo de falar para declarar as verdades teológicas, as verdades da fé. «É dentro deste âmbito da linguagem humana que a Bíblia deve ser vista a linguagem simbólica.»²⁵⁷

3.2. Símbolo e simbolismo bíblico

**«Considero a língua dos símbolos a única língua estrangeira
que cada um de nós deveria aprender.»**

Erich Fromm²⁵⁸

«Quando falamos de linguagem, queremos dizer modos de falar, diferentes maneiras de apresentar uma ideia, um discurso. [...] utilizamos dois tipos de linguagem: a linguagem normal do dia a dia [...] e uma linguagem mais selecta, mais espiritual e figurativa, poética, chamada conotativa.»²⁵⁹

Da linguagem conotativa fazem parte os símbolos, forma de captar a realidade e de a traduzir para os outros. Por isso torna-se num excelente recurso para a apresentação e explicação do texto bíblico nas aulas, até, porque a Bíblia exprime-se mais por imagens e símbolos do que por conceitos abstratos.

«A Bíblia torna-se o livro em que os sábios e ignorantes podem encontrar água fresca para beber; e na sua função simbólica põe em contacto permanente a Palavra viva e eficaz.»²⁶⁰
A qualquer leitor seja crente ou não, para conseguir ler a Bíblia é fundamental a linguagem simbólica, esta auxilia a descodificar a palavra que o Espírito transmite. Contudo, através de

²⁵⁵ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 11.

²⁵⁶ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 11.

²⁵⁷ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 11.

²⁵⁸ YOUCAT, *Catecismo jovem da Igreja Católica*, (Lisboa: Paulus Editora, 2011), 10. (Cf. Erich Fromm)

²⁵⁹ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 7.

²⁶⁰ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 10.

uma leitura simbólica, sem fé dos textos bíblicos, não se atinge o Divino. Assim, é essencial que nas aulas de EMRC o professor seja capaz de incentivar os alunos para o texto, despertar-lhes o interesse, ou seja a fé, através do texto bíblico. A hermenêutica da Palavra torna-se mais fácil para os alunos através da aplicação de dinâmica mais interativas na leitura e análise de textos bíblicos.

No entanto, não se pode esquecer que a «leitura espiritual da Escritura não pode prescindir de uma compreensão correta dos textos simbólicos.»²⁶¹ Para tal, há que ter em conta o intuito do Espírito que a inspirou, mas também o propósito do autor humano que escreveu a Bíblia num certo contexto, tempo e com uma determinada linguagem simbólica. O professor de EMRC terá de ter por base que só entendendo a linguagem simbólica, os alunos serão capazes de melhor compreender o que o autor quer dizer.

Como meio facilitador da hermenêutica, o professor poderá recorrer aos símbolos do quotidiano dos alunos e com eles estabelecer uma ponte com os que são mencionados na Sagrada Escritura: «O leitor da Bíblia necessita, pois, de compreender urgentemente o significado destes símbolos. De alguns – como o pastor, o campo, a ceifa, a água – percebe-se imediatamente o significado; mas outros, por serem muito diferentes da nossa linguagem de hoje, são mais difíceis de interpretar.»²⁶²

O objetivo da hermenêutica não é apenas uma leitura material dos textos bíblicos, com a interpretação simbólica, é preciso atingir a profundidade do texto. Os símbolos são o caminho não o fim. O símbolo sugere, aponta para uma realidade mais interior, direciona para significado(s) mais espiritual (ais) que também têm de ser interpretado(s). «Numa palavra, o sentido simbólico e espiritual faz parte do sentido literal do texto bíblico.»²⁶³

²⁶¹ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 13.

²⁶² Alves, *Símbolos na Bíblia*, 11.

²⁶³ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 13.

3.3. Símbolo, linguagem simbólica

«Falar de símbolos, é falar de linguagem simbólica, figurada, um modo de traduzir a realidade através da imagem.»

Herculano Alves²⁶⁴

A linguagem dos símbolos é universal, estão ao redor e visíveis a todas as pessoas. Nas sociedades existem sinais comuns, por exemplo os sinais de trânsito, onde em cada cor está subentendida uma mensagem, mesmo não seja visível sabe-se qual é a partir do sinal. «O símbolo é, pois, a linguagem humana das realidades espirituais»²⁶⁵, é a única linguagem capaz de fazer ver além, o invisível, o que está por detrás de [...] a mensagem. Neste caso, a mensagem bíblica, pois «Deus falou por meio de homens e à maneira humana»²⁶⁶; «e esta maneira humana de falar é, em grande parte, a linguagem simbólica.»²⁶⁷ Deste modo, o símbolo faz parte da linguagem universal: do passado, do presente e do futuro, ou seja, o símbolo é a linguagem mais universal e intemporal.

Este universalismo próprio da linguagem simbólica é diferente da linguagem científica, pois esta reduz o significado dos símbolos a uma lei geral enquanto que o símbolo bíblico parte de um princípio até várias leituras e interpretações. O símbolo bíblico transmite a possibilidade de novas interpretações, o que para os leitores, neste caso para os alunos, leva-os a pensar em novas realidades. «Numa palavra, o texto simbólico é um texto aberto a novas leituras.»²⁶⁸ Mas nunca se deve esquecer que o texto sagrado é soberano independentemente das interpretações do leitor. Por isso, no caso dos alunos cabe ao professor orientá-los.

Apesar de tudo, há símbolos que mesmo sendo universais têm sentidos diferentes conforme a cultura onde são utilizados, por exemplo a cor branca na cultura europeia é uma cor positiva e da alegria, mas no Japão é tratada como a cor da morte e da tristeza. Assim sendo,

²⁶⁴ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 13.

²⁶⁵ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 12.

²⁶⁶ Constituição *Dei Verbum* n° 2.

²⁶⁷ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 12.

²⁶⁸ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 12.

pode-se afirmar que a Bíblia utilizou a linguagem simbólica do tempo em que foi escrita «para lhes falar de realidades espirituais e divinas.»²⁶⁹

O facto de a Bíblia ser uma “montra” de simbologia, pela enorme quantidade de símbolos que contém, ela própria é considerada como um símbolo universal em que só por meio dela podemos conhecer Deus e a sua mensagem. «Como exprimir o que é inexprimível em palavras humanas?!»²⁷⁰ Só através da Bíblia, livro dos símbolos com linguagem universal «pois pretende encarnar a Palavra de Deus para os homens de todos os tempos.»²⁷¹

3.4. Simbologia na unidade letiva “Advento e Natal”

«A queda do muro de Berlim é um símbolo: da liberdade que se recupera, da unidade que se refaz e de um futuro novo que se sonha. O Natal é tudo isto e muito mais: com ele, rebenta das entranhas da criação uma geração nova e rasga-se na escuridão da noite uma madrugada que todos os homens com Jesus hão-de transformar progressivamente num dia belo de fraternidade e de paz».

D. Manuel Martins²⁷²

A presença da temática “Advento e Natal” no contexto da EMRC, no quinto ano de escolaridade é muito benéfica porque os alunos encontram-se na faixa etária ideal para a descoberta do verdadeiro sentido do Natal para a humanidade a partir do simbólico. Através de símbolos do quotidiano dos discentes procura-se que eles se tornem capazes de estabelecer uma relação entre os símbolos e o tema, tendo em conta o seu significado “invisível” (social e religioso), com o objetivo de os conduzir a uma esperança ativa. Ao pensar no Natal, primeiramente, o que vem à mente é o nascimento de Jesus. Um pensamento muito simplista, mais do que o aniversário do nascimento de Jesus, celebramos o mistério da Encarnação do Filho de Deus, a revelação do próprio Deus, que se auto comunica aos Homens.

²⁶⁹ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 12.

²⁷⁰ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 14.

²⁷¹ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 15.

²⁷² D. Manuel Martins, Bispo de Setúbal, *Pregões de Esperança (Setúbal, Cartas Diocesana, 1997)*, 22.

Para o docente, pensar na unidade “Advento e Natal” não pode remetê-lo a uma visão meramente catequética. A EMRC e a Catequese complementam-se, mas não são o mesmo. O grande desafio para o professor é ajudar os alunos a redescobrir esta unidade letiva a partir de uma leitura cultural e simbólica capaz de os fazer chegar à mensagem de Cristo, independentemente de serem ou não cristãos. Há que transmitir o pensamento de que Cristo encarnou no mundo para salvar todas as pessoas. Trata-se de uma missão complexa pois na sociedade em que se vive Deus não é importante, vive-se numa sociedade sem Deus, ou melhor, onde Deus foi substituído por muitos outros pequenos deuses (bens materiais, tecnológicos etc.).

Uma temática tão rica em simbolismo, algo que deve ser tido em conta pelo docente para estimular os alunos e contribuir para fazer [re]nascem neles a verdadeira esperança do Natal. Inicialmente é mais fácil recorrendo a sinais do dia a dia dos discentes, por exemplo para explicar o que é o Advento à luz da Bíblia aludindo aos sinais de trânsito e significado de cada cor: Verde /Pensa; Amarelo/Atenção; Verde/ Vive o Natal, estás pronto, chegaste à meta!

Com vários símbolos religiosos se pode explorar o seu significado social e daí intuir o seu simbolismo, por exemplo: a coroa do Advento, a alusão da nossa família como sendo o nosso presépio à semelhança do presépio de Jesus.

Consideram-se como perspetivas, caminhos para a descoberta da esperança, pois o símbolo o que faz mais é explorar realidades. Pretendendo que contribuam para que os alunos sejam capazes de vivenciar hoje e amanhã, o Natal de Jesus como fonte de esperança. «Cada ‘sim’ a Jesus que vem é um rebento de esperança. Tenhamos confiança neste rebento de esperança, neste ‘sim’: Sim, Jesus, Tu podes salvar-me, Tu podes salvar-me. Feliz Natal de esperança a todos.»²⁷³

²⁷³ Papa Francisco, *Alegres na esperança*, 16.

3.5. Como e para quê educar com recurso ao simbólico

«Educar para a função simbólica, no âmbito da religião, é propor diversas narrativas, na qual [...] cada um vai percebendo que é Deus, em última instância, o significado das narrativas que estamos a apresentar.»

Luís Rodrigues²⁷⁴

Jean Piaget afirma que a função simbólica da aprendizagem, é a «capacidade de usar representações mentais a que se atribuem significados. Essas representações mentais podem ser palavras, números ou imagens.»²⁷⁵ Em Piaget a questão da educação simbólica é essencial para o desenvolvimento intelectual e emocional da criança. O autor «vai afirmar que a actividade simbólica tem que ser reconhecida como uma função que num sentido emerge como resultado das actividades da criança, num ponto distinto do desenvolvimento psicológico normal de um bebé.»²⁷⁶

A dimensão espiritual na pessoa, desde criança, é revelada pela sua capacidade simbólica: «que fez nascer não só as diferentes manifestações artísticas, como também a linguagem falada e depois, escrita.»²⁷⁷ A vivência destas expressões simbólicas permitem ao Homem transpor a realidade interior do outro [o invisível] e exteriorizar a sua realidade [visível].

Também a criança, desde que nasce, anseia por encontrar o Outro, por comunicar e comunicar-se. Muito antes de falar, ela “fala” com o corpo, com o olhar, com gestos simples mas plenos de significado. Os símbolos e os rituais da vivência espiritual e religiosa são referências que ajudam os mais pequenos a “pressentir” e a entender” o mistério da Vida e da Fé, não pela via de uma adesão racional mas pelo significado profundo que os adultos a quem amam conseguem dar a esses símbolos e a esses rituais.²⁷⁸

²⁷⁴ Rodrigues, «Desenvolvimento sociomoral e religioso na infância»: 71.

²⁷⁵ Tiago Azevedo, «Função simbólica», acedido a 20 de outubro de 2019, disponível em <https://psicoativo.com/2016/05/funcao-simbolica-piaget.html>.

²⁷⁶ Jean Piaget, *Psicologia e Educação* – organização de Veda P. Varma & Phillip William, (Braga: Moraes editores, 1979), 123.

²⁷⁷ Maria João Ataíde, «A criança e a descoberta espiritual de si», *Revista Catequética*, (Lisboa: SNEC, nº7, 2007), 23.

²⁷⁸ Ataíde, «A criança e a descoberta espiritual de si», 23

Logo no ensino da EMRC, o amadurecimento a nível espiritual será alicerçado ao recurso à reflexividade, à procura de sentido e ao simbolismo: «a capacidade de usar símbolos e representações mentais com significados. Isso torna possível, por exemplo, ler mapas e guardar fotos de pessoas queridas distantes. Os símbolos permitem à criança a lembrança de coisas que não estão presentes fisicamente.»²⁷⁹

Na EMRC, o uso dos símbolos permitirá trazer à experiência e compreensão do aluno, noções e conceitos de natureza mental e abstrata como os sentimentos, os valores... e até Deus. Pretende-se tornar mais ágeis as capacidades imaginativa e interpretativa da inteligência e da ação no mundo, segundo a mensagem que cada símbolo veicula.

A pedagogia dos símbolos exponencia as capacidades humanas para a descoberta de Deus, «criando pontes, facilitando a linguagem; ensinar a escutar, a olhar, a reconhecer as diferentes manifestações de Deus.»²⁸⁰ Se são os sinais que suportam a história relacional de Deus com a Humanidade, então a pedagogia da disciplina terá de incluir a capacidade simbólica. Como atualmente as crianças vivem no mundo do imediato e palpável «não serão suficientes linguagens doutrinárias e dogmáticas.»²⁸¹ Então, a linguagem simbólica tem de se insurgir, de forma lúdica e atrativa, aos alunos.

No entanto, não se pode esquecer que a simbólica se expressa, em cada um, de forma diferente, conforme a sua aptidão para encontrar em determinado objeto a representação pretendida. Não devendo, o professor correr o risco de algum aluno afirmar que determinado símbolo tem para ele um significado diferente. Como no mundo da simbólica é possível existirem vários significados para o mesmo símbolo, o professor pedagogicamente é o responsável por conduzir o aluno no caminho da descoberta do real significado, aquele que está de acordo com os conteúdos.

²⁷⁹ Azevedo, «Função simbólica», acedido a 20 de outubro de 2019, disponível em <https://psicoativo.com/2016/05/funcao-simbolica-piaget.html>.

²⁸⁰ Manuel Queirós da Costa, «Perspetivas sobre uma pedagogia bíblica para a catequese -7º e 8º ano», Pastoral Catequética 15, (2009), 80.

²⁸¹ Costa, «Perspetivas sobre uma pedagogia bíblica para a catequese -7º e 8º ano», 80.

O símbolo estabelece a ligação entre a experiência pessoal de certas realidades simbolizadas, e a sua significação partilhada, e neste encontro dá-se uma significação que é concreta mas não fechada, aberta mas não vaga.

Na realidade, existem inúmeros sinais nos quais se suporta a educação do invisível: água, deserto, olhos, coração, cabeça, entre outros. A força da educação através do simbolismo é tal que até Jesus educou o povo como recurso ao simbólico: «passará 40 dias no deserto; escolhe 12 apóstolos, cura cegos, surdos, mudos, dá de comer com 5 pães e 2 peixes; “ao 3º dia” vai a uma festa de casamento»²⁸². Hoje, enquanto evangelizadores, os educadores são chamados a dar continuidade a esta pedagogia de Jesus.

Paul Ricoeur «pensa a relação do símbolo com a condição existencial de “ser no mundo”».²⁸³ Para ele «“o símbolo é o próprio movimento do sentido primário que nos faz participar no sentido latente e assim nos assimila ao simbolizado, sem que possamos dominar intelectualmente a similitude”».²⁸⁴ Tendo em conta a sua perspetiva, o autor apresenta o conceito de simbolismo em rede: um só símbolo não diz tudo mas um aspecto de uma realidade não se esgota nele, é completado por outros símbolos, em rede:

Nesta linguagem simbólica há algo verbal e algo não-verbal, e o próprio não-verbal tem um duplo significado. É simplesmente impossível captar um significado só e dizer que é este o único significado correto. Ricoeur fala de um momento semântico no símbolo que carrega o sentido literal e figurativo e o momento não-semântico, o qual não se pode plenamente articular.²⁸⁵

Contudo, e apesar de ser possível educar para a função simbólica como aqui se expõe, a escola de hoje aponta tudo no sentido da linguagem unívoca da ciência, da matemática entre outras, que inevitavelmente é totalmente simbólica. Se pensar nas operações matemáticas, estas

²⁸² Costa, «Perspetivas sobre uma pedagogia ...», 80.

²⁸³ Arlene Fernandes, «A hermenêutica do símbolo em Paul Ricoeur» Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF, acedido a 24 de novembro de 2019, <http://www.ufjf.br/sacilegens/files/2016/03/12-1-8.pdf>.

²⁸⁴ Fernandes, «A hermenêutica do símbolo em Paul Ricoeur» Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF, acedido a 24 de novembro de 2019, <http://www.ufjf.br/sacilegens/files/2016/03/12-1-8.pdf>. (Citando a sua obra de 1998, 285)

²⁸⁵ Ivana Noble, «A natureza simbólica da existência cristã, segundo Ricoeur e Chauvet», Atualidade Teológica, Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio /Brasil, 335, acedido a 24 de novembro de 2019, https://www.academia.edu/9346934/A_natureza_simb%C3%B3lica_da_exist%C3%ancia_Crist%C3%A3_segundo_Ricoeur_e_Chauvet_The_Symbolic_Nature_of_Christian_Existence_according_to_Ricoeur_and_Chauvet_in_Portuguese_

são ensinada/aprendidas com recurso a símbolos matemáticos, «em que eu [professor] vou pegando no significante, nos objetos, e vou propondo significados que transcendem a sua materialidade.»²⁸⁶

No âmbito, da EMRC, não se pode ignorar que «O simbolismo religioso é de tal maneira forte, porque é o mesmo significado com diversos significantes, ou seja, diversos objetos, que apontam para o mesmo significado.»²⁸⁷ Então, o educador deve promover a linguagem da fé para que o aluno seja capaz de observar o facto religioso condensado no sinal. Por exemplo, o sinal da aliança de casamento, representa a união entre os esposos, contudo também simboliza toda a narrativa do casamento [a celebração, os momentos mais felizes...]. Assim, quando o aluno olha a cruz ou a pomba, não se deve limitar a observar apenas o objeto. Cabe à disciplina trabalhar também a dimensão afetiva para que o discente perceba que «estamos a aceder, simbolicamente, a um significado que nos transcende.»²⁸⁸

²⁸⁶ Luís Rodrigues, «Perspetivas sobre uma pedagogia bíblica para a catequese - 4º a 6º catecismo», Pastoral Catequética 15, (2009): 71.

²⁸⁷ Rodrigues «Perspetivas sobre uma pedagogia bíblica para a catequese - 4º a 6º catecismo», 71.

²⁸⁸ Rodrigues, «Desenvolvimento sociomoral e religioso na infância», 63.

Capítulo 4. Uma nova proposta pedagógica para a leção da unidade letiva “Advento e Natal”

«[...] Os professores precisam de ter as seguintes características: [...] práticas inovadoras, a vários níveis, nomeadamente no que a meios pedagógicos diz respeito, mas também nas formas pedagógicas de expor a matéria;»

Jorge Rio Cardoso²⁸⁹

4.1. Para introduzir as consequências de uma reflexão pedagógica

«Questões essenciais são questões que reflectem as grandes ideias em qualquer matéria e o coração do programa curricular.»

Arends²⁹⁰

No decorrer da planificação e da leção da unidade letiva, e após a reflexão da docente feita no final da prática ES verificou-se que a mesma poderia ser enriquecida com a introdução da problemática da esperança, desde o início do estudo desta temática. Já que o Natal é a festa do renascimento da esperança no ser humano, a partir do nascimento de Jesus, o maior símbolo da esperança cristã. O Natal direcciona para uma saída do eu, do egoísmo, para se olhar o mundo e se descobrir como, cada um, pode ser fonte de esperança. Esta aprendizagem favorece a formação dos alunos na defesa de um mundo onde seja possível viver com esperança, em comunidade, onde todos sejam solidários e fraternos com o irmão e no cuidar da “casa comum”.

Assim, torna-se muito importante referir que a reflexão da prática letiva durante o processo de supervisão deve ser entendida como um período de «enriquecimento mútuo e de ajuda entre colegas, assente numa relação interpessoal saudável [...] facilitar o desenvolvimento

²⁸⁹ Cardoso, *O Professor do Futuro*, 89.

²⁹⁰ Arends, *Aprender a ensinar*, 107.

dos professores e da aprendizagem dos seus alunos.²⁹¹». Certamente, depois desta experiência, o docente recorrerá mais vezes à reflexão individualmente ou em grupo.

Então, é importante evidenciar que este trabalho de planificação aqui descrito, constitui um contributo para que os professores acreditem que a reflexão após leção de cada aula/unidade é muito benéfica para a sua melhor preparação, formação e crescimento enquanto docente e enquanto pessoa. «Ser professor [...] não se limita a ensinar alunos, mas também a aprender com eles numa relação que tem muito de complementaridade e de busca da razão, do saber e até de um sentido ético para a vida.»²⁹² Não esquecendo que esse crescimento automaticamente influenciará positivamente o interesse pela disciplina, pelos conteúdos e pelas aprendizagens, por parte dos alunos.

No âmbito deste relatório, a reflexão da docente baseou-se nos primeiros capítulos deste trabalho, nos quais procurou estudar os conceitos da esperança, do ato de esperar e do simbolismo, no ponto de vista da Antropologia e da Teologia, articulando os conhecimentos adquiridos com a prática da PES. Dessa súmula resultou a elaboração de uma proposta de planificação para a unidade letiva.

Segundo a análise realizada ficou visível que a unidade “Advento e Natal” deve incutir nos alunos o espírito de ser-se sementes de esperança no mundo. Para tal objetivo, as novas estratégias a utilizar serão o aprofundamento da educação para o simbólico e a implementação da pedagogia do serviço de forma mais estruturada. Também serão incluídas na planificação, estratégias e recursos, aplicados na PES.

Salienta-se que com a construção desta proposta de planificação e seus recursos não se pretende desvalorizar a importância do manual enquanto recurso: «o manual escolar, enquanto projetado e praticado, implica de forma muito facilitadora uma reflexão acerca do papel das mediações culturais nos processos educativo.»²⁹³

²⁹¹ Alarcão & Tavares, *Supervisão Pedagógica*, 104.

²⁹² Cardoso, *O professor do futuro*, 37.

²⁹³ Alfredo Teixeira, «Manual escolar e transmissão cultural», *Pastoral Catequética* 31-32, (2015), 151.

Como alternativa, fica a sugestão da integração da mesma no manual do quinto ano, pois a unidade letiva “Advento e Natal”, no atual manual não apresenta muitas estratégias atrativas, e os conteúdos são expostos de forma confusa, dificultando o interesse e a compreensão dos alunos. Contudo, reconhece-se que as metas, objetivos e conteúdos da unidade letiva expressos no programa da disciplina, em vigor, estão bem explícitos e foram um grande auxílio na elaboração da nova planificação.

4.2. Descrição e aplicabilidade

«Através do processo de planificação, os professores podem variar o tempo, os materiais e as actividades de aprendizagem para ir ao encontro das necessidades de cada aluno da turma.»

Richard Arends²⁹⁴

Neste subcapítulo será materializada a proposta pedagógica, a qual contém uma planificação alterada e enriquecida, pois já na sua aplicação inicial, uma parte substancial da lecionação passou a ser feita integrando o conteúdo “esperança”. A descrição da proposta será estruturada aula a aula, com a apresentação da sua planificação. Depois seguir-se-á uma breve descrição da planificação, onde se mencionará como poderá ser lecionada no presente e no futuro a unidade letiva “Advento e Natal”, tendo como referência a prática de ensino supervisionada. E apresentar-se-ão alguns dos materiais descritos [Quadros e imagens da aplicação de algumas estratégias e de alguns recursos].

O processo de planificação total é cíclico. Informações sobre a avaliação influenciam o conjunto seguinte de planificações do professor [...]. Por exemplo, a escolha do conteúdo só pode ser feita depois da análise cuidadosa e inquérito aos conhecimentos anteriores dos alunos, da compreensão do professor em relação aos conteúdos, aos materiais e à natureza do assunto em si.²⁹⁵

²⁹⁴ Arends, *Aprender a ensinar*, 130.

²⁹⁵ Arends, *Aprender a ensinar*, 101.

a) Proposta de Planificação e Lecionação da Aula 1, UL 2²⁹⁶

Unidade Letiva 2: Advento e o Natal

Licão nº10

Sumário: Início da Unidade letiva – “Advento e o Natal”. Os sinais da aliança de Deus com a humanidade.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	RECURSOS	AVLIAÇÃO FORMATIVA
A. Compreender o que são o fenômeno religioso e a experiência religiosa.	1. Reconhecer que Deus é sempre fiel à sua aliança. 2. Interpretar textos bíblicos sobre a esperança de Israel.	Deus é sempre fiel à sua aliança. A grande esperança de Israel, Deus está atento às necessidades do seu povo.	Acolhimento e sumário. Apresentação da docente.	10 m	Quadro Projetor PowerPoint Regras da aliança dos alunos Imagem Maria e Miguel Manual <i>Bola com arco iris</i>	Observação direta dos alunos: - Capacidade de compreensão e interpretação - Qualidade de participação - Desempenho de tarefas
			Advento e Natal – Continuidade da Aliança de Deus: - Relação com a unidade anterior; - Encenação do texto da Maria e do Miguel (pg.36) - Chuva de ideias sobre Advento e Natal;	12 m		
			Sinais da Aliança de Deus: - Exploração do PPT: <i>1. Análise breve dos textos bíblicos (EX 3,7-10 e IS 7,14);</i> <i>2. Relação entre o texto bíblico e conceito serviço;</i> <i>3. Semáforo vs Advento e Natal</i> <i>4. Semáforo vs serviço</i> -Elaboração da Síntese	23 m 5 m		
Síntese: O Advento e o Natal são sinais da presença e da aliança de Deus com a humanidade.						

Quadro 9 -Proposta de planificação e lecionação da aula um, unidade letiva 2

²⁹⁶ Doravante, a utilização da fonte tamanho 11 e em *itálico* nos quadros em conteúdos, estratégias e materiais registrados significa que se trata de uma alteração relativamente à planificação e lecionação da PES.

A planificação inicia-se tal como foi feito na PES, pela seleção da palavra chave da aula (sinal), de acordo com os conteúdos previstos no programa²⁹⁷. Assim surge, a ideia para uma estratégia a aplicar em todas as aulas da unidade letiva, estabelecer relação entre os conteúdos e símbolos que fossem sendo criados para esse efeito, nos quais se registaria a síntese da aula.

No início da aula continuaria a usar as mesmas estratégias e recursos: a apresentação da professora utilizando um *PowerPoint* com imagens da minha ilha, escola, paróquia e família. No entanto, no diapositivo sobre a família substituí a imagem retirada da internet pela foto da minha família, pois o facto das restantes fotos serem mesmo da minha realidade, a da família não foi e isso causou alguma desilusão nos alunos.

A articulação as aulas e desta Unidade Letiva com as unidades anteriores deve manter-se em todas as aulas, pois, é importante aos alunos percecionarem que há um encadeamento entre as unidades letivas e os seus conteúdos. Não se pode esquecer que a aula é de periodicidade semanal, pelo que essa recuperação ainda é mais importante, como meio pedagógico que os ajuda a recordar o essencial do que foi lecionado e, por vezes, a acionar aprendizagens prévias e a reflexão que os alunos fazem, por si mesmos, relativamente aos conteúdos tratados nas lições.

Na nova planificação alterou-se o símbolo de uma bola em cartolina com desenho de duas alianças, para a bola com o arco íris pois este símbolo faz uma alusão mais próxima à aliança do povo com Deus, já que o primeiro conteúdo da aula refere que Deus é sempre fiel à sua aliança de amor infinito para com toda a Humanidade, que enviou o seu filho Jesus, para nos indicar o caminho para a salvação, Jesus é sinal da concretização da aliança de Deus com o povo.

Como se introduziu na nova planificação, a pedagogia do serviço e tendo apenas oito aulas disponíveis para a unidade, na primeira aula terá de ser abordado o conceito de serviço. Para tal, será necessário reduzir o tempo da “chuva de ideias” e analisar mais brevemente os

²⁹⁷ Programa da unidade letiva dois, do Programa de EMRC: ver ANEXO I.

textos bíblicos que constam na planificação. E através do texto bíblico do Ex 3, 7-10 estabelecer a ligação com a palavra serviço.

Na última parte da aula em que se explora a relação entre o Advento e o Natal através do símbolo do semáforo, como “sinal de trânsito”, estabelecendo a simbologia do sinal de trânsito enquanto meio de orientar e de ajudar os condutores também a pedagogia do serviço tem a função de servir de servir a pessoa e a sociedade.

Para se poder avançar com esta metodologia será proposto ao docente de cidadania, para se estabelecer uma interdisciplinaridade, nomeadamente no trabalho de pesquisa que for necessário. Até por que esse é um dos objetivos da pedagogia do serviço. «As componentes essenciais da Pedagogia do Serviço [...], aponta para condições indispensáveis de qualidade: [...] professores que assumem um papel facilitador, compromisso organizacional da escola.» Na semana seguinte à primeira aula, os alunos terão de pesquisar modos de servir a comunidade da escola, da cidade (intervenção direta) ou de servir o mundo, lugares mais distantes (intervenção indireta).

UL 2 – Aula 1: Materiais propostos para Planificação e Lecionação



Ilustração 1.1 Maria e Miguel-personagens do Manual



Qual é a função do semáforo na estrada?

Orientar, servir para o bem da comunidade.

E nós temos ou não a obrigação de servir a comunidade? Como?

ADVENTO

NATAL

**Tempo do
serviço**

Ilustração 1.2. Relação entre Advento/Natal /Serviço



Ilustração 1.3. Símbolo da aula um - porta chaves

b) Proposta de Planificação e Lecionação da Aula 2, UL 2

5º Ano

Unidade Letiva 2: Advento e o Natal

Aula nº2

Lição nº11

Sumário: Explicação das atividades a desenvolver sobre o Advento e o Natal. Jesus, a concretização da Palavra e do Amor de Deus.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	RECURSOS	AVLIAÇÃO FORMATIVA
G. Identificar os valores evangélicos.	3. Reconhecer em Jesus a nova Aliança de Deus com a Humanidade	<p>O Nascimento de Jesus: a Palavra e o amor de Deus que chegam até nós;</p> <p>A nova Aliança, Jesus, o cumprimento da esperança de Israel: Mt 26, 26-28</p>	Acolhimento e sumário.	5m	<p>Quadro</p> <p>Projeto</p> <p>PowerPoint</p> <p>Árvore de Natal</p> <p>Livro dos símbolos</p> <p>Venda manual</p> <p>Símbolo porta chaves: prenda</p> <p>Símbolo livro: Anjo</p>	<p>Observação direta dos alunos:</p> <p>- Capacidade de compreensão e interpretação</p> <p>- Qualidade de participação</p> <p>- Desempenho de tarefas</p>
			<p>Consolidação de conhecimentos</p> <p>Alusão ao símbolo da aula anterior;</p> <p>Registo da síntese;</p> <p><i>Exploração do TPC/ escolha do serviço a fazer na comunidade</i></p> <p><i>Apresentação Projeto Apadrinhamento</i></p> <p>Explicação das atividades: “Árvore genealógica de Jesus” e o livro dos Símbolos.</p>	25m		
			<p>O Nascimento de Jesus concretiza:</p> <p>A Palavra de Deus:</p> <p>Dinâmica da venda nos olhos;</p> <p>Relação entre o Anjo, José e Palavra de Deus</p> <p>A aliança do Amor de Deus com Humanidade:</p> <p>Alusão a Jesus como prenda do amor de Deus;</p> <p><i>Leitura do texto bíblico (Mt 26, 26-28;</i></p> <p><i>Entrega da esquematização.</i></p>	15m		
			Elaboração da Síntese			
				5m		
Síntese: Jesus oferece a sua vida como sinal do amor de Deus por nós.						

Quadro 10 - Proposta Plano de Aula número dois da unidade letiva 2

Na primeira aula, recorreu-se à utilização da estratégia e explicação através da linguagem simbólica entre os sinais “Semáforo, Advento e Natal”. Esta estratégia é muito atrativa e diferente permitindo que os alunos atingiam a mensagem da aula: O Advento e o Natal são sinais da presença e da aliança de Deus com a humanidade. Como a unidade letiva “Advento e Natal” é muito rica em símbolos, foram produzidos dois recursos para concentrar e esquematizar todos os que serão abordados: Árvore Genealógica de Jesus e o Livro dos Símbolos.

Após o acolhimento e a revisão da aula anterior com a elaboração da sua síntese através da descodificação do símbolo, são apresentados os dois recursos supracitados que potenciarão o entusiasmo e a atenção dos alunos. O Livro dos Símbolos para além de servir de “caderneta” de registo dos símbolos e dos seus significados, lhes solicita um conjunto de tarefas a realizar, tais como a reflexão sobre o Advento e o calendário do Advento. Este calendário contém uma tarefa diferente para cada dia e que eles terão de ser desempenhar.

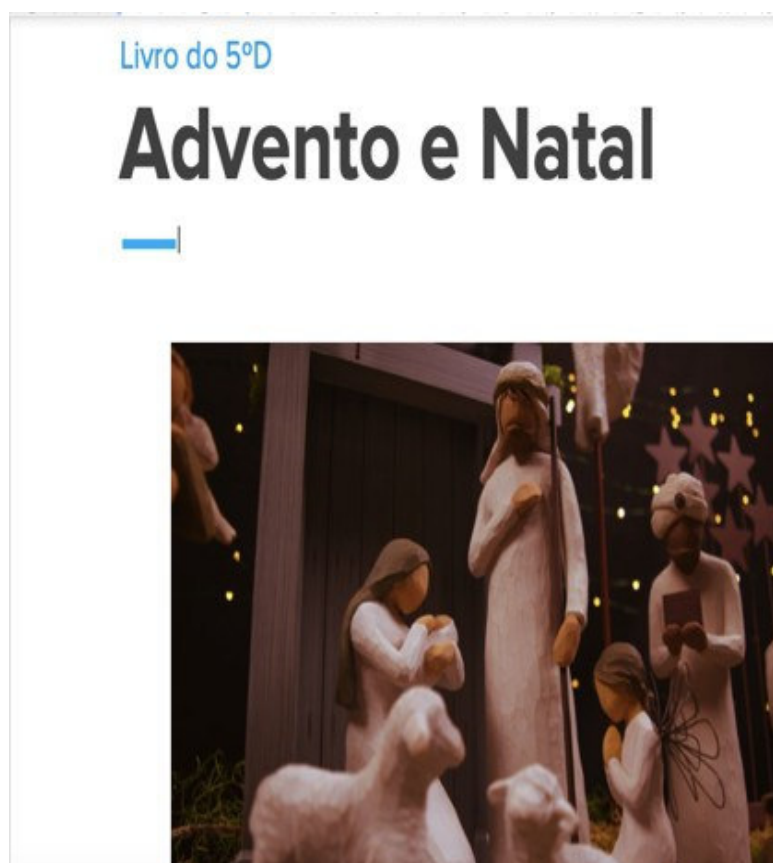


Ilustração 2.1. Capa do Livro de Símbolos

Calendário do advento

O calendário do Advento serve para nos ajudar preparar a chegada de Jesus. Proponho-te pequenas ações, desafios, tarefas como forma de melhor poderes preparar a vinda de Jesus.

1. HOJE VOU DAR UM BEIJO A ALGUÉM	2. HOJE VOU PARTILHAR UM SORRISO	3. HOJE VOU ABRAÇAR UM COLEGA DA TURMA	4. HOJE VOU COLOCAR A MESA AO JANTAR
5. HOJE SERÁ UM DIA SEM TECNOLOGIA	6. HOJE VOU DIZER "GOSTO DE TI"	7. HOJE VOU AJUDAR UM COLEGA	8. HOJE VOU FAZER O PRESÉPIO
9. HOJE VOU CONTEMPLAR A NATUREZA	10. HOJE VOU SER ALEGRE	11. HOJE VOU DAR ATENÇÃO A UM AMIGO	12. HOJE VOU RECUSAR COMER DOCES
13. HOJE VOU FAZER A MINHA CAMA	14. HOJE VOU ABRAÇAR 5 COLEGAS	15. HOJE VOU PÔR A MESA	16. HOJE VOU DEDICAR 30 MINUTOS À LEITURA
17. HOJE SÓ VOU DIZER SIM	18. HOJE VOU CONVERSAR 5 MINUTOS	19. HOJE VOU SER SOLIDÁRIO	20. HOJE FAREI 5 MINUTOS DE SILÊNCIO
21. HOJE VOU ESCREVER UM POEMA A JESUS	22. HOJE VOU CONTEMPLAR O PRESÉPIO 5 MINUTOS.	23. HOJE VOU ARRUMAR O MEU QUARTO	24. HOJE LEMBRA-TE DE JESUS

FELIZ NATAL

Ilustração 2.2. Calendário do Advento - recurso

Por sua vez, o recurso da Árvore Genealógica de Jesus, elaborado com base no livro de Teresa Power, *A Árvore de Jessé*, «um livro de histórias bíblicas para ler em família, recortar e enfeitar a Árvore de Natal.»²⁹⁸, o que se reverte num instrumento muito atrativo para a maioria das crianças. Com este material pedagógico pretende-se, que os alunos sejam capazes de interpretar os símbolos apresentados de acordo com todos os conteúdo e metas propostos para as aulas, conforme o Programa da disciplina.

Para o global da turma, utilizar-se-á uma Árvore de Natal como suporte, a fim de nela se colocar, semanalmente, cada símbolo elaborado para o porta chaves dos alunos. Deste modo, o símbolo que cada um recebe fica visível para todos, na sala de aula de modo que, aquilo que era, anteriormente, invisível – a mensagem – se torne visível e acessível.



Ilustração 2.3. Árvore Genealógica de Jesus

²⁹⁸ Power, *A Árvore de Jessé*, 5.

Na parte da aula dedicada à interpretação do texto bíblico vai-se aplicar a dinâmica dos olhos vendados, em que um aluno terá de guiar outro colega que tem a venda sobre os olhos. A ideia é a de estabelecer relação entre a experiência de ter os olhos tapados – não ver - com a mensagem do texto bíblico, em que o Anjo anuncia a José que Maria está grávida e ele tem dificuldade em acreditar, porque não consegue ver com os olhos da fé, da confiança. Os alunos mostram-se habitualmente muito entusiasmados com a experiência, sendo o resultado muito benéfico pois quando se lê o texto, a turma estabelece facilmente essa comparação.

Para a análise do segundo texto bíblico presente na planificação, indica-se que façam uma rápida e silenciosa leitura mesmo [Mt 26, 26-28], que aborda a Última Ceia com os discípulos – Instituição da Eucaristia. No fim, a docente pede aos alunos que relacionem o objeto que terá na mão (uma caixa de oferta) com a mensagem do texto. Pode surgir alguma hesitação por parte dos alunos, mas então, para os orientar, a oferta é aberta por um deles que, depois, será convidado a retirar de lá um cartão com o nome “Jesus”. Assim, fica mais fácil de perceber que o texto indica Jesus como a maior oferta, aquela que se recebe no Natal.

A planificação desta aula número dois mostra que as duas alterações de relevo são a introdução do *feedback* ao trabalho de casa, que teria como tema a seleção de formas concretas para servirmos a comunidade. Esta estratégia será aplicada logo após a revisão da aula anterior através da síntese do símbolo anteriormente entregue. Partindo do que se observou aquando a lecionação da Unidade Letiva dois na PES, quando na aula sete, lhes foi questionado, como poderiam “ser esperança no mundo”, as respostas não variarão do ato de dar roupa, dinheiro, contribuir para o cabaz de natal.

Nesse caso, a docente apresentará como proposta de pedagogia do serviço, o projeto de Apadrinhamento de crianças em Angola, como a atividade a realizar de forma mais aprofundada e como meio de direcionar os alunos para uma pedagogia do serviço direta que não seja a repetição daqueles gestos que, talvez um pouco mecanicamente, lhes são solicitados pelas

escolas nestas quadras e que pouco os envolvem já que não possuem dinheiro seu nem tiveram de analisar a realidade para detetar esta necessidade, algo feito pelos adultos responsáveis.

Por uma questão de gestão de tempo, não procederia à leitura dos outros dois textos bíblicos indicados no programa: [Mt 1,18-25], que aborda a aparição do Anjo a José para lhe contar que Maria estava grávida, e o texto [Lc 20, 22], Jesus o cumprimento da nova Aliança de Deus. Em sua substituição, tentaria, a partir da dinâmica da venda nos olhos e da caixa da oferta, questionar os alunos e depois esclarecê-los o conteúdo do que os textos tratam. Acrescentaria a entrega de uma fotocópia com a esquematização dos textos bíblicos a ser colada no caderno diário, e seria lida por um aluno, em voz alta, antes da colagem.

Assim, os alunos tomam contacto com o conteúdo do texto e com a sua explicação sem que se repita a estratégia de leitura integral e análise. Esta escolha agiliza a planificação sem perda do essencial dos conteúdos e sem que os alunos se cansem e se distraiam, pela repetição algo monótona da estratégia de leitura, reservada para textos mais significativos no contexto da Unidade Letiva.

Manteria os mesmos símbolos da aula, o Anjo e a oferta pelo seu significado perante os conteúdos programáticos - «O Nascimento de Jesus: a Palavra e o amor de Deus que chegam até nós: Mt 1,18-25; A nova Aliança, Jesus, o cumprimento da esperança de Israel: Mt 26, 26-28; e Lc 22, 20.»

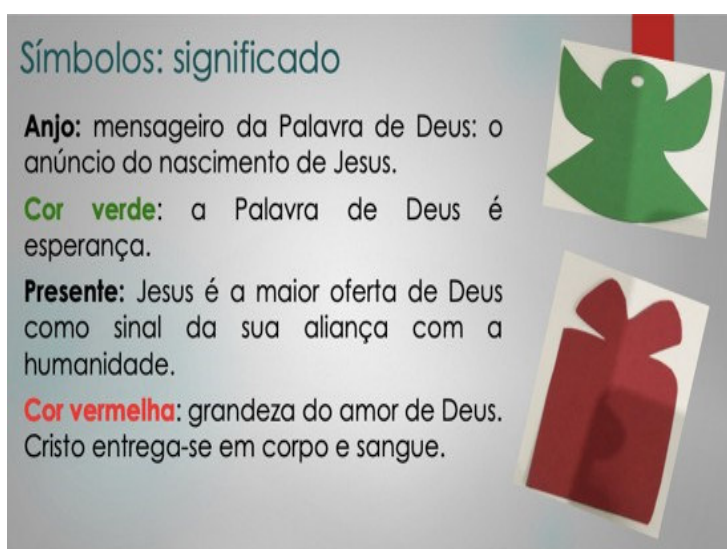


Ilustração 2.5. Símbolos da aula e seu significado

No fim da aula, pediria aos alunos para, na aula de Cidadania, estarem atentos ao pedido do seu docente no sentido de fazerem uma pesquisa sobre a definição de apadrinhamento e sobre a Província de Melika-Huíla, tendo a delegada e o subdelegado que apresentar as conclusões da pesquisa em cinco minutos da aula seguinte.

5º Ano

Sumário: O Advento: tempo de espera e esperança. As figuras do Advento.

Quadro 11 - Proposta de Planificação e Lecionação da aula número três da unidade letiva 2

Em primeiro lugar, o entender da docente, é importante que a leção desta aula decorra, no início do Advento, pois os conteúdos a lecionar estão de acordo com o tema e com o programa²⁹⁹: definição de Advento, formas de o viver e figuras do Advento. Para que isso seja possível, há que observar o calendário escolar, atendendo à data da interrupção letiva, e ao número de aulas previstas até essa altura. Tendo em conta esses fatores, é possível que se tenha de agrupar os conteúdos de duas aulas e lecioná-los numa só, para que o tema do Advento possa ser abordado, ainda no primeiro período, antes da época natalícia.

Na ótica da docente, esta planificação proporciona aos alunos, uma aula muito dinâmica e participativa. A dinâmica do fio para a interpretação da história intitulada “Eu Espero”, permite a exploração de sentimentos de união, porque o fio tem de passar por todos os presentes, sem que ninguém o deixe.



Ilustração 3.1. Registo da História Eu Espero

²⁹⁹ O programa pode ser visualizado no anexo I e planificação anual da unidade letiva “Advento e Natal”, Anexo II

Na prática da PES, foi possível verificar que a turma percebeu a lição da história; a vida é como um fio, vida feita de alegrias e tristezas, mas com a espera sempre como elemento recorrente. E, pelo facto de ser uma história de fácil compreensão torna-se mais atrativa com a dinâmica do fio, logo é sem dúvida, uma ótima estratégia a aplicar futuramente. Abordar o Advento com uma linguagem muito simbólica, torna-se mais fácil a transmissão de conceitos acrescentando a participação ativa dos alunos, pois estes não podem passar as aulas de EMRC como “espectadores permanentes”.



Ilustração 3.2. Dinâmica do fio

Para uma melhor gestão do tempo, a nova proposta centrar-se-á na elaboração e explicação do símbolo da coroa do Advento, durante a aula. Dando espaço, após a apresentação das figuras do Advento, para a inserção da estratégia prevista para o projeto de apadrinhamento [pedagogia do serviço]. A apresentação do trabalho de investigação sobre a definição de apadrinhamento e sobre as vivências e tradições da Província de Melika-Huila, Angola, feito na aula de Cidadania.



Ilustração 3.3. Coroa do Advento elaborada pelos alunos

Como meio de ligação ao projeto, os alunos serão questionados de como poderão ser modelos para os outros, à semelhança de Maria e de João Baptista, e direcionar o diálogo para o serviço ao outro.

No fim da apresentação do trabalho, o texto será entregue à docente, para uma avaliação mais cuidada do mesmo e para ser utilizado na aula seguinte como veículo de articulação dos conteúdos programáticos com o projeto de Apadrinhamento. A partir do feedback que a docente dará ao trabalho feito pelos alunos.

Ela disponibilizar-se-á para, após o término da aula, conversar com os alunos que queiram esclarecer dúvidas ou curiosidades sobre o projeto de apadrinhamento. A síntese será feita pela turma e registada no símbolo, e colocada no porta chaves, que será a coroa do Advento, que também será colocada na árvore genealógica de Jesus. A explicação do símbolo será citada pela docente e entregue a cada aluno para posterior, colagem no livro dos símbolos.

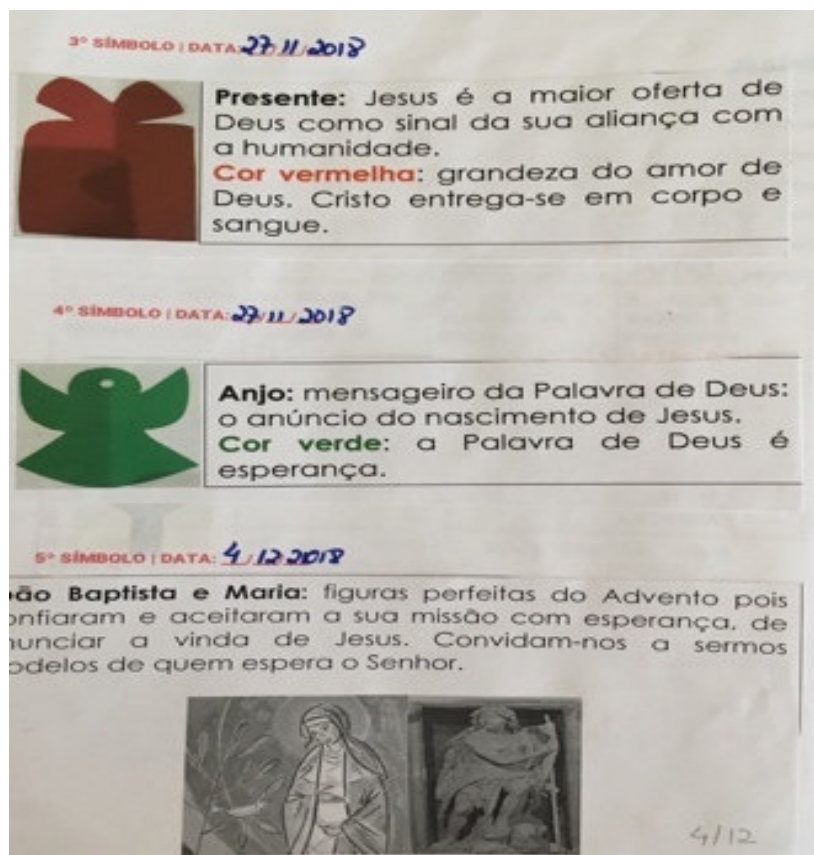


Ilustração 3.4. Página do livro para colagem dos símbolos e significados



Ilustração 3.5. Símbolo da aula

d) Proposta de planificação e Lecionação da Aula 4, UL 2

5º Ano

Unidade Letiva 2: Advento e o Natal

Aula nº4

Lição nº13

Sumário: Atividade alusiva ao Natal: o presépio e a sua simbologia.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	RECURSOS	AValiação FORMATIVA
G. Identificar os valores evangélicos.	6. Reconhecera mensagem evangélica a partir do Nascimento de Jesus.	Jesus, o Salvador; Emanuel, Deus conosco na história.	Acolhimento: - Apresentação da atividade Articulação com a aula anterior: - Acender as velas da Coroa do Advento;	10m		
			O presépio como símbolo central do Natal: - Associação entre presépio e a família; - Reflexão sobre o texto “Jesus recusa nascer”; O presépio como convite à vivência do verdadeiro Natal: - <i>Recolha do dinheiro para o apadrinhamento</i> - Dinâmica “Personagens do Presépio”: atribuição aleatória de ações a praticar durante o tempo do Advento e do Natal;	25m	Coroa do Advento Foto da Família; Presépio Texto “Jesus recusa nascer” Mensagens alusivas às figuras do presépio	Observação direta dos alunos: - Capacidade de compreensão e interpretação - Qualidade de participação - Desempenho de tarefas
			Entrega das velas e do símbolo; Elaboração da Síntese; Ensaiai e cantar uma música de Natal. <i>Após a aula a venda de velas para apoio da Caritas e do Projeto Apadrinhamento</i>	15m	Velas e símbolo porta chaves: presépio.	
			Síntese: O presépio convida-nos à vivência do verdadeiro Natal.			

Quadro 12- Proposta de Planificação e de Lecionação da aula número quatro da unidade letiva 2

O plano de aula para a semana quatro propõe uma atividade de reflexão e de preparação para o Natal que se avizinha, pois decorrerá na última semana de aulas. Os principais momentos da atividade terão por base, o Advento como tempo de espera, usando o exemplo da gravidez, momento em que numa família se espera a vinda de um filho; a associação entre presépio e família; leitura e reflexão do texto “*Jesus não quer nascer hoje*”; entrega das velas e do símbolo, e finalizará com um cântico de Natal. Entende-se que é importante, o papel do professor em aulas de cariz mais reflexivo, para motivar os alunos que por norma têm alguma dificuldade em “quebrar” a agitação. A mudança de rotina é essencial para que se faça Natal no nosso interior. Para isso, é propício realizar esta aula num espaço que conduza ao silêncio e interiorização.

No geral, os alunos não estão habituados a refletir, vivem para a ação, a idade que atravessam é caracterizada pela existência de muita energia e vontade de fazer tudo ao mesmo tempo. Por isso, no início da aula, a estratégia passará por pedir que fechem os olhos e em silêncio pensem nas suas famílias. Esta estratégia resultou coma turma da PES, melhorando a agitação inicial. Neste clima de introspeção será abordada a história sobre “Jesus não quer nascer hoje” cuja mensagem apela os alunos para a construção de um mundo de esperança e de igualdade, para que Jesus queira nascer.

Nesta proposta será incluída uma atividade para o projeto do apadrinhamento, a recolha de fundos. Durante a semana antecedente à aula, os alunos serão motivados para a partilha de uma parte da sua mesada, como ajuda à obtenção do valor da propina, a entregar nessa altura.

No final da aula, ser-lhes-á entregue uma vela da campanha da Cáritas Portuguesa “10 milhões de estrelas” explicar-se-á o sentido da vela no Advento e no Natal, e lançar-se-á o desafio aos alunos de a acenderem durante a época do Natal.

A atividade é apelativa e na prática da PES, esta foi a parte da aula mais emotiva alunos, para os alunos. O símbolo da aula será um presépio, representando que é na nossa família que Jesus quer nascer. Depois, todos receberão um cartão onde estará escrita uma atitude a ter no Natal, por fim terminar-se-á com o cântico de Natal.



Ilustração 4.1. Símbolo da aula

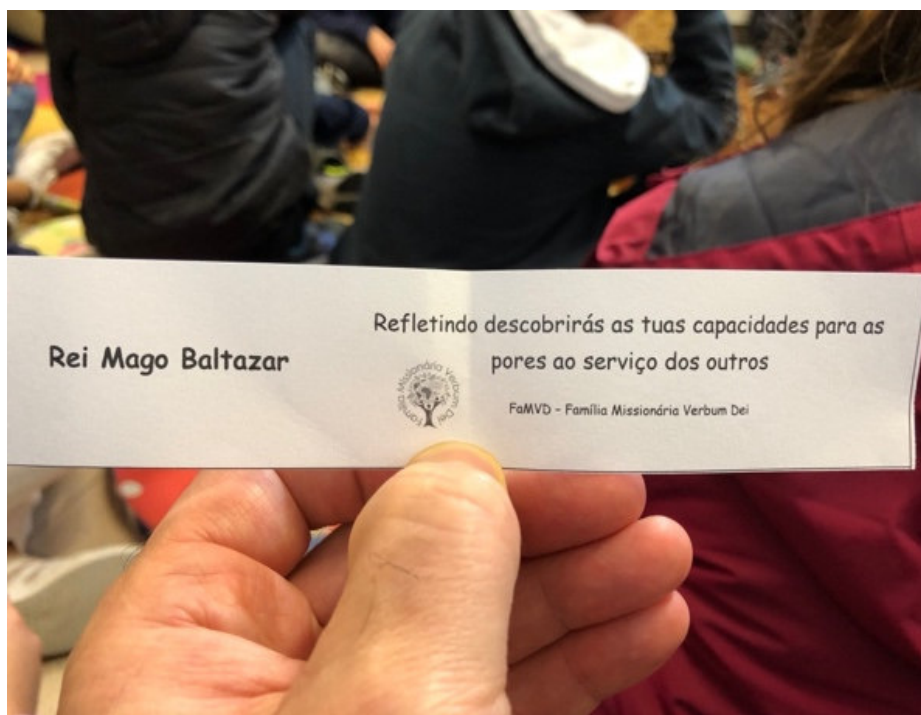


Ilustração 24.2. Mensagem com atitude a cumprir no Natal

Como o Natal é tempo de esperança e serviço, a nova planificação propõe aos alunos, a atividade da venda das velas “100 milhões, durante o intervalo. Esta atividade exige uma entrega de serviço maior por parte do aluno do que simplesmente trazer parte do seu dinheiro para o projeto. E é nesse sentido que caminha a pedagogia do serviço, viver em comunhão especialmente servindo os mais necessitados.

Como na última semana de aulas, normalmente decorrem festas na escola os pais e outros familiares estão presentes e dividir-se-á a turma em grupos, acompanhados por professores da turma irão pelo pátio da escola e outros espaços da mesma. Com a Cáritas seria definido que parte do dinheiro ficaria para o projeto da turma.

UL2 – Aula 4: Materiais propostos

Texto JESUS RECUSA-SE A NASCER NO ANO 2018

É verdade. Soube-se que anda um grande rebuliço no céu... descobriram que Jesus está disposto a não nascer no dia 25 de Dezembro de 2016. Que caos! Anda tudo aflito a tentar saber quais os motivos que O levaram a tomar esta atitude.

Pedro um dos discípulos mais próximos de Jesus, anda a procurá-lo por todo o lado para tentar saber as suas motivações... dá voltas e mais voltas e nada... resolve então ir a casa dele para falar com a Sua mãe. Ela diz-lhe que não sabe de nada, mas, para Ele tomar uma decisão dessas, é porque tem motivos muito fortes, pois ama tanto os Homens!

la Pedro a sair de casa de Maria e dá de caras com Jesus. “Oh Jesus passaste-te da cabeça? Então que história é essa que corre por aí a dizer que Tu, este ano, não queres celebrar o dia do Teu nascimento com os Homens?”

JESUS: É inteiramente verdade. Qual é o problema? Este ano não quero nascer, estou farto de tanta hipocrisia...

Pedro fica espantado e vai caminhando junto de Jesus... ia cheio de pressa, mas Pedro acompanha-O para o tentar demover da sua ideia... afinal de contas tanto Amor pelos Homens e deixa-os logo no dia do Seu aniversário... que estranho!

No caminho encontraram um grupo de pessoas a discutir sobre o assunto... isto já era notícia do dia em todo o céu... eram os donos, já falecidos de alguns centros comerciais mais famosos da Terra: Harrods, Toys’r’us... Dolce Vita, Colombo, Vasco da Gama e outros.

Estes aproveitaram a ocasião e resolveram perguntar a Jesus o porquê de tal decisão: “Oh Jesus, então nós já enchemos todas as nossas lojas de brinquedos e outras coisas bonitas para que as pessoas possam comprar e oferecer umas às outras e tu agora dizes que não queres nascer?? O que vai ser de nós? (\$\$\$\$\$\$\$) e das pessoas??

JESUS: Pois, estão a ver, só me dão razão... é por isso que eu não quero nascer. Então as pessoas passam o ano fingindo que nem se conhecem e agora, só porque se aproxima o meu nascimento, é que se lembram que os outros existem? E vocês, sabem que mais... o que as pessoas querem de presente não é as coisas bonitas e caras que vocês vendem... é basicamente de AMOR! Por isso se as vossas preocupações são essas, eu não vejo motivos para nascer... e sabem que mais? Desse modo, não nasço este ano, nem nos próximos.

Depois desta descasca, Jesus continuou a andar, e Pedro acompanhava-O tentando convencê-Lo que não era bem assim e que Ele devia nascer. Nisto, encontram-se com um grupo de políticos que também falavam do assunto. Arafat, que já tinha falecido e se encontrava no grupo, tomou a iniciativa e interpelou Jesus: “Oh Jesus, então que ideia é essa de não querer nascer este ano? Então não sabes o sofrimento do meu povo que anda em constante luta com os Israelitas e que é precisamente no dia 25 que eles param a guerra para poder passar o dia em paz com as suas famílias?”

JESUS: Oh meu caro amigo, só me dás mais razões para eu não nascer. Então vocês passam o tempo em guerra e aquilo que esperam de mim e um dia de paz por ano? Não brinques, aquilo que eu quero é que vocês VIVAM a paz em cada dia (todos os dias)... não nasço!!! Pedro continuou a caminhar com Jesus, mas desta vez permaneceu muito tempo calado... não sabia que argumentos usar para O fazer mudar de ideias. Pelo caminho foram encontrando muitas pessoas que iam expondo a Jesus os seus motivos...

Jesus ainda não está convencido...

Compete a ti a responsabilidade de O convenceres a nascer este ano...SÊ CONVINCENTE, O “MUNDO” DEPENDE DE TI!!

- ☐ Quais são as razões que dás a Jesus para convencê-lo a vir e a estar presente no mundo?
- ☐ Que diferença faz na tua vida que Jesus tenha nascido?
- ☐ Como é que queres viver este Advento/Natal e proporcionar que outros o vivam?

(Autoria - Equipa Leigos da Verbum Dei)

Mensagens personagens do presépio

<p>Manjedoura Neste Natal aceitarás todas as pessoas, mesmo aquelas que aches menos simpáticas.</p> <p>FaMVD – Família Missionária Verbum Dei </p>
<p>Gruta Neste Natal, o teu coração será o lugar por onde os outros passam para chegar junto do Menino Jesus</p> <p>FaMVD – Família Missionária Verbum Dei </p>
<p>Rei Mago Baltazar Refletindo descobrirás as tuas capacidades para as pões ao serviço dos outros.</p> <p>FaMVD – Família Missionária Verbum Dei </p>
<p>Burrinho Neste Natal permanecerás sempre junto de Jesus.</p> <p>FaMVD – Família Missionária Verbum Dei </p>
<p>Anjos Anunciadores Anunciarás com a tua presença que Jesus vive no meio de nós.</p> <p>FaMVD – Família Missionária Verbum Dei </p>
<p>S. José Como S. José darás uma colaboração pronta e amiga.</p> <p>FaMVD – Família Missionária Verbum Dei </p>
<p>Estrela Serás a luz de Jesus a indicar o caminho que leva à fraternidade</p> <p>FaMVD – Família Missionária Verbum Dei </p>
<p>Ovelhinha Darás a todos, neste Natal, a ternura do teu coração.</p> <p>FaMVD – Família Missionária Verbum Dei </p>
<p>Vaquinha Neste Natal darás a todos o calor da tua amizade.</p> <p>FaMVD – Família Missionária Verbum Dei </p>
<p>Rei Mago Gaspar Estarás atento a todos, indo ao encontro daqueles que precisam da tua ajuda.</p> <p>FaMVD – Família Missionária Verbum Dei </p>
<p>Palhinhas Pela tua delicadeza serás, neste Natal, um lugar de encontro feliz.</p> <p>FaMVD – Família Missionária Verbum Dei </p>
<p>Pastores Jesus quer que, neste Natal, acendas uma estrela no coração de cada pessoa</p> <p>FaMVD – Família Missionária Verbum Dei </p>
<p>Nossa Senhora Como Nossa Senhora, farás nascer Jesus onde quer que te encontres.</p> <p>FaMVD – Família Missionária Verbum Dei </p>
<p>Rei Mago Belchior Terás a generosidade de não hesitar perante um pedido de ajuda.</p> <p>FaMVD – Família Missionária Verbum Dei </p>

e) Proposta de Planificação e Lecionação da Aula 5, UL 2

5º Ano

Unidade Letiva 2: Advento e o Natal

Aula nº5

Lição nº14

Sumário: Advento e Natal – consolidação dos conteúdos lecionados. Jesus, Deus conosco na história.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	RECURSOS	AVLIAÇÃO FORMATIVA
G. Identificar os valores evangélicos.	6. Conhecer a situação histórica do Nascimento de Jesus.	<p>Jesus, o Salvador; Emanuel, Deus conosco na história.</p> <p>Jesus encarna numa realidade histórica:</p> <p>Jo 1,1-4.14.</p>	Acolhimento e sumário.	5m	<p>Quadro</p> <p>Projetor</p> <p>PowerPoint</p> <p>Caixa com perguntas</p> <p>Árvore de Natal;</p> <p>Livro dos símbolos</p> <p>Texto Bíblico: Jo 1,1-18.</p> <p>Símbolo porta chaves: porta.</p> <p>Pote: Desafiate;</p> <p>folhas de papel.</p>	<p>Observação direta dos alunos:</p> <p>- Capacidade e de compreensão e interpretação</p> <p>- Qualidade de participação</p> <p>- Desempenho de tarefas</p> <p>- Atenção</p>
			<p>Revisão e Consolidação de conhecimentos:</p> <p>- Caixa de perguntas;</p> <p>- Observação dos símbolos do Advento/Natal estudados;</p> <p>- Exploração/registo no livro dos símbolos.</p>	20m		
			<p>Jesus, Deus conosco na história:</p> <p>- <i>Análise do texto bíblico: Jo 1, 1-4.14.</i></p> <p>- <i>Esquematização</i></p>	10m		
			<p><i>Organização das próximas tarefas para o apadrinhamento</i></p> <p>;</p> <p>Entrega e exploração do símbolo da aula;</p> <p>Elaboração da Síntese</p> <p>Desafio para 2019</p>	10m		
Síntese: Jesus, Verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, veio para entrar e ficar em nossa casa.						

Quadro 13- Proposta de Planificação e Lecionação da aula número cinco da unidade 2

A proposta de planificação para a aula número cinco com uma grande parte da mesma ser dedicada à revisão de conteúdos, deve-se ao facto de nesta altura, início do segundo período, metade dos conteúdos já foram lecionados; e a interrupção letiva poderá quebrar o ritmo dos alunos. Nesse sentido, as atividades de revisão de conteúdos são também um auxílio para o aluno se situar em que parte da unidade letiva se vai centrar.

No contexto da PES foi notório que os alunos estavam esquecidos, e confusos sobre que unidade iria ser lecionada visto que para eles o Natal já tinha terminado com a interrupção letiva. Logo, foi essencial a aplicação desta estratégia na turma, através da atividade/dinâmica “Caixa de perguntas”.

A docente explicará antecipadamente, como se realizará a dinâmica, e só depois de compreendidas as instruções, os alunos em grupos de dois, retirarão da caixa um cartão com uma pergunta sobre a matéria. Não poderão ler a questão até todos os pares terem o seu cartão. A finalidade desta instrução será a consciencialização dos alunos para o sentido positivo da espera, do “saber esperar”. Na verdade, nestas idades é difícil a espera, e isso notou-se na turma da PES, alguns alunos sentiram mais dificuldade e quase abriram o seu envelope antecipadamente. No entanto, a docente foi conversando com os alunos e motivando-os para a importância do saber esperar.

A estratégia continua com a abertura dos envelopes, leitura da pergunta que contém o cartão, e em dois minutos o grupo terá de dialogar sobre a mesma e pensar em qual será a resposta, para depois, com ordem, cada um a apresentar à turma. Durante esse período, a professora anota as atitudes dos alunos na realização da tarefa e se conseguem obter a resposta correta.

A dinâmica da caixa das perguntas pode ter uma duração superior ao planificado dependendo da rapidez dos alunos em responder. Nessa situação a melhor estratégia é a reorganização da leitura do texto bíblico sobre Jesus, “Deus connosco na história” [Jo 1,1-4.14]. Aí poderá pedir-se aos alunos que sublinhem as palavras mais importantes, enquanto outro for

lendo o texto. No quadro, a docente escreverá algumas dessas palavras, e a partir das mesmas, explicará breve e oralmente a leitura.

Esta adaptação da estratégia foi muito benéfica, já que o sublinhar das ideias principais permite no fim da leitura, focar a centralidade do texto. E para uma possível melhor compreensão do conteúdo, no início da próxima aula, começar-se-á por uma revisão do texto.

A entrega do símbolo ser feita antes dos alunos sugerirem a síntese, facilita a compreensão da mesma, visto que no símbolo transparece o seu significado e a associação imediata à síntese: Jesus é a nossa porta para Deus³⁰⁰. O símbolo será uma casa com uma porta e do outro lado estará a imagem de Jesus a bater à porta.



Ilustração 5.1. Símbolo da aula

³⁰⁰ Ver Ilustração 5.1. e proposta de planificação.

Como nessa altura, se está a iniciar um novo ano civil, será explicado no final da aula ao delegado e subdelegado (a) de turma, que por sua vez terão de explicar aos colegas, a atividade do Pote “Desafia-te”. Consiste em convidar os alunos a escreverem uma mensagem sobre um acontecimento importante que lhes tenha acontecido, durante a semana e a coloque no pote. O objetivo é incentivar os alunos a expressar as suas emoções mediante o que lhe acontece na vida.

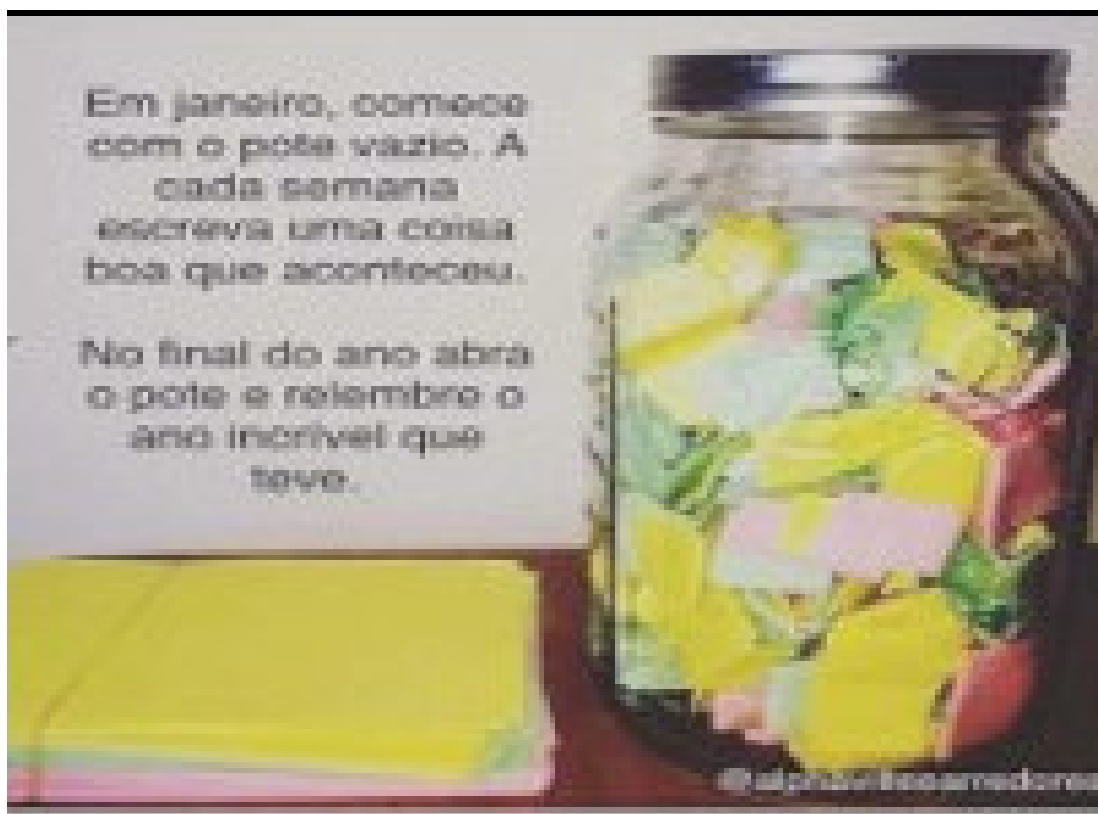


Ilustração 5.2. Atividade Pote "Desafia-te"

A este plano de aula acrescentaria a fotocópia com o esquema do texto bíblico para os alunos colarem no caderno, caso a dinâmica da “caixa das perguntas”, se estendesse por mais tempo.

Por fim, é também importante no fim de cada aula, através dos alunos que ficam na sala, ou do delegado ou subdelegado da turma ir lançando mais sugestões para a angariação de fundos para o projeto de apadrinhamento. Pois como são crianças muito curiosas, facilmente se comprometem, em debater e apresentar ideias, em interdisciplinaridade com a aula de Cidadania. Isto porque o tempo da disciplina é pouco para tanto que se pode dar, receber, e fazer com os alunos.

UL 2- Aula 5: Materiais propostos

10. Quais são os elementos da Coroa do Advento?



11. O que significa o fio vermelho que colocamos na nossa coroa?



12. Qual é o significado da coroa do Advento?



Coroa do Advento:

1. forma circular significa que o amor de Deus é eterno.
2. Os ramos significam que Deus nos dá a vida.
3. E as velas representam os 4 domingos do Advento, a cor roxa significa reflexão. A vela tem como simbologia Jesus é a nossa luz.

13. Quais as figuras do Advento que falamos na aula?



João Baptista e Maria

Figuras perfeitas do Advento pois **confiaram** e aceitaram a sua missão com **esperança**, de anunciar a vinda de Jesus.



Ilustração 5.3. Questões Caixa das perguntas

f) Proposta de Planificação e Lecionação da Aula 6, UL 2

5º Ano

Unidade Letiva 2: Advento e o Natal

Aula nº6

Lição nº15

Sumário: Situação histórica da Palestina no tempo de Jesus, num marco na história.

META S	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
G. Identificar os valores evangélicos	6. Conhecer a situação histórica do Nascimento de Jesus.	A Palestina do tempo de Jesus: situação geográfica, política e social.	Acolhimento e sumário.	5m	Quadro Projetor Pote “Desafia-te”; Folhas de papel coloridas; Livro dos símbolos; PowerPoint Mapa do mundo, Palestina e de Portugal Vídeo: Mensagens do Príncipezinho Mensagens de Jesus/Príncipezinho; Símbolo porta chaves: moldura com foto do aluno.	Observação direta dos alunos: - Capacidade de compreensão e interpretação - Qualidade de participação - Desempenho de tarefas - Atenção
			Consolidação de conhecimento: - Atividade “Desafia-te”! - Explicação do T.P.C: colagem do significado dos símbolos no livro dos símbolos;	5m		
			Situação histórica – A Palestina no tempo de Jesus: - <i>Exploração do PowerPoint: Viagem à Palestina no tempo de Jesus; (Retirava)</i> - Observação do mapa da Palestina; - Comparação entre a Palestina de Jesus e o mundo de hoje; Jesus, um marco na história: - <i>Atualidade do Nascimento de Jesus: alusão ao símbolo da aula anterior;</i> - <i>Atualidade da mensagem de Jesus: relação com a obra do Príncipezinho. (começar pela visualização do vídeo sobre as mensagens do Príncipezinho)</i>	10m		
			Entrega do símbolo da aula; Elaboração da Síntese	10m		
				20m		
				5m		
Síntese: Em mim, Jesus nascerá sempre que praticar a sua mensagem.						

Quadro 14- Proposta de Planificação e Lecionação da aula número 6 da Unidade Letiva 2

No âmbito da aula número seis, a proposta pedagógica está organizada em redor da contextualização da pessoa de Jesus no seu tempo relativamente organização geográfica, política, social e religiosa, em relação ao tempo atual. Atendendo que o objetivo principal será estabelecer o reconhecimento por parte dos alunos de que Jesus está presente na história desde o passado, presente ao futuro. Ele é um marco incontornável na História da Humanidade: «Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.»³⁰¹

Os alunos desta faixa etária normalmente têm maior dificuldade em compreender factos históricos de um tempo que não é o deles. Para superar esta situação, a solução encontrada será a elaboração de um recurso lúdico e atrativo para facilitar a transmissão e essencialmente a apreensão dos conhecimentos pelos alunos. O material a elaborar será um mapa com os países de Portugal e da Palestina, desenhado em papel de cenário, onde os discentes colocarão as palavras chave referentes às diferenças e às semelhanças entre Palestina e Portugal, no tempo de Jesus e no tempo de hoje.

Relativamente à lecionação, esta iniciar-se-á, como habitualmente, pela revisão da aula anterior. Primeiro, será abordada a atividade “Desafia-te” e confirmar se já existem mensagens dentro do pote. Na turma da PES, quando se aplicou esta estratégia, ao fim de uma semana, dentro do pote, já estavam alguns papéis coloridos com acontecimentos importantes vividos pelos alunos, e após a leitura dos mesmos verificou-se que algumas delas, os alunos referiam os seus sentimentos. Pois para deixar os alunos mais à vontade sobre o que querem escrever, é importante zelar pelo anonimato dos alunos, e só a docente poderá ler as mensagens.

Esta atividade adequa-se perfeitamente à unidade pois o Natal deve ser um período de renascimento, civilmente se inicia um novo ano, um novo tempo para se refletir sobre o que é importante para o ser humano, como lidar com os acontecimentos da vida: alegrias e frustrações.

Numa geração que vive no mundo do “gelo” é cada vez mais urgente criar momentos para

³⁰¹ Secretariado Nacional da Educação Cristã, «Conta Comigo - Manual de EMRC do 5º ano», 55.

pensar e expressar sentimentos, facto este que é cada vez menos visível nas crianças, e a EMRC pode e deve contribuir para a inversão da frieza em que se vive.

Na nova planificação será incluída uma tarefa diferente para o pote: a escrita de uma mensagem, por aluno, para o afilhado que será apresentado nesta aula. Escrevendo-lhe sobre o seu país, sobre a escola... e assim permitir que através da comparação entre as realidades, os alunos se sensibilizem em serem, cada vez mais, melhores e maiores fontes de esperança.



Ilustração 6.1. Pote com as mensagens para o afilhado Paihama

Como o livro dos símbolos será um dos recursos “resumo” da simbologia da unidade letiva, deverá ser completo com a colagem de todos os símbolos e significados. Por isso, a docente alertará que esse trabalho deverá ser feito em casa. Pois, na aula anterior apercebeu-se que seria difícil realizar esta tarefa de colagem sempre em contexto de aula.

Como os alunos são informados de que o livro será instrumento de avaliação e com o intuito de os alunos não perderem os papeis com o símbolo e significado, procede à entrega, a cada aluno de um envelope com os símbolos que seria aberto em casa, para não perderem os símbolos,

Contudo, na turma da PES, esta estratégia gerou surpresa na docente, porque quando os alunos receberam os envelopes e movidos pela grande curiosidade começaram a abri-los na aula, movidos pela vontade de ver o que lá estava. Por isso, a mesma surge na nova planificação, já que o fator surpresa nos alunos, é muito importante para o florescer do seu interesse pela disciplina.

Depois, a lecionação seguirá com a explicação do mapa e das relações entre os tempos de Jesus e o tempo atual, aqui após o diálogo sobre esta relação, os alunos irão colocar no mapa as palavras que a resumem.

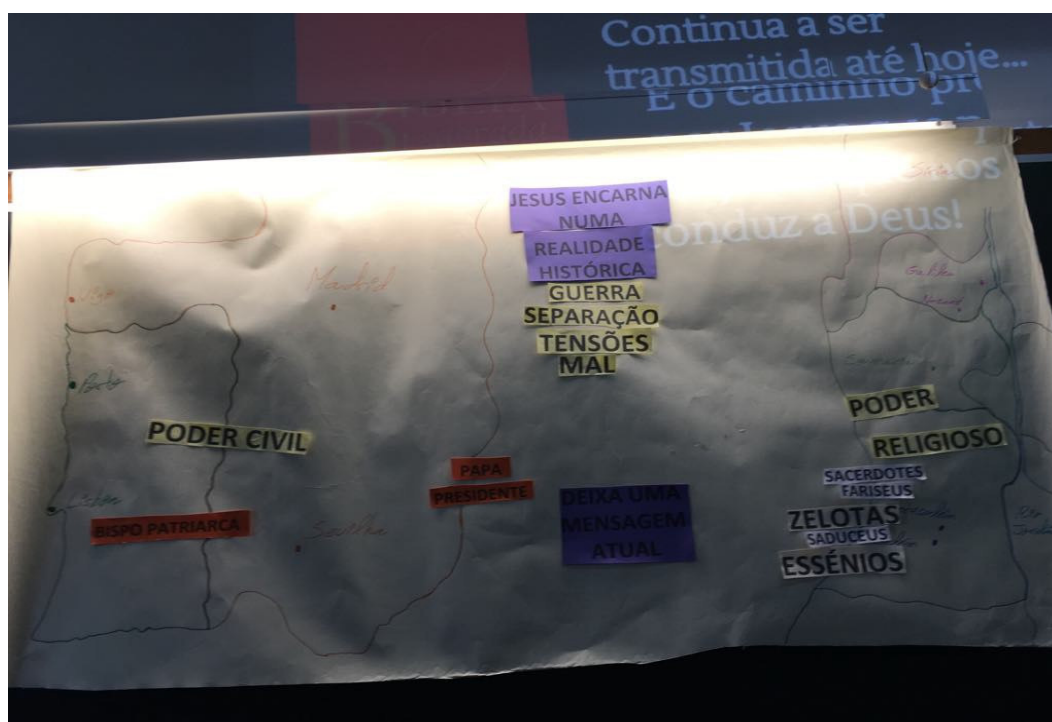


Ilustração 6.2. Mapa relação do tempo de Jesus e o atual

A exploração do conteúdo “Jesus um marco na história” poderá ser alterado, em função da experiência vivida na PES, por uma questão de gestão de tempo. Abdicar-se-á da utilização do PowerPoint para explicar o conteúdo “Jesus um marco na história” e usar-se-á apenas a explicação através do mapa.

De seguida, sobre o conteúdo “Atualidade da Mensagem de Jesus” serão exibidas uma seleção de mensagens das duas obras em papel colorido, distribuídas aos alunos. O objetivo é

que eles sejam capazes de anexar as mensagens comuns pelas cores. Por exemplo, existirão duas folhas verdes, uma com a mensagem de Jesus e outra com a mensagem do Príncipezinho, ambas com significado semelhante. Convida-se os alunos à leitura das frases e à partilha oral da palavra chave de cada texto.

É de salientar que na turma da PES esta parte foi menos fácil para os alunos porque apesar de já terem lido o Príncipezinho, uma parte da turma teve dificuldades, não conseguiram interpretar a narrativa. Na verdade, para esta faixa etária, ainda é difícil interpretar textos com uma mensagem, um quanto invisível, escondida por detrás das palavras, mas também cabe ao docente procurar estratégias mais simples, e alterar a planificação. É nesse sentido que a apresentação de uma nova proposta pedagógica se torna essencial.

No entanto, o motivo da escolha da obra do Príncipezinho, primeiro foi por ser uma narrativa conhecida pelos alunos, depois, porque a sua projeção no mundo é semelhante à da Bíblia [no número de livros vendidos e pela quantidade de traduções efetuadas]. Mas essencialmente, pela atualidade da sua mensagem, já que ambas referem os mesmos valores. Um deles é a esperança, conceito essencial desta unidade. Logo, será mais fácil para o aluno reconhecer a atualidade da mensagem de Jesus se a encontrar noutras obras, do seu tempo.



Ilustração 6.3. Relação mensagem de Jesus e do Príncipezinho

Assim, nesta nova proposta de planificação, as estratégias definidas para o conteúdo “A Palestina no tempo de Jesus – situação geográfica” foram readaptadas. Não será necessário utilizar o *PowerPoint* e começar-se-á a leção do conteúdo diretamente pelo mapa e pelas palavras chave, porque este contem a informação necessária para se trabalhar o conteúdo. E antes da estratégia de comparação das mensagens, começar-se-á pela visualização do vídeo com as mensagens do Príncipezinho e na aula seguinte será feita a reflexão, com as palavras chave dos textos e sua relação.



Ilustração 6.4. Excerto 1 do vídeo sobre a obra do "Príncipezinho"



Ilustração 6.5. Excerto 2 do vídeo sobre a obra do "Príncipezinho".

Como a aula é de curta duração e de periodicidade semanal, com conteúdos novos todas as semanas, e estando a aplicar a pedagogia do serviço, nem sempre é fácil esta gestão. Para além disso, só na aula saberemos como os alunos reagem às estratégias, com mais ou menos dificuldade. Cabe ao professor adaptar as estratégias e através do diálogo auxiliar os alunos.

UL 2 – Aula 6: Materiais propostos



Ilustração 6.6. Símbolo da aula

g) Proposta para a Planificação e Lecionação da Aula 7, UL 2

5º Ano

Unidade Letiva 2: Advento e o Natal

Aula nº7

Lição nº16

Sumário: Atualidade da mensagem de Jesus. A esperança cristã.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	RECURSOS	AValiação formativa
<p>P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>	<p>7. Promover o valor da esperança na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus</p>	<p>Jesus veio para nos salvar: o significado da esperança cristã.</p> <p>A construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com o projeto de Jesus.</p>	Acolhimento e sumário.	5m	<p>Quadro</p> <p>Projetor</p> <p>PowerPoint</p> <p>Vídeo: mensagens do Príncipezinho</p> <p>Mensagens de Jesus/Príncipezinho</p> <p>Envelopes;</p> <p>Vídeo: A pequena vendedora de fósforos</p> <p>Símbolo porta-chaves: caixa de fósforos.</p>	<p>Observação direta dos alunos:</p> <p>- Capacidade de compreensão e interpretação</p> <p>- Qualidade de participação</p> <p>- Desempenho de tarefas</p> <p>- Atenção</p>
			<p>Articulação com a aula anterior - atualidade da mensagem de Jesus:</p> <p>- Recolha do livro dos símbolos para avaliação;</p> <p>- Relação entre mensagem de Jesus e da obra do Príncipezinho;</p> <p>- Revisão da síntese;</p>	10m		
			<p>A esperança cristã:</p> <p>- Visualização do vídeo sobre a história “A pequena vencedora de fósforos”;</p> <p>- Análise da história destacando a importância da esperança cristã;</p> <p>Ser esperança contribui para uma sociedade melhor:</p> <p>- <i>Apresentação do projeto apadrinhamento de crianças Melika Huila (às outras turmas 5º ano)</i></p>	15m		
			Entrega do símbolo da aula;	15m		
			Elaboração da Síntese			
				5m		
<p>Síntese: A esperança é a chama que o Natal acende em nós através de Jesus.</p>						

A primeira preocupação desta proposta pedagógica é definir uma dinâmica a construir que seja transversal a todas as estratégias que se pretende definir para esta aula, de forma a diversificar e a permitir a continuidade da participação ativa de todos os alunos, assim surge a estratégia dos envelopes. Como na turma PES foi grande a curiosidade, por abrir envelopes, se irá experimentar a utilização deste recurso, na presente planificação. Todas as tarefas a desempenhar na sala, desde a recolha dos livros dos símbolos à síntese estarão em cartões fechadas nos envelopes, e todos os alunos receberão um envelope, ou seja, uma tarefa a desempenhar na aula.

Tendo em conta que esta será a penúltima aula da unidade letiva “Advento e Natal” é importante perceber se os alunos concretizaram todas as tarefas solicitadas no livro dos símbolos. Este recurso é muito útil para a avaliação formativa, através do mesmo, é constatável o desempenho de cada aluno. No entanto, se nem todos os alunos trouxeram o seu livro, apesar de terem sido alertados para isso, ser-lhes-á dada uma segunda oportunidade de entrega, na última aula da unidade.

De acordo com a reflexão da docente sobre a lecionação da aula seis, entendeu ser muito importante, propor nesta planificação, a revisão da atividade de comparação entre a mensagem de Jesus e a de Saint Exupéry, autor do Príncipezinho. Nem todos os alunos, podem ainda não ter entendido que a mensagem de Jesus também permanece, hoje, através das obras de vários autores, porque todos partilham a mesma mensagem.

Então, proceder-se-á à leitura de cada mensagem de forma emparelhada, um aluno lê a mensagem de Jesus e o outro depois lê a do Príncipezinho, e a turma será questionada sobre quais são as ideias comuns entre os textos. Por fim, eles colarão na parede da sala, todas as mensagens e o seu significado. O objetivo é que estas mensagens se tornem num símbolo com significado expresso pela linguagem, convidando quem as observa à sua compreensão e à sua interiorização. Para facilitar este objetivo, as mesmas deverão ser coladas na parede mais próxima da porta para ficarem mais visíveis aos alunos.

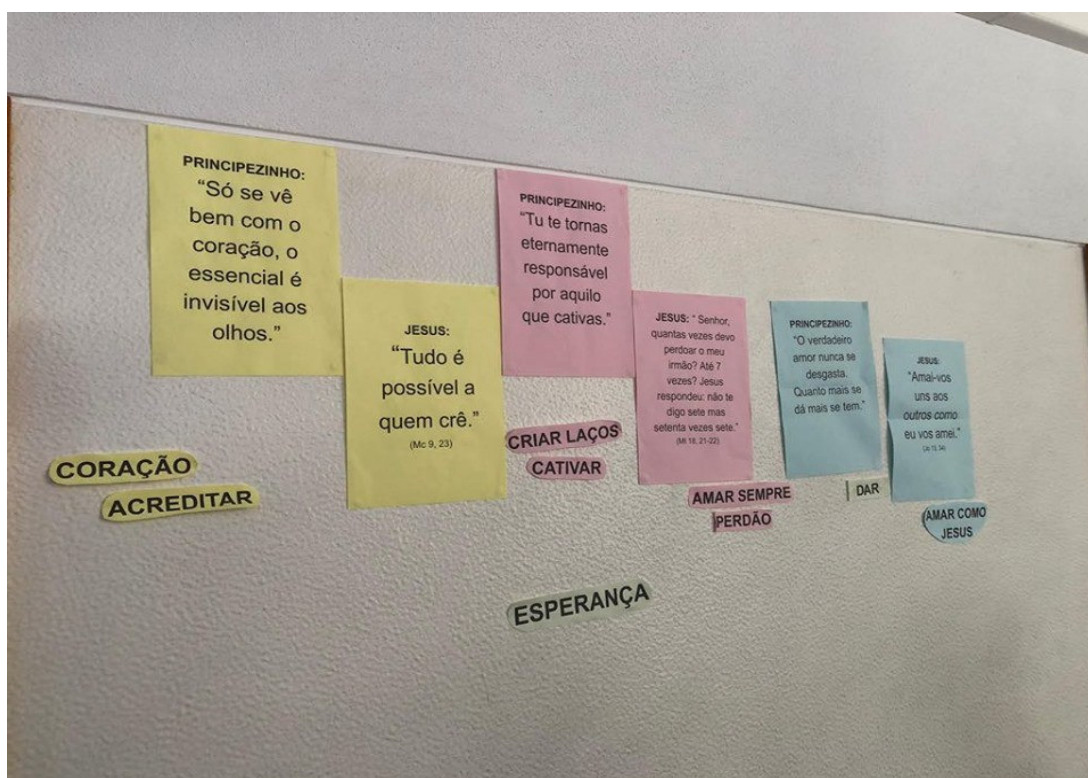


Ilustração 7.1. Mensagens de Jesus vs do Príncipezinho



Ilustração 7.2. Mensagens coladas junto ao corredor de passagem dos alunos para melhor observação

Esta estratégia servirá de introdução aos conteúdos programáticos da aula sete, os quais se baseiam na esperança cristã e em ser-se esperança para os outros. O conceito esperança começa por ser interpretado como o ato/tempo de espera (Advento) e após o Natal, o conceito é aprofundado como meio de salvação para a humanidade, forma de se ser esperança no mundo e de ajudar o próximo.

Na prática da PES, seguindo a estrutura programática da unidade, a pedagogia do serviço aparece diretamente associada, apenas aos conteúdos destas duas aulas, as últimas da unidade. No entanto, com o trabalho que foi possível desenvolver e com o grande empenho dos alunos nestas aulas direcionadas para o serviço, decidiu-se que faria todo o sentido esta pedagogia estar contemplada na proposta de lecionação de toda a unidade letiva “Advento e Natal”. Ou seja, trata-se de ampliar o que foi feito nestas duas últimas aulas, a toda a unidade.

Daí que algumas das estratégias que surgem nesta na nova proposta pedagógica, nas primeiras aulas apenas foram desenvolvidas de forma breve nas últimas aulas da PES. Atendendo a esse facto, no plano de aula sete e oito incluir-se-á outras atividades no âmbito da pedagogia do serviço.

Dentro do que foi planeado para a presente aula, deve-se salientar que introduzir o estudo da esperança a partir da história da pequena vendedora de fósforos, com a projeção do vídeo é muito interessante e cativante para a turma. No momento da exploração, os alunos que terão questões no envelope sobre a história tentarão responder acertadamente, com a ajuda da turma.

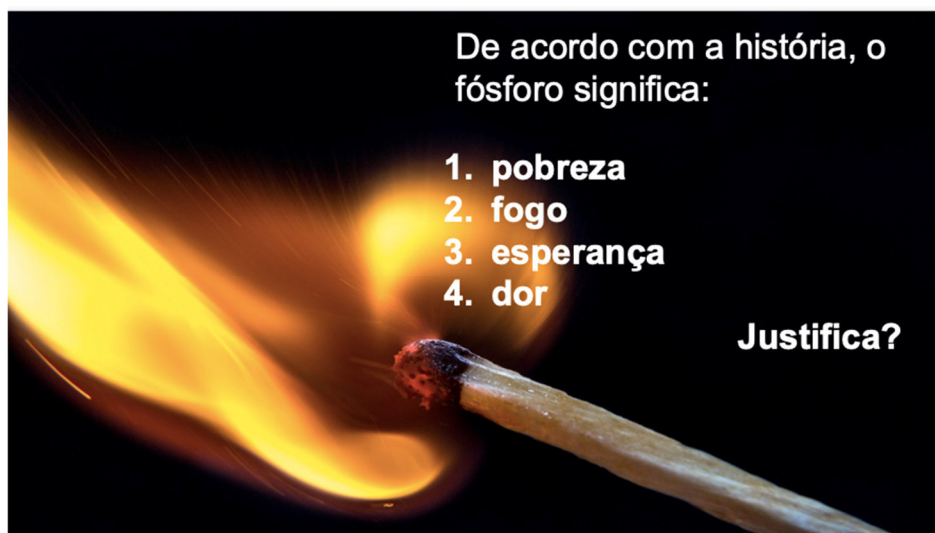


Ilustração 7.3. Questão 1 sobre história da vendedora de fósforos

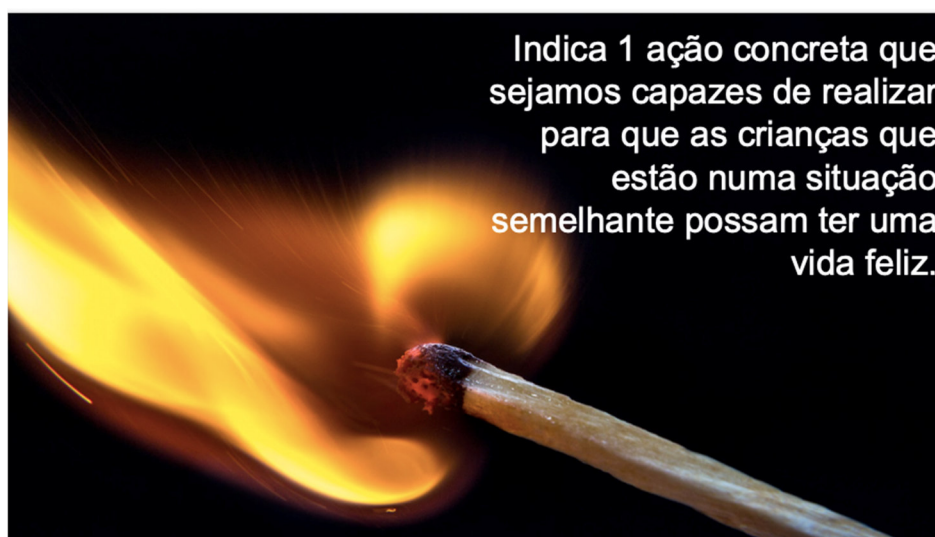


Ilustração 7.4. Questão 2

Nesta aula, a estratégia sobre o projeto que será aplicada, tendo em conta que o começo da pedagogia do serviço foi no início da unidade será a ida em grupos de 4 a 5 alunos acompanhados pelos professores da turma que estejam disponíveis, às restantes salas de aula do quinto ano, apresentar o projeto e sensibilizar os colegas para a sua participação no projeto de apadrinhamento.

Para que se torne cada vez mais visível no objeto elaborado para símbolo da aula, a sua própria mensagem que contribuirá para a elaboração da síntese, constata-se que os mesmos

serão cada vez mais adequados, criativos e personalizados, facilitando o acesso dos alunos à linguagem simbólica.

Caixa de fósforos:

**A esperança é a
chama dos cristãos.
É a marca que os
identifica.**



Ilustração 7.6. Símbolo da aula - caixa de fósforos

h) Proposta de Planificação e Lecionação da Aula 8, UL 2

5º Ano

Unidade Letiva 2: Advento e o Natal

Aula nº8

Lição nº17

Sumário: A esperança cristã, o caminho para a construção de uma sociedade mais justa.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	RECURSOS	AValiação FORMATIVA
<p>P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>	<p>7. Promover o valor da esperança na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus.</p>	<p>Jesus veio para nos salvar: o significado da esperança cristã.</p> <p>A construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com o projeto de Jesus.</p>	Acolhimento e sumário.	5m	<p>Quadro</p> <p>Projetor</p> <p>Papel Cenário</p> <p>Fita Vermelha</p> <p>PowerPoint</p> <p>Dinâmica “Ser Esperança”</p> <p>Símbolo porta chaves: cruz com pegada</p>	<p>Observação direta dos alunos:</p> <p>- Capacidade de compreensão e interpretação</p> <p>- Qualidade de participação</p> <p>- Desempenho de tarefas (livro dos símbolos)</p> <p>Atenção</p>
			<p>Articulação com a aula anterior:</p> <p>. Feedback da avaliação da atividade: Livro dos Símbolos;</p> <p>. Revisão da síntese;</p>	10 m		
			<p>A esperança cristã, do Natal á Páscoa (Dinâmica “Ser Esperança”):</p> <p>. Entender o valor da esperança cristã a partir do Advento, Natal e da Páscoa;</p> <p>. Jesus, o exemplo de como ser esperança, na construção de uma sociedade melhor;</p> <p>Construção de uma sociedade de acordo com o projeto de Jesus (ser esperança):</p> <p>- <i>Interação com os colegas das outras turmas do 5 ano na realização de uma atitude de esperança</i></p>	20m		
				10 m		
				5m		
<p>Síntese: Cristo é aquele que se entrega ao próximo.</p>						

Quadro 15- Proposta de Planificação e Lecionação da aula número oito da unidade letiva 2

Esta será a última aula proposta para a unidade letiva, tendo em conta a calendarização anual e a distribuição das unidades letivas pelos três períodos. Como a linguagem simbólica é o principal instrumento facilitador da aprendizagem. Nesta aula, será extremamente importante, existir uma atividade conclusiva, que remeta os alunos para a sua finalidade enquanto pessoas,

que sejam capazes de «promover o valor da esperança na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus.»³⁰²

No entanto, como vivemos uma sociedade onde o Natal é cada vez mais uma festa do consumo excessivo, e pelo facto de que não é só no Natal se deve ser esperança, mas durante todo o ano. Então, optar-se-á pela aplicação da dinâmica “Ser Esperança” com o intuito de conduzir os alunos à interpretação da esperança, com recurso à Antropologia e à Teologia.

A esperança cristã renova-se ciclicamente segundo o ano litúrgico: Advento, Natal, Quaresma e Páscoa. O recurso criado para a dinâmica será uma cruz desenhada em papel de cenário e delimitada pelo fio vermelho que fora utilizado na história “Eu espero” significando vida. A cruz é o símbolo dos cristãos não pela imagem de dor e de escuridão que pode fazer lembrar, mas o mais importante é porque foi nela que a vida venceu a morte. No período entre estes dois momentos marcantes da vida cristã, existe o tempo de parar e pensar, o Advento e a Quaresma. Esta dinâmica quer convidar o aluno a seguir este caminho de renovação para que possam ser esperança para os outros todos os dias, estar sempre ao serviço dos mais necessitados.

A aula iniciar-se-á como habitual pela articulação com a aula anterior a partir do símbolo. A docente questionará os alunos se das restantes turmas, alguma já terá demonstrado disponibilidade para apadrinhar uma criança. Na turma da PES, a resposta foi muito positiva, a turma A do quinto ano apadrinhou uma criança e a turma D do quarto ano apadrinhou duas crianças.

Por conseguinte, haverá um diálogo com a turma sobre a forma como será feita a avaliação do livro dos símbolos e recolher-se-á os que faltar entregar. Depois, terá lugar a dinâmica planificada “Ser Esperança”, em que os alunos se sentarão na parte da frente da sala em círculo, à volta da cruz, e ser-lhes-ão apresentadas um conjunto de palavras e de imagens. As quais terão de dispor na cruz de forma lógica e justificando o seu pensamento. Para melhor

³⁰² Secretariado Nacional da Educação Cristã, «Conta Comigo - Manual de EMRC do 5º ano» 56.

compreensão da atividade, a docente dará o exemplo ao colocar num braço da cruz a palavra Advento e escolhendo a imagem que entenda ser mais adequada à palavra explicando o motivo da sua escolha. Logo de seguida, os alunos continuarão a atividade, sob a observação e o diálogo entre a turma a docente.

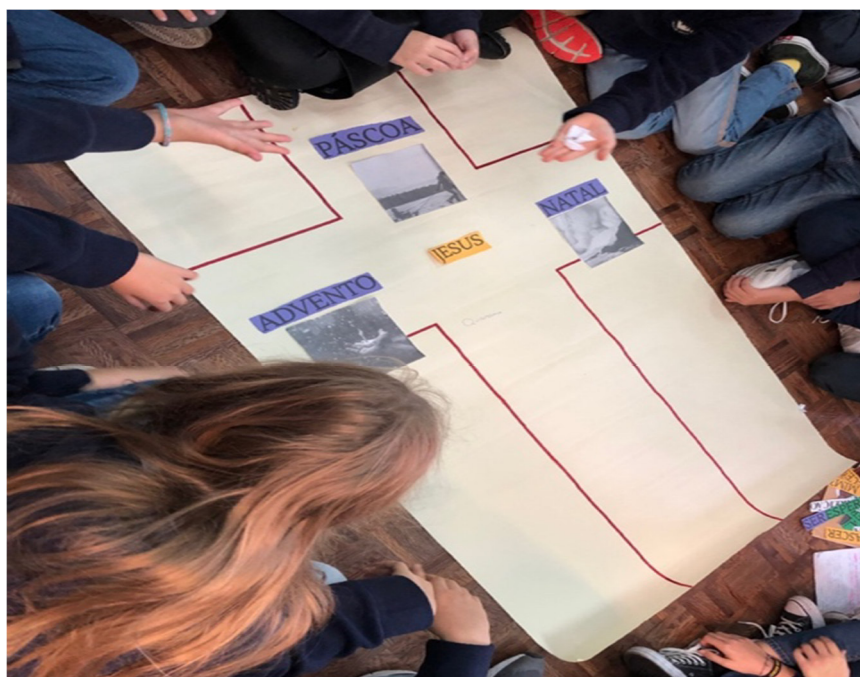


Ilustração 8.1. Início da Dinâmica "Ser Esperança".



Ilustração 8.2. Elaboração da dinâmica "Ser Esperança".

No fim, pretende-se que todos os alunos fortifiquem o que é ser esperança no mundo, a partir das celebrações cristãs, sedimentadas na pessoa de Cristo.

Como será a última aula não poderá terminar sem uma atitude de serviço ao outro. Todos os alunos irão convidar um colega de outra turma do quinto ano e combinar uma atitude de esperança a ter nessa semana. Pois se a dinâmica da aula, salientou que Jesus entregou a sua vida ao serviço aos outros, até com a sua morte, então as pessoas são chamadas pelo mesmo amor a ter atitudes de entrega ao outro.

UL 2- Aula 8: Materiais propostos



Cruz com pegadas: entregarmo-nos à cruz, a partir da qual Cristo nos convida a seguir o seu exemplo. Simboliza o nosso renascimento sempre que fizermos o bem, ganhamos uma nova vida, tal como Jesus nos ensina com a sua Morte e Ressurreição

Ilustração 8.3. Símbolo da aula e seu significado.

4.3. Reflexão sobre a proposta pedagógica

«A finalidade desta proposta é flexibilizar as estruturas intelectuais dos/as alunos/as na entrada de um novo ciclo de estudos [5ºano], abrindo-os a leituras problematizadoras da realidade.»

Fernanda Henriques³⁰³

A introdução da simbologia como recurso à lecionação da unidade letiva “Advento e Natal” superou largamente as expectativas da docente e consistiu numa novidade para os alunos. No âmbito da PES, entusiasmo, a adesão dos alunos a todas as tarefas, e a maior facilidade com que atingiram os conhecimentos com o recurso à simbologia e a recursos atrativos ficou bem visível. Por isso, esta nova proposta pedagógica valoriza a educação para o simbólico, apresentando no seu conteúdo a maioria dos símbolos utilizados nas planificações da Prática de Ensino Supervisionada, procurando aprofundar o seu significado.

Esta proposta de planificação e de lecionação da unidade letiva “Advento e Natal” anexou as estratégias mais positivas e com maior impacto nos alunos da turma PES, adaptando a partir dos pequenos lapsos e dificuldades sentidas, como foi a gestão do tempo de aula. Pelo facto de ter “em mãos” uma unidade alicerçada em muitos símbolos, não é fácil gerir os cinquenta minutos semanais. Também, é de salientar que nesta proposta se deu grande destaque à pedagogia do serviço, como estratégia transversal a toda a unidade letiva, pois se considera que através do serviço ao outro, os alunos poderão entender e sentir em si, o que é ser esperança no mundo.

Salienta-se que o estudo da esperança e da dimensão simbólica realizada nos capítulos dois e três, respetivamente foram o grande motor para a execução desta proposta pedagógica.

No entanto, com esta ainda não foi colocada em prática aguardar-se-á por esse momento para uma nova reflexão sobre a mesma, conforme o feedback obtido em cada aula.

³⁰³ Fernanda Henriques, *Igualdades e Diferenças – Propostas pedagógicas* (Porto: Porto Editora, 1994), 94

Conclusão

**«É a vós, queridos educadores, a quem eu
convido de modo urgente e renovado a virar o rosto
para a “menina esperança”, para essa pequena
virtude»**

A análise teológica à unidade letiva “Advento e Natal” surge como caminho de interpretação e vivência da fé enquanto dom recorrendo ao simbólico e que se constitui num importante recurso para a prática pedagógica. Assim, as dinâmicas, a simbologia e o serviço ao outro, através do projeto solidário Melika-Huíla foram os meios de mediação entre o diálogo teológico-prático, no âmbito da PES.

Atualmente é emergente a necessidade desta reflexão pois continuar a celebrar hoje o Natal deve ser sinal de esperança, da mesma esperança com que o nascimento de Jesus foi anunciado ao longo do Antigo Testamento até ao momento em que se tornou realidade para o mundo.

A vinda de Jesus ao mundo responsabiliza a Humanidade em continuar o seu projeto. No entanto, a sociedade atual vive, grande parte dela, desligada da espiritualidade e submersa na superficialidade. Também é verdade que não se pode “fugir” da realidade, é neste e para este mundo que a Palavra de Deus tem de ser transmitida.

O recurso à simbologia representa uma forma de inculturação da fé no mundo atual. Ou seja, quando se tenta olhar para o invisível, o significado de simples e comuns sinais do dia a dia, vão para além do material, para além do que a vista humana alcança. Numa perspetiva cristã, é esse o caminho de Advento que se deve percorrer até ao renascimento, o Natal do eu.

Constata-se que a compreensão dos símbolos, numa leitura social e religiosa é mais fácil partindo do que é visível. Sendo assim, a simbologia pode ser considerada como caminho para a compreensão de conceitos/sentimentos mais subjetivos, tais como a fé.

Ser profeta hoje, nomeadamente professor de Educação Moral e Religiosa Católica é ser intermediário no diálogo entre o aluno e Deus, deixando-se interpelar pela Palavra de Deus procurando interpretar os textos sagrados à luz da fé, e do Espírito Santo sempre com uma linguagem adequada ao contexto e tempo em que nos encontramos.

«Do professor de EMRC esperamos o dinamismo que não esbarra perante as dificuldades, a humildade que tudo pondera sem nada impor, a alegria que predispõe e contagia [...] mas, sobretudo, o Amor que cria laços e tudo edifica.»³⁰⁴ Ensinar a esperança aos nossos alunos é um desafio conjunto pois «não aprendemos a esperar sozinhos. Para se alimentar, a esperança precisa necessariamente de um corpo, no qual os vários membros se ajudem e se reavivem uns aos outros [...] se esperamos é porque muitos dos nossos irmãos e irmãs nos ensinaram a esperar, mantendo viva a nossa esperança.»³⁰⁵

A esperança é uma das palavras, sentimento mais referenciado nos textos bíblicos dos manuais da disciplina de EMRC, especialmente na unidade letiva número dois “Advento e Natal”, do quinto ano. É essencial falar da esperança na escola pois precisamos de missionários da esperança hoje e amanhã. No coração do Evangelho está a esperança, com a ressurreição de Jesus é dever de todos nós, incluindo alunos e professores, sermos evangelizadores da esperança «com o seu modo de acolher, de sorrir, de amar.»³⁰⁶ É linda, a história da esperança na Bíblia que atravessa todo este livro sagrado, uma virtude que dá «uma força tremenda para caminhar na vida»³⁰⁷, como se viu desde Abraão e a promessa de Deus ao seu povo até ao mistério da encarnação de Cristo.

A linguagem do simbolismo é um caminho, a chave de leitura para a transmissão da mensagem bíblica de forma mais aliciante. Partindo dos símbolos reais, ou seja, os que são conhecidos dos alunos, o docente deve empregar ao seu significado, a Palavra de Deus.

³⁰⁴ Ecclesia, entrevista a António Madureira, acedida a 9 de novembro de 2019, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/a-disciplina-de-emrc-pode-ajudar-a-reinventar-o-sentido-da-vida-dos-alunos/>.

³⁰⁵ Papa Francisco, *Alegres na Esperança*, 40.

³⁰⁶ Papa Francisco, *Alegres na Esperança*, 123.

³⁰⁷ Papa Francisco, *Alegres na Esperança*, 17.

«A linguagem simbólica pode ser comparada a uma espécie de tecido com dois lados, o verso e o reverso, em que o lado da realidade deste mundo evoca, sugere, mais do que descreve, o lado oculto, espiritual das realidades divinas. »³⁰⁸ O livro sagrado da Bíblia contém inúmeros símbolos, permitindo várias interpretações numa língua e linguagem compreensível por quem se dirige, os alunos neste caso.

Cristo é o fundamento da esperança humana e a sua alma é o Espírito Santo, sem o qual não se pode ter esperança. Quando ele habita nos nossos corações tudo é mais fácil, porque não é fácil acreditar sem o Espírito Santo e muito menos saber esperar. «A esperança cristã não desengana», assim quem evangeliza é evangelizado, quem transmite a alegria da fé recebe mais alegria.

³⁰⁸ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 13.

Bibliografia

1. Fontes e documentos

Benedictus PP Bento XVI. «Encíclica Spe Salvi – Salvos na esperança». São Paulo: PAULUS Editora, 2007.

Carvalho, Cristina de Sá, *et al.* Programa de Educação Moral e Religiosa Católica., Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC), 2014.

Colégio do Amor de Deus (CAD). «Projeto Curricular 2017-18», acessido a 9 de novembro de 2018. <https://cad.edu.pt/o-colegio/projeto-curricular/>.

Colégio do Amor de Deus. «Projeto Educativo 2017-18», acessido a 10 de novembro de 2018. <https://cad.edu.pt/o-colegio/projeto-educativo/>.

Concilio Ecuménico Vaticano II. «Constituição dogmática: *DEI VERBUM*», acessido a 12 de julho de 2019. http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html

Concilio Ecuménico Vaticano II. Constituição Pastoral: *Gaudium et Spes*, acessido a 2 de novembro 2019. http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html.

Religiosas do Amor de Deus, Província de Portugal, «Missão». acessido a 2 de novembro de 2018, <http://www.amordedeus.net/quem-somos/missao:995>.

Santos, D. António Francisco dos. «A Hora da EMRC na Missão Jubilar». Nota Pastoral, Aveiro, 24 de junho de 2012.

Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC). «Conta Comigo - Manual do 5º ano». Lisboa: SNEC, 2018.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. «Serei meu Povo - guia do catequista». Lisboa: SNEC, 2011.

YOUCAT. Catecismo Jovem da Igreja Católica. Lisboa: PAULUS Editora, 5ª edição, 2013.

2. Estudos e ensaios

Alarcão, Isabel & Tavares, José. *Supervisão da Prática Pedagógica – Uma Perspetiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Ebook. Coimbra: Edições Almedina, 2ª edição, 2015.

Alves, Herculano. *Simbolos na Bíblia*. Fátima: Difusora Bíblica, 2001.

Ambrosio, Juan. «As religiões na escola». *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, nº2, julho 2014, acedido a 19 de novembro de 2019.

<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cienciareligioes/article/view/4651>.

Ambrosio, Juan. «Finalidades, domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares». *Pastoral Catequética*, 31-32, (2015): 63-81.

Arends, Richard. *Aprender a Ensinar*. Madrid: McGraw-Hill, 2008.

Ataíde, Maria João. «A criança e a descoberta espiritual de si», *Revista Catequética*, (Lisboa: SNEC, nº7, 2007), 23-32.

Azevedo, Tiago. «Função simbólica - Piaget». 6 de maio de 2016, acedido a 20 de outubro de 2019. <https://psicoativo.com/2016/05/funcao-simbolica-piaget.html>

Belotti, Giuseppe & Palazzo, Salvatore. *A coragem de educar*. Porto: Edições Salesianas, 2012.

Bergoglio, Jorge Mario. *Educar para uma Esperança Ativa*. Lisboa: Paulinas Editora, 2015.

Cabral, Helena Sacadura. *Tempo de esperança*. Lisboa: Editora Clube do Editor, 2019.

Cardoso, Jorge Rio. *O Professor do Futuro*. Lisboa: Guerra e Paz, Editores, S.A., 2013.

Carvalho, Cristina Sá. «Pedagogia do Serviço-uma perspetiva de planificação e de Implementação». *Pastoral Catequética* 41, (2018): 49-130.

Carvalho, Cristina Sá. «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, edição 2014». *Pastoral Catequética*, 31-32, (2015): 29-61.

Costa, Manuel Queirós da. «Perspetivas sobre uma pedagogia bíblica para a catequese -7º e 8º catecismo». *Pastoral Catequética* 15, (2009):77-82.

Dorin, E. «Dicionário Técnico de Psicologia». São Paulo: Tese Editora S.A, Volume VI,1974.

Ecclesia. «A disciplina de EMRC pode ajudar a reinventar o sentido da vida dos alunos», acedido a 18 de fevereiro de 2019. <https://www.agencia.ecclesia.pt/portal/a-disciplina-de-emrc-pode-ajudar-a-reinventar-o-sentido-da-vida-dos-alunos/>.

Esteves, Tiago de Quadros. *Uma esperança para além de qualquer esperança*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2019.

Freitas, Manuel da Costa. «Enciclopédia Logos». Lisboa: Editora Verbo, volume 2, 227.

Henriques, Fernanda. *Igualdades e Diferenças – Propostas pedagógicas* (Porto: Porto Editora, 1994).

Kuzma,C.A. «A Esperança cristã na “teologia da esperança”», *Revista Pistis Praz, Teologia Pastoral*. Curitiba, volume 1, nº 2.

Linda, D. Manuel. «O docente de Educação Moral e Religiosa Católica e o “novo discurso sobre a credibilidade do Evangelho” (EG 132)». *Pastoral Catequética* nº 31-32, (2015):107-119.

Lourenço, João. «Dimensão profética da EMRC- A Escola, o Docente, o Educando-Sinais proféticos da EMRC». *Pastoral Catequética*, 31-32, (2015):121-131.

Martins, D. Manuel, Bispo de Setúbal. *Pregões de Esperança*. Setúbal: Cáritas Diocesana, 1997.

Mendonça, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2016.

Metz, Johannes Baptist. *Pobreza em Espírito - o advento de Deus* (Lisboa: Moraes editores,1968).

Moltmann, Jurgen. *Teologia da Esperança*. São Paulo: Editora Herder, 1971.

Neves, Joaquim Carreira das. «As razões da nossa esperança», Semana de Estudos Teológicos, Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa (Lisboa: Editora Rei dos Livros, 1998).

Papa Francisco, *Alegres na Esperança: Catequeses sobre a Esperança Cristã*. Lisboa: Paulus Editora, 2019.

Piaget, Jean. *Para onde Vai a Educação?* Lisboa: Coleção Biblioteca do Educador, Livros Horizonte, 1990.

Piaget, Jean. *Psicologia e Educação* – Organização de Veda P. Varma & Phillip William, (Braga: Moraes editores, 1979).

Power, Teresa. *A Árvore de Jessé*. Lisboa: Editora Paulus, 2018.

Power, Teresa. *Via Stellae*. Lisboa: Editora Paulus, 2018.

Religiosas do Amor de Deus, Província Portuguesa. «Missão», acedido a 2-11-2018. <http://www.amordedeus.net/quem-somos/a-missao:995>.

Rodrigues, Luís. «Desenvolvimento sociomoral e religioso na infância». Pastoral Catequética 44, (2019): 63-73.

Rodrigues, Luís. «Perspetivas sobre uma pedagogia bíblica para a catequese- 4º a 6º catecismo». Pastoral Catequética 15, (2009):59-76.

Saint-Exupéry, Antoine de. *O Príncipezinho*. Porto, Porto Editora, 2015.

Silva, Ana. «Natal, a Celebração da dádiva». Tese de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Teologia da Universidade Católica, 2017.

Souza, Elias. Jesus e o Pequeno Príncipe. E-book, Editora Ave Maria.

Sousa, João António de. *A Esperança Cristã e as Esperanças dos Homens*. Livraria Sampedro, 1998.

Tamayo, Juan. «Novo Dicionário de Teologia». Editora Paulus, 2009.

Teixeira, Alfredo. «Manual e transmissão cultura». Pastoral Catequética 31-32, (2015): 139-153.

Vaticano News. «Santa Sé: ignorância e preconceitos favorecem o antissemitismo». 07-02-2019. <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-02/santa-se-osce-antisemitismo-bratislava.html>.

Anexo 1 – Planificação da Unidade Letiva segundo o Programa de EMRC



Anexo II – Distribuição das unidades letivas do 5º ano por trimestre

DOMÍNIOS METAS

RELIGIÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa. B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. C. <i>Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.</i> D. <i>Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.</i>
---	--

CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA	E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas. G. Identificar os valores evangélicos. H. <i>Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.</i> I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade. J. Descobrir a simbólica cristã. K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso. L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.
--	---

ÉTICA E MORAL	M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais
----------------------	---

ÉTICA E MORAL	M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. N. Promover o bem comum e o cuidado do outro. O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.
----------------------	---

51

As metas curriculares em itálico não foram consideradas para o 2.º ciclo do EB.

Unidades Letivas

• 5º ano

UL1: Viver juntos

UL2: Advento e Natal

UL3: A Família, Comunidade de Amor

UL4: Construir a Fraternidade

5º ANO | Unidade Letiva 2 - Advento e Natal

METAS

A. Compreender o que são o fenômeno religioso e a experiência religiosa.

G. Identificar os valores evangélicos.

OBJETIVOS

1. Reconhecer que Deus é sempre fiel à sua Aliança.

2. Interpretar textos bíblicos sobre a esperança de Israel.

3. Reconhecer em Jesus a nova Aliança de Deus com a Humanidade.

4. Compreender o sentido do Advento.

5. Identificar as figuras do Advento.

6. Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus.

P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.

L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.

7. Promover o valor da esperança na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus.

5º ar

56

UL 2 - Advento e Natal

CONTEUDOS

- Deus é sempre fiel à sua Aliança.
-
- A grande esperança de Israel, Deus está atento às necessidades do seu povo:
 - Ex 3,7-10: “Vi... ouvi... conheço... desci”;
 - Jr 31,31-33;
 - Is 9,1-6; 11,1-9.
-
- O nascimento de Jesus: a Palavra e o amor de Deus que chegam até nós.
 - Mt 1, 18-25.
 - A nova Aliança, Jesus, o cumprimento da esperança de Israel:
 - Mt 26,26-28;
 - Lc 22,20.
-
- O Advento: tempo de espera e de esperança.
-
- As figuras do Advento, modelos de quem espera o Senhor que vem:
 - João Baptista;
 - Maria, a mãe de Jesus.
-
- Jesus, o Salvador; Emanuel, Deus connosco na história.
 - Jesus encarna numa realidade histórica: Jo 1,1-4.14.
 - A Palestina do tempo de Jesus: situação geográfica, política e social.
-
- Jesus veio para nos salvar: o significado da esperança cristã.
 - A construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com o projeto de Jesus.
-

Anexo II

 Colégio Amor de Deus	
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA 2018/2019	
Planificação Nível 1 e 2 – 5.º Ano	

3ª f Dias	N.º de Aulas	Unidades letivas	Conteúdos
25set	1º Período 12	UL 1 - Viver Juntos	Apresentação. Atividade de diagnóstico de conhecimentos.
2out		UL 1 - Viver Juntos	A mudança, uma constante na vida; Mudança de ano, de ciclo de ensino, de escola, de um professor para muitos professores.
9 out		UL 1 - Viver Juntos	Abraão, modelo de pessoa em caminho de mudança e crescimento interior.
16 out		UL 1 - Viver Juntos	Os grupos onde me insiro; Características dos grupos; Integração nos grupos; Critérios éticos de seleção.
23 out		UL 1 - Viver Juntos	Deus tem iniciativa a de estabelecer uma aliança com a Humanidade; <i>Os cristãos aprendem com Deus a comprometer-se numa vida com os outros, estabelecendo alianças de forma generosa e desinteressada.</i>
30out		UL 1 - Viver Juntos	A Aliança é condição facilitadora da relação entre as partes; Os valores essenciais para a convivência.
6nov		UL 1 - Viver Juntos	A necessidade de se estabelecerem regras de convivência e as consequências da sua não aplicação; Querer viver de forma pacífica com os outros: construir uma aliança de convivência para a turma e a escola; Consolidação de conhecimentos.
13 nov		UL 1 - Viver Juntos	<i>Avaliação de conhecimentos</i> - Teste
20 nov		UL 2 - Advento e Natal	Entrega e correção do Teste.
27nov		UL 2 - Advento e Natal	Deus é sempre fiel à sua Aliança; A grande esperança de Israel, Deus está atento às necessidades do seu povo.
4 dez		UL 2 - Advento e Natal	O nascimento de Jesus: a Palavra e o amor de Deus que chegam até nós; A nova Aliança, Jesus, o cumprimento da esperança de Israel.
11dez		UL 2 - Advento e Natal	O Advento: tempo de espera e de esperança. As figuras do Advento, modelos de quem espera o Senhor que vem: João Baptista; Maria, a mãe de Jesus.
		UL 2 - Advento e Natal	Autoavaliação, Atividade de Natal.
Interrupção Letiva do Natal			

8 jan	2.º Período 12	UL 2 - Advento e Natal	Jesus, o Salvador, Emanuel, Deus conosco na história; Jesus encarna numa realidade histórica.
15 jan		UL 2 - Advento e Natal	A Palestina do tempo de Jesus: situação geográfica, política e social; Jesus veio para nos salvar: o significado da esperança cristã.
22 jan		UL 2 - Advento e Natal	Jesus veio para nos salvar: o significado da esperança cristã; A construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com o projeto de Jesus.
29 jan		UL 2 - Advento e Natal	Consolidação de Conhecimentos
5 fev		UL 2 - Advento e Natal	<i>Avaliação de conhecimentos</i> - Teste
12 fev		UL 3 - A Família, Comunidade de Amor	Entrega e correção do teste; As funções da família; A família é ...
19 fev		UL 3 - A Família, Comunidade de Amor	O Projeto de Deus para a família na mensagem bíblica.
26 fev		UL 3 - A Família, Comunidade de Amor	Comunhão de pessoas que vivem no amor.
12 mar		UL 3 - A Família, Comunidade de Amor	Participação e corresponsabilidade na vida em família.
19 mar		UL 3 - A Família, Comunidade de Amor	O lugar dos mais velhos na família.
26 mar		UL 3 - A Família, Comunidade de Amor	O lugar dos mais velhos na família.
2 abr		UL 3 - A Família, Comunidade de Amor	O lugar dos mais velhos na família.
		UL 3 - A Família, Comunidade de Amor	O lugar dos mais velhos na família.
23 abr		UL 3 - A Família, Comunidade de Amor	Autoavaliação/ Atividade sobre a Páscoa.
30 abr		Interrupção Letiva da Páscoa	
7 mai		UL 3 - A Família, Comunidade de Amor	Atividade de consolidação de conhecimentos.
14 mai	3.º Período 9	UL 4 - Construir a Fraternidade	O significado da palavra fraternidade e o seu alcance social e religioso; Somos todos irmãos.
21 maio		UL 4 - Construir a Fraternidade	Deus, como Pai, ama a todas as pessoas; Os primeiros cristãos propõem-nos uma comunidade modelo;
28 maio		UL 4 - Construir a Fraternidade	O mal, fragilidade e ameaça à fraternidade, que vai contra a dignidade e a felicidade da pessoa; A mensagem cristã sobre o perdão.
4 jun		UL 4 - Construir a Fraternidade	Construir um mundo fraterno promovendo a concórdia nas relações interpessoais;
11 jun		UL 4 - Construir a Fraternidade	A regra de ouro; Propostas para promover o bem comum e o cuidado do outro na nossa vida.
18 jun		UL 4 - Construir a Fraternidade	Consolidação de Conhecimentos

